

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU
EDUARDO RODRIGUES DA SILVA

HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E VIVERES DE TRABALHADORES EM
SÃO FRANCISCO/MG (1970-2010)

Uberlândia
2013

EDUARDO RODRIGUES DA SILVA

**HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E VIVERES DE TRABALHADORES EM
SÃO FRANCISCO/MG (1970-2010)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História na Linha de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História.

Área de concentração: História Social

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Célia Rocha Calvo.

Uberlândia

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586h Silva, Eduardo Rodrigues da, 1987-
2013 Histórias, memórias e viveres de trabalhadores em São Francisco/MG
(1970-2010) / Eduardo Rodrigues da Silva. -- 2013.
142 f. : il.

Orientadora: Célia Rocha Calvo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em História.
Inclui bibliografia.

1. História - Teses. 2. História social - Teses. 3. Trabalhadores - São Francisco (MG) - História - Teses. 4. São Francisco (MG) - Usos e costumes - Teses. 5. São Francisco (MG) - História - Teses. I. Calvo, Célia Rocha. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930

Eduardo Rodrigues da Silva

**HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E VIVERES DE TRABALHADORES EM
SÃO FRANCISCO/MG (1970-2010)**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Célia Rocha Calvo (orientadora)

Prof^a. Dr^a. Rejane Meireles Amaral Rodrigues - UNIMONTES

Prof^o. Dr^o. Sérgio Paulo Moraes - UFU

**Uberlândia
2013**

*À minha mãe
Elena e ao meu pai
Sebastião*

AGRADECIMENTOS

Não cheguei aqui sozinho, a produção desta dissertação foi possível apenas porque envolveu o trabalho de muitas pessoas. Essa experiência valeu a pena a cada instante. Foram dois anos de muito amadurecimento, pesquisas, inquietações, descobertas e realização pessoal e profissional. Em primeiro instante, agradeço a Deus por me conceder o privilégio de mais uma conquista de vida.

A minha orientadora e professora Célia Rocha Calvo, primeiro pelo seu exemplo de professora competente que levarei por toda a minha vida. Segundo pela paciência, atenção e dedicação na orientação desta pesquisa possibilitando meu amadurecimento enquanto professor/pesquisador. Obrigado!

A todos os professores da linha de pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais que participaram dessa minha trajetória acadêmica. As discussões promovidas nas disciplinas cursadas ajudaram-me a pensar várias questões do trabalho.

Aos professores Rejane Meireles e Sergio Paulo muito obrigado pelas considerações pontuais durante a banca de qualificação e também na defesa.

A CAPES por possibilitar a realização dessa dissertação de mestrado, concedendo-me uma bolsa de estudos com a qual pude me dedicar a essa pesquisa.

Aos entrevistados: José, de Denailde, Alice, Rosa, Joaquim Messias, Raimundo, Sebastião, dona Ana, Marcos, Zilda, Maria Helena, Geralda, Antônio, Pedro e Eliza, que me confiaram suas memórias e que, em um diálogo constante comigo, foram trazendo suas vivências e modos de vida na cidade de São Francisco. Agradecimento a ONG Preservar pelo acesso ao acervo de jornais e fotografias.

Aos funcionários e professores do curso de História da Unimontes, Campus de São Francisco. Ao professor Roberto Mendes por sua contribuição indispensável à minha formação intelectual ao longo de toda a minha trajetória, desde os tempos da graduação. A professora Filomena Cordeiro pela sua atenção e orientação durante a escrita do projeto dessa pesquisa.

Aos meus colegas da graduação, que se tornaram verdadeiros amigos. Aos colegas da turma 2011de mestrado, com os quais refleti, dialoguei e aprendi. Ao amigo Valmiro que me fez acreditar que cursar o mestrado é um sonho possível. Nunca esquecerei seu

apoio e estímulo. Ao Auricharme pelas conversas de incentivo e por estar sempre à disposição para qualquer ajuda. Obrigado pelo apoio constante.

Ao Tadeu pelas sugestões e acolhida me fazendo sentir em casa na minha nova cidade, Uberlândia. A Aparecida pela sua ajuda. Agradeço a todos os amigos e amigas que estiveram ao meu lado, dando força e ajudando de alguma maneira a realização deste trabalho, são eles: Saulo Jackson, Valéria, Luciano, Ramon e Moises.

Aos meus pais Elena e Sebastião que, para verem os sonhos de seus filhos realizados, muitas vezes, abriram mão de seus próprios sonhos. São os meus pilares, saibam que o exemplo de vocês faz com que acredite que a conquista pode ser conseguida com persistência e amor.

Ao meu irmão Vital Neto e sua esposa pelo apoio. Aos meus sobrinhos Victor Davi e Mateus com seus gestos e sorrisos me ajudaram a tornar a vida mais leve e graciosa. A minha avó Carmelita que foi para o céu há poucos dias antes dessa dissertação ser finalizada. Saudades. Ao meu avô Furtuoso, a quem tenho muito respeito e admiração. À minha querida avó materna Joana, sempre presente em minha jornada. Obrigado pelo seu carinho, preocupação e amor. A todos os meus tios e tias, primos e primas pelo apoio constante às minhas decisões.

À minha amada esposa e companheira Leila, pela compreensão e amor nos momentos de cansaço, fadiga, humores alterados por conta de horas e dias de ausências e viagens. Mulher que renova minha felicidade dia após dia. Você é a minha vida. Te Amo!

Enfim, minhas desculpas àqueles que a memória não me ajuda agradecer nesse instante, muitíssimo obrigado.

RESUMO

Nesta pesquisa, as memórias sobre brincadeiras são o ponto de partida para se chegar ao que realmente nos interessa, isto é, aos sujeitos da cidade de São Francisco, MG, com seus viveres, suas lembranças, suas histórias e seu entendimento sobre a realidade vivida. Em São Francisco, as memórias e histórias dessas pessoas, carregadas de experiências sociais vividas na cidade, não se encontram inseridas ou registradas nos livros ou jornais que “contam” a história tida como oficial da cidade. Nessas produções, o Rio São Francisco, a navegação, as intervenções urbanas e a história política e econômica são destacadas, desconsiderando as práticas socioculturais dos moradores. Essas versões dominantes e cristalizadas desqualificam os processos sociais vividos pelas pessoas, transformam o Rio em personagem, agente de um mito fundador, atribuindo a ele apenas valores econômicos. Então, preocupado em trazer outras histórias e outra cidade diferente daquela já consolidada pela memória dominante, busquei considerar os significados imprimidos por outros agentes históricos sobre a cidade de São Francisco, enfatizando suas experiências sociais e as suas diferenciadas memórias, não os enxergando apenas como estatísticas, números ou gráficos, mas como pessoas ativas no processo de produção da cidade. Nesse movimento, busco valorizar e, ao mesmo tempo, produzir *outras memórias e histórias* que permitem refletir sobre o valor social atribuído ao Rio São Francisco e também aos viveres em São Francisco, sob o prisma dos sujeitos históricos que os constroem. Ao enfrentar esse desafio, assumimos o compromisso de abrir espaços para outras versões no intuito de chamar a atenção para o que não é evidenciado.

PALAVRAS-CHAVE: cidade, memórias, histórias, viveres, Rio São Francisco.

ABSTRACT

In this research, the memories of games are the starting point to get to what really interests us, that is, the people of the city of San Francisco, MG, with their lives, their memories, their stories and their understanding of the lived reality. In São Francisco, the memories and stories of these people, full of social experiences lived in the city, are not incorporated or registered in the books or newspapers that "tell" the story taken as official in the city. In these productions, the São Francisco River, its navigation, urban interventions and political and economic history are highlighted, ignoring the socio-cultural practices of the residents. These dominant and candied versions disqualify social processes experienced by people transform the Rio into a character, agent of a founding myth, giving it just economic values. Therefore, worried about bringing other stories and another city other than that already established by the dominant memory, I consider the meanings sought by other historical actors printed on the city of São Francisco, emphasizing their social experiences and their differentiated memories, not seeing them only as statistics, numbers or graphs, but as people active in the production process of the city. In this movement, I seek to value and, at the same time, to produce *other memories and stories* that allow reflection on the social value assigned to Rio São Francisco and also to the life in São Francisco, through the prism of historical subjects that built it. In facing this challenge, we are committed to open space for other versions in order to draw attention to what is not evident.

KEYWORDS: city, memories, stories, lives, Rio São Francisco.

LISTA DE MAPA E FOTOGRAFIAS

Mapa 1: Mapa urbano de São Francisco com destaque para a região habitada até o ano de 1980.....	41
Fotografia 1 - Vapor ancorado no porto da cidade de São Francisco.....	45
Fotografia 2: Imagem do coreto que foi demolido.....	52
Fotografia 3: A praça Oscar Caetano em 1968.....	55
Fotografia 4: A praça Oscar Caetano, que, após a reforma, em 1977, recebeu o nome de Praça do Centenário.....	56
Fotografia 5: Cais do porto década de 1980.....	74
Fotografia 6: lavadeiras lavando suas roupas na beira do Rio durante enchente de 1979.....	82
Fotografia 7: lavadeira e uma criança no Rio.....	86
Fotografia 8: Rua alagada pela enchente de 1979.....	95
Fotografia 9: Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes nos anos 1970.	114
Fotografia 10: Crianças e adultos no cais durante a procissão fluvial de Nossa Senhora dos Navegantes.....	115
Fotografia 11: em primeiro plano o boi e, ao fundo, a arquibancada montada para receber o público do II Festival de Boi de Reis em São Francisco.....	127

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO:	11
CAPÍTULO I:	
A Cidade e o Rio São Francisco: Processos e Produção de Memórias.....	35
CAPÍTULO II:	
<i>“As águas do Rio comandava a vida nossa”</i>: Outras Memórias, o Rio como Território dos Trabalhadores.....	69
CAPÍTULO III:	
Tempos do Brincar, do Rezar e do Festar: Memórias e Experiências de Trabalhadores.....	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	131
FONTES:	134
BIBLIOGRAFIA:	136

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa visa investigar as mudanças nos modos de viver da cidade de São Francisco - MG, a partir das memórias dos sujeitos. Busca também entender, por meio de suas lembranças, os significados dessas transformações nos modos de viver a/na cidade. E, ainda, compreender os sentidos e significados do Rio São Francisco no processo de vivências dessas pessoas.

Iniciei essa reflexão tendo como ponto de partida as memórias sobre as brincadeiras, tendo em vista que um dos pressupostos da pesquisa é que essas memórias vão além da simples descrição do ato de brincar, pois elas remetem também às culturas e aos modos de viver na cidade. Com o objetivo de lançar o olhar para além das mudanças nas brincadeiras e nas formas de brincar, busco analisar as memórias sobre brincadeiras com relação às transformações na vida urbana, nos costumes, nas experiências e práticas dos trabalhadores entrevistados.

Tendo a compreensão de que o historiador social não pode e nem deve se esquivar do seu tempo, conforme Déa Fenelon, o nosso compromisso é de refletir sobre a transformação do presente, principalmente para descobrir os significados atribuídos às mudanças.

Outra vez esta ideia bastante rica para nós historiadores de que o nosso objeto é a transformação, a mudança, o movimento, o interesse em saber como e por que as coisas aconteceram, principalmente para descobrir o significado e a direção da mudança¹.

Nesse propósito, enquanto pesquisador, trago inquietações, preocupações, indagações e ideias de minha época, ou seja, o passado é problematizado a partir de questões postas pelo presente. As questões que nos atormentam fazem com que o historiador dirija-se ao passado, pergunte as evidências, a fim de entender o que elas dizem e o que estão ocultando.

¹ FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? **Revista História e Perspectivas**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, n. 6, jan/jun 1992, p. 10.

Nesse momento, talvez você, leitor, esteja se perguntando: Mas por que os entrevistados foram provocados a falar sobre as suas memórias de brincadeiras? Para entendermos o porquê de os entrevistados terem sido provocados a falar sobre as suas memórias de brincadeiras, esclareço que esta investigação foi movida pelas minhas memórias e lembranças de infância vividas na cidade de Manga - MG. Nesse período, brincar todos os dias era algo vital. Diariamente, nos reuníamos nas portas de nossas casas e, logo, vinha à pergunta: Vamos brincar de que hoje?

Nasci e passei a minha infância e adolescência na cidade de Manga e, ao concluir o ensino médio, mudei-me para a cidade de São Francisco, a 170 km de minha cidade natal, para cursar a faculdade de História. Vivi nessa cidade até o término do curso, que teve a duração de quatro anos. Ambas as cidades são banhadas pelas águas do Rio São Francisco e estão localizadas no norte do Estado de Minas Gerais.

Enquanto estudante do curso de História, do campus da Unimontes, na cidade de São Francisco, curioso para conhecer um pouco sobre aquele novo local em que iria viver os meus próximos anos, passei a ler livros que me foram indicados sobre a cidade e a região. Ainda durante o primeiro período da graduação, a minha turma iria realizar um seminário sobre o patrimônio da cidade. Durante o processo de levantamento de fontes para o evento, tive contato com a obra dos memorialistas Brasileiro Braz, João Botelho Neto, João Naves de Melo, entre outros, além de fotografias, cartilhas e cartazes sobre a cidade.

No período do curso, morei em república com graduandos vindos de diversas cidades vizinhas. Em nossas conversas, os assuntos recorrentes eram nossas experiências, as brincadeiras, os amigos de nossa geração e a cidade na qual tínhamos passado a infância. Nessas rodas de conversas, as lembranças da infância trazidas pelas memórias estavam repletas de histórias. Entretanto, mesmo jovens, comecei a notar que um sentimento saudosista também se fazia presente. Pois, normalmente, chegávamos à mesma conclusão, dando exemplos das mudanças e do que estava acontecendo ao nosso redor naquele momento, ou seja, na cidade de São Francisco.

Falávamos que era muito difícil ver crianças brincando nas ruas da cidade como nós brincávamos nas nossas cidades, as brincadeiras já não eram mais as mesmas, dizíamos que as crianças hoje só pensam em brinquedos industrializados e eletrônicos e chegávamos a afirmar que não existia mais “criatividade infantil”.

Paulatinamente, esse assunto foi me despertando interesses e questionamentos. Em 2006, ao participar de uma oficina intitulada “*Jogos e Brincadeiras*”, fui amadurecendo a

ideia de pesquisar sobre essa temática. Simultâneo a tudo isso, na Universidade, cursava a disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa. Muito confuso e preocupado, busquei intensos e numerosos diálogos com o professor da matéria, o Roberto Mendes, e ele se mostrou interessado em me orientar sobre essas questões. Então, enfrentei meus medos e passei a me dedicar a um tema, aparentemente, estranho para alguns da área de história: “as brincadeiras”.

Decidido a pesquisar sobre ele, saí pelas ruas da cidade conversando com os moradores de diferentes idades, convidando-os a pensar comigo as inquietações que sentia naquele momento. Após algumas tentativas sem sucesso, percebi que deveria mudar minha estratégia. Então, procurei auxílio de amigos e conhecidos que moravam na cidade e somente assim consegui marcar as primeiras entrevistas. Elas foram produzidas nas casas dos entrevistados, nas ruas, no banco da praça e até em local e horário de serviço. Como fruto desses diálogos com os moradores, produzi o trabalho final de conclusão de curso.

Dessa forma, meus primeiros passos rumo a essa inquietação começaram ainda na graduação, que resultou na monografia intitulada: “*Brincadeiras Infantis em São Francisco/MG: Transformações e Memórias*”². Seu objetivo era analisar as mudanças e permanências nos modos de brincar na cidade.

As entrevistas produzidas para o trabalho final de graduação proporcionaram descobertas, curiosidades e lacunas que poderiam ter sido aprofundadas. Digo isso porque, durante a graduação, nas conversas com os entrevistados, eu, inexperiente, sem conhecer muito bem as “armadilhas” da memória e as metodologias para lidar com a fonte oral, comecei a me decepcionar com o que eles me diziam. Eu estava com uma visão unilateral, focada apenas nas brincadeiras.

As conversas eram imensamente prazerosas e curiosas, porém voltava para casa acreditando que, do ponto de vista dos propósitos da pesquisa de conclusão de curso, não ajudariam a “clarear muitas coisas”. Eu dialogava com os moradores a respeito das brincadeiras, e eles prontamente falavam sobre elas. Entretanto, também traziam outras evidências narrando sobre as experiências vividas e as suas relações cotidianas com o pai e a mãe, com os irmãos, amigos, vizinhos, no bairro, na rua em que viviam e moravam na cidade, em especial as práticas sociais ocorridas às margens do Rio São Francisco.

Naquele momento, não conseguia ver nesses relatos valor algum para os propósitos daquela pesquisa. Após finalizar o trabalho de conclusão de curso, comecei a ouvir

² SILVA, Eduardo Rodrigues. **Brincadeiras Infantis em São Francisco/MG: Transformações e Memórias**. (Monografia), Universidade Estadual de Montes Claros – Campus São Francisco. 2008.

novamente as entrevistas e foi aumentado o meu interesse em aprofundar as questões que anteriormente desprezava, como, por exemplo, atentar não somente para mudanças e permanências das brincadeiras, mas também para o processo de vivências que os entrevistados me relatavam.

Aquelas gravações que estavam destinadas ao arquivo do computador, esquecidas, revelaram-se de grande riqueza de evidências e significados das memórias sobre brincadeiras, envolvidas com os viveres, costumes e hábitos de São Francisco.

Assim, aos poucos, fui dando mais atenção à fala daquelas pessoas que em mim confiaram para recordar suas memórias e, nesse processo de amadurecimento, o projeto de pesquisa para o mestrado com suas problemáticas foi se delineando. Acredito que o projeto de pesquisa apresentado e aceito no programa de pós-graduação em História Social da UFU seja uma maneira de assumir o compromisso social do historiador com a sociedade, principalmente com os sujeitos que nela vivem.

Nesse processo de reflexão, construído por meio das disciplinas cursadas na *Linha de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais*, fui entendendo que os sujeitos, ao recordarem as brincadeiras e as suas práticas, não as dotavam somente de significados lúdicos, mas por meio delas lembravam-se dos modos de se divertir, de trabalhar, de morar, de aprender, de se relacionar e de viver.

Aos poucos, com análise mais atenta das fontes, leituras sugeridas pela Linha de Pesquisa e conversas com a professora orientadora, Célia Rocha, fui deixando de procurar confirmações já predeterminadas sobre o assunto. A partir daí, busquei nas entrevistas, não uma resposta ou confirmação, mas sim as tensões e as tramas dos viveres da cidade de São Francisco.

As discussões realizadas em sala de aula trouxeram contribuições e forneceram referenciais fundamentais para a consolidação da problemática, pois comecei a atentar para o que as pessoas apontavam e não somente para as minhas preocupações. Fui me refazendo juntamente com a pesquisa e sua problemática, enfim, com o movimento da pesquisa histórica, à medida que revi minha maneira de pensar a História.

A escolha de tal temática mantém a coerência que vem norteando o pensamento da Linha de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais do Programa de Pós-Graduação em História, que procura ampliar seu campo de discussões e pesquisas por compreender os desafios do tempo presente e da História Social. As reflexões trazidas por Calvo, Cardoso e Almeida apontam a importância de estudar:

(...) as temáticas que tratam da constituição dos espaços e territórios urbanos, das relações sociais entre moradores e de seus modos de construir e viver o cotidiano da cidade... Com o objetivo de identificar e analisar, nas propostas de alteração e reformas urbanas, os significados das diversas experiências sociais e, portanto, das várias memórias e das várias histórias das cidades e de seus moradores³.

Foi com essa perspectiva que procurei construir um conhecimento histórico que tivesse como foco o diálogo com as experiências de trabalhadores, moradores da cidade.

Dessa maneira, o foco escolhido torna-se relevante por trazer não apenas as concepções dos dirigentes locais, mas também por destacar outros agentes, trabalhadores que vivenciaram uma tradição, sua permanência e transformações, “*o que equivale trazer para o campo da história aqueles que são referidos apenas como coadjuvantes (...)*”⁴.

Ao buscar uma reflexão teórica e metodológica no campo da História Social, enquanto sujeito da pesquisa, parto de um lugar social que está em constante processo de transformação. E foi desse lugar social, e do meu incômodo com as transformações vividas pelos moradores em seu viver, que levantei um suposto de investigação.

Dessa forma, devemos nos preocupar com as relações estabelecidas por sujeitos distintos, como essas pessoas se envolveram ou não com os conflitos sociais e mudanças cotidianas e, mais, analisar suas culturas, hábitos, costumes, sociabilidade, divertimentos, práticas sociais, sentimentos, religiosidade, enfim, todos os aspectos dos seus modos de vida.⁵

Segundo Déa Fenelon, a História Social, embora muitos pensem assim, não é uma história especial ou uma disciplina separada. “*Mas toda a História de um ponto de vista social*”⁶, isto é, uma pesquisa que se preocupa com a totalidade (cultura, economia e política) sem fragmentações. Nesse sentido, pude perceber a impossibilidade de refletir

³ CALVO; CARDOSO; ALMEIDA. **Trabalho e movimentos sociais:** memórias e produção historiográfica. In. CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco; MACHADO, Maria Clara Tomaz. (orgs) **História:** narrativas plurais, múltiplas linguagens. Uberlândia: EDUFU, 2005, p. 16

⁴ CALVO; CARDOSO; ALMEIDA. **Trabalho e movimentos sociais:** memórias e produção historiográfica. In. CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco; MACHADO, Maria Clara Tomaz. (orgs) **História:** narrativas plurais, múltiplas linguagens. Op. Cit. p. 14.

⁵ KHOURY, Yara Aun. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: ALMEIDA, Paulo Roberto; MACIEL, Laura Antunes; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). **Outras histórias:** memórias e linguagens. São Paulo: Olho D'Água, 2006.

⁶ FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? **Revista História e Perspectivas.** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, n. 6, jan/jun 1992, p. 14.

sobre as memórias de brincadeiras infantis em São Francisco fora dos movimentos e trajetórias dos sujeitos na cidade.

Segundo Fenelon, ao trabalhar com o suposto da totalidade, ou seja, as atividades humanas em todas as suas dimensões, a história deixa de ser homogênea, linear, evolucionista e se abre para o campo de possibilidades.

Nesse sentido trazer as memórias e histórias dos trabalhadores sobre suas práticas em São Francisco para o campo da História é refletir sobre seus modos de viver e interpretar as mudanças na vida social da cidade. É refletir sobre os valores que têm os espaços lembrados nessas vivências, como falar do coreto da praça, das ruas de terra, das asfaltadas, da lagoinha, dos barrancos do Rio São Francisco, dos quintais, terrenos baldios, dos campos de várzea, do surgimento dos novos bairros, das mudanças ocorridas nessas relações vividas, isto é, nos seus modos de trabalhar e de divertir na cidade.

Fui então percebendo que essas memórias traziam significados articulados a suas experiências sociais, portanto seus modos de significar o tempo e, por meio dele, os espaços da cidade. Assim, pude notar que o processo investigativo é sempre uma construção, ele muda conforme os movimentos reflexivos do pesquisador, que tem que estar aberto para compor e mudar sua visão lançando novas e/ou diferentes perguntas às fontes. Conforme assinalam as historiadoras Vieira, Peixoto e Khoury, “*queremos assim dizer que o processo de investigação não cabe em esquemas prévios, e as categorias que servem de apoio ao trabalho serão construídas no caminho da investigação*”⁷.

Nesse processo de produção da escrita, algumas categorias foram incorporadas à análise - culturas, memórias, viveres e territórios -, entendendo, contudo, que esses não são conceitos prontos e acabados, mas, sim, problemas⁸. Pois a teoria não é uma ferramenta à parte, ela é constitutiva da pesquisa. Nesse sentido, Déa Fenelon nos alerta sobre a importância da construção da teoria que iremos utilizar, ao dizer que não devemos buscar modelos prontos, elaborados e explicativos, ou corremos o risco de construir castelos de areia⁹.

Ao pensar no objeto de estudo, tenho aprendido a ter cuidado, pois, não raro, trazemos para a pesquisa conceitos e termos sem antes analisar se a experiência admite usá-los em sua formulação original. Até porque o conhecimento deve partir das

⁷ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, M^a do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Aun. **A Pesquisa em História**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2005, p. 9.

⁸ Ver: WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

⁹ FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? **Op. Cit.** p. 16.

experiências humanas, e a teoria se atualiza nessa dinâmica, já que ela não é estática, está em constante mudança¹⁰.

Com tal entendimento, problematizar o significado das memórias exigiu-nos pensar como essa cidade tem sido vivida, pensada e lembrada. Devido às minhas vivências e leituras sobre a cidade, fui percebendo que aquilo que os sujeitos estavam me dizendo não fazia parte da história instituída, que é difundida nas escolas e eventos, nem dos registros que se oficializaram como “documentos da História” da cidade de São Francisco.

Nos encontros e conversas com os sujeitos desta pesquisa, eles se revelaram narradores, tal como entendidos por Benjamin, capazes de transmitir as experiências do vivido não apenas por eles, mas também por outros, pois, como diz o autor, o narrador não narra somente aquilo que vê, mas também narra suas experiências, o que aprendeu com elas, como elas foram se modificando. O bom narrador incorpora experiências dos outros e usa suas vivências e seus viveres para compor suas histórias. Dessa forma, a narrativa acaba sendo uma espécie de mergulho na vida do narrador, dentro de um espaço e em determinada temporalidade¹¹.

Os trabalhadores com os quais conversei trazem suas experiências sociais, de pescadores, pedreiros, pequenos agricultores, trabalhadores em serviços como lixeiros, artesãos, cabelereiras, cozinheiras, filhos de lavadeiras, canoeiros, doceiras, trabalhadores rurais: *Antônio Batista da Silva*, 69 anos, mecânico aposentado; *Ana Souza*, 67 anos, já foi lavadeira, empregada doméstica e cozinheira; *Eliza Delfino Martins*, 59 anos, funcionária pública; *Denilde Souza Alves*, 52 anos, professora, filha de pequeno agricultor e dona de casa; *Alice Cardoso da Cruz*, 46 anos, trabalha em uma escola, filha de carpinteiro; *Joaquim Messias Rodrigues de Queiroz*, 52 anos, artesão e folião; *Marcos Santos Soares*, 39 anos, filho de pequeno comerciante e doceira; *Maria Helena Rodrigues Santos*, 49 anos, dona de casa, filha de lavadeira e trabalhador rural; *Raimundo Ferreira*, 55 anos, pedreiro, filho de lavadeira e pescador; *Rosa Maria*, 50 anos, professora *Geralda Ribeiro dos Santos*, 48 anos, cabelereira; *Pedro Oliveira dos Reis*, 49 anos, vigilante; *Sebastião Ferreira de Souza*, 38 anos, pescador e pintor; *José S.*, 64 anos, pequeno agricultor e aposentado.

As memórias desses trabalhadores ou filhos de trabalhadores não estão presentes nas produções sociais que contam a história da cidade e região, tais como os livros

¹⁰ THOMPSON, E. P. O termo ausente. In: _____. **A Miséria da Teoria:** ou planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 180-200.

¹¹ BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: _____. **Obras Escolhidas:** magia e técnica, arte e política. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, v. 1, p. 197-221.

memorialistas, a imprensa local, as ruas, monumentos, obras, comemorações oficiais e cartilhas produzidas pela Prefeitura Municipal.

Nessas produções tidas como “oficiais”, o Rio São Francisco, as navegações, as intervenções urbanas e a história política e econômica são destacadas renegando as práticas socioculturais dos moradores. Essas versões dominantes e cristalizadas desqualificam os processos sociais vividos desses trabalhadores ao transformar o Rio em personagem, agente de um mito fundador, atribuindo a ele apenas valores econômicos.

Então, preocupado em trazer outras histórias e outra cidade diferente daquela já estabelecida pela memória dominante, busquei considerar os significados imprimidos por outros agentes históricos sobre a cidade de São Francisco, enfatizando suas experiências sociais e as suas diferenciadas memórias, não os enxergando apenas como estatísticas, números ou gráficos, mas como pessoas ativas no processo de produção da cidade. Ao enfrentar esse desafio, assumi o compromisso de abrir espaços para outras versões no intuito de chamar a atenção para o que não é evidenciado.

Ao chegar a essa compreensão, a problemática foi sendo construída e os objetivos da pesquisa tomaram novos rumos. Diante disso, esta investigação buscou compreender o valor social e os sentidos que o Rio São Francisco tem para os trabalhadores da cidade de São Francisco. Notei, aqui, que o Rio e a cidade estão imbricados em suas culturas, isto é, nos modos viver das pessoas.

A partir daí, entendo a relação do Rio com a cidade como território¹² das práticas, dos costumes e experiências sociais de diversos trabalhadores, uma vez que todos os entrevistados lembraram-se dele como lugar de suas experiências sociais, sejam elas ligadas ao trabalho ou à diversão.

Por esse motivo, busquei valorizar e, ao mesmo tempo, produzir *outras memórias e histórias* que permitam refletir sobre os sentidos atribuídos ao Rio e também aos viveres em São Francisco, sob o prisma dos sujeitos históricos que os constroem. Essas outras memórias fazem ressurgir o que foi camuflado e excluído, apresentando múltiplas verdades e versões à medida que os sujeitos vão reconstruindo seus fragmentos de memórias através de sua própria fala.

Ressaltamos que não é a nossa intenção inverter a história, ou seja, produzir uma história dicotomizada, do contra-argumento, ou sobrepor a memória popular à memória dominante. Conforme o Grupo de Memória Popular,

¹² ROLNIK, Rachel. “História Urbana: história da cidade?”. **Revista Cidade & História**, n. 12, 1994.

(...) gostaríamos de enfatizar que o estudo da memória popular não pode se restringir somente a esse nível. Este é necessariamente um estudo relacional. Deve-se incluir tanto a representação histórica dominante no âmbito público quanto procurar ampliar ou generalizar experiências subordinadas ou privadas. Como todas as disputas, deve haver dois lados. Nos estudos concretos, memórias privadas não podem ser facilmente desvinculadas dos efeitos dos discursos históricos dominantes. Muitas vezes são estes que suprem os próprios termos por meio dos quais uma história privada é pensada¹³.

Nessa perspectiva, o que nos importa é refletir sobre as memórias, que trazem os viveres entrelaçados com o Rio, com as mudanças, permanências, costumes e sociabilidades e como estão sendo significados e expressos nas culturas. Pois percorrer o passado é uma forma de refletir sobre o presente, buscando compreendê-lo nas tensões e contradições que constituem esse espaço: o Rio.

Alessandro Portelli analisa o massacre de Civitella e observa duas memórias sobre o tema, caracterizando-as como uma memória dividida. O autor salienta que o conflito entre essas duas memórias não requer do pesquisador um posicionamento de atribuir autenticidade a uma delas porque, na verdade, ambas são memórias fragmentadas ideológica e culturalmente mediadas¹⁴.

Nesse sentido, é importante se ter a consciência de que a memória não é retrato fiel daquilo que aconteceu, pois ela gira em torno da relação passado-presente/ presente-passado e está impregnada dos sentimentos dominantes de cada época, alterando-se de geração para geração. Coube, por isso, não pensar as memórias dos trabalhadores como uma memória popular separada das relações de poder, pois, conforme as leituras de textos de Stuart Hall, o termo popular possui muitos significados, nem todos eles úteis, fazendo com que seja mal analisado e compreendido de maneira equivocada. É necessário “*desconstruir o popular*” para que a cultura popular deixe de ser identificada em oposição à cultura de elite, ou como atrasada, conservadora, empecilho ao progresso, pois as veem erroneamente como estática e imóvel¹⁵.

¹³ GRUPO MEMÓRIA POPULAR. Memória Popular: teoria, política, método. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004, p. 286.

¹⁴ PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 103-130.

¹⁵ HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: _____ . **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG/UNESCO, 2003, p. 247-293.

Com tal compreensão, a história de São Francisco passou a ser compreendida a partir daquilo que ela tem de plural, e não de unitário e estável. Aqui, a cidade foi pensada como território imbricado nas culturas e memórias em disputas entre diversos grupos sociais antagônicos, tais como trabalhadores e poder público. Por esse ângulo, entendemos que, pelas relações de poder, a cidade é idealizada, modificada, reinventada ou conservada.

As mudanças sofridas nos viveres dos trabalhadores em São Francisco não podem ser vistas apenas como passividade ou derrota diante dos projetos dominantes. Uma vez que, em seu cotidiano, coexistem permanências, alguns costumes mudaram juntamente com a cidade, outros incorporaram novos elementos e ganharam novos significados. Portanto, os seus hábitos, costumes, crenças e práticas como culturas estão cheias de aspectos residuais e emergentes, usando termos de Williams.

Para uma melhor compreensão da vivacidade das práticas culturais que desafiam as hegemonias, o autor usa os termos de práticas residuais e emergentes. Nas suas palavras,

O residual, por definição, foi efetivamente formado no passado, mas ainda está ativo no processo cultural, não só como um elemento do passado, mas como um elemento efetivo no presente. Assim, certas experiências, significados e valores que não podem expressar ou verificar substancialmente, em termos da cultura dominante, ainda são vividos e praticados à base do resíduo – cultural bem como social – de uma instituição ou formação social e cultural anterior.¹⁶

A respeito do emergente, Williams afirma:

Por “emergente” entendo, primeiro, que novos significados e valores, novas práticas, novas relações e tipos de relação estão sendo continuamente criados. Mas é excepcionalmente difícil distinguir entre os que são realmente elementos de alguma fase nova da cultura dominante (e nesse sentido “específico da espécie”) e os que lhe são substancialmente alternativos ou opostos: emergente no sentido rigoroso, e não simplesmente novo. Como estamos sempre considerando relações dentro de processo cultural, as definições de emergente, bem como residual, só podem ser feitas em relação com um sentido pleno do dominante.¹⁷

¹⁶ WILLIAMS, Raymond. Dominante, residual e emergente. In: _____. **Marxismo e Literatura**. Rio De Janeiro: Zahar, 1979. p. 125.

¹⁷ WILLIAMS, Raymond. Dominante, residual e emergente. In: _____. **Marxismo e Literatura**. Op. Cit. p. 126.

Os registros produzidos sob o prisma da classe dominante, como a imprensa e os memorialistas, nos levam a pensar, de maneira enganosa, que os modos de vida dos moradores são folclore, manifestação, ou tradição “congelada” no tempo. As diversas práticas sociais, tais como lavar roupa e utensílios domésticos no Rio, descer e subir os barrancos com latas d’água na cabeça para abastecer os potes, brincar, rezar e divertir às margens do Rio, a folia do Boi entre outras, vêm passando por transformações, por isso não podemos nos limitar a analisá-las como simples sobrevivência do passado.

Com esse viés, parto da concepção de que é preciso compreender a cidade de São Francisco como local de práticas sociais diversas e conflitantes, território de viveres e não somente espaço físico.

Dessa maneira, esta pesquisa pretendeu alcançar esse objetivo por meio de análise das vozes dos diferentes sujeitos e suas distintas formas de experimentação da cidade. Pois, ao buscar outros sujeitos, entendo que a cidade é plural, por isso foi preciso:

(...) desenvolver a crítica a uma história da cidade que priorizava a atuação de urbanistas, administradores e políticos que, tidos como seus construtores, eram colocados acima das tensões e disputas que a engendram e constituem como espaço vivido. Isso implicou voltar nossa atenção para outros viveres e sujeitos que a normatização e a regulação buscam silenciar, negando suas práticas, tratando-as como atrasadas, inadequadas ou obstáculos ao progresso das cidades¹⁸.

Afastando-me da abordagem de enxergar São Francisco como um lugar homogêneo, busco nas indicações propostas por Calvo, ao pesquisar as muitas memórias da Cidade de Uberlândia, em Minas Gerais, a concepção de cidade como territórios constituídos pelas pessoas em seus mais variados viveres.

A historiadora busca a cidade a partir das lembranças dos lugares onde os sujeitos vivem, moram, trabalham e se divertem. Dessa forma, emergem outras memórias e histórias da cidade. Em sua pesquisa, Calvo esclarece:

Assim, a cidade que emerge neste texto está imbricada nos referentes culturais de sujeitos sociais, nas percepções e sentimentos de pertencimento social destes sujeitos, uma vez que falaram comigo sobre o

¹⁸ CRUZ, Heloisa Faria; PEIXOTO, M^a do Rosário, KHOURY, Yara Aun. Introdução. In: ALMEIDA, Paulo Roberto; MACIEL, Laura Antunes; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D’ Água, 2006, p. 14.

modo como sentiram e interpretaram os processos de mudanças no viver urbano a partir de suas lembranças e sentimentos, refletindo o tempo histórico e produzindo uma cartografia dos espaços e territórios que eram produzidos nos seus viveres, no trabalho, nas relações de vizinhança, no lazer, demarcados pelas suas memórias como referências de lugares que foram apagados da paisagem da cidade¹⁹.

Nesse aspecto, as lembranças dos moradores vão construindo uma São Francisco diversificada e composta por diferenças acentuadas sobre as mudanças, o cotidiano e o viver na cidade. Embora a década de 1970 apareça nas recordações como o início de modificações mais marcantes nas formas de viver a/na cidade, os narradores, em suas memórias, transitaram entre o presente e o passado. Até porque suas lembranças se iniciam dos momentos vividos na infância, por isso retratam suas vivências na cidade em períodos que antecedem os anos de 1970.

Durante as décadas de 1970 a 2010 São Francisco passou por significativas mudanças, muitas delas perceptíveis na paisagem urbana. Essas transformações no espaço urbano provocaram alterações nos modos como os moradores usam esses lugares. A partir de 1970 os dirigentes de São Francisco começam a se preocupar com a estética urbana, com isso, a cidade passa por uma série de reformas, remodelações, expansão e “organização” dos espaços. Neste contexto, as intervenções urbanas surgem nas narrativas como momentos em que os valores, as relações sociais e o viver na cidade também se modificam.

A inspiração que busco nessa perspectiva é no sentido de, através do estudo das memórias não hegemônicas e viveres, problematizar as múltiplas formas como a cidade é experimentada e disputada pelos moradores; e, a partir das memórias, trazer à tona histórias esquecidas e relegadas. No entanto, quem são estes moradores, sujeitos da pesquisa? Quais as memórias que possuem da cidade?

Para escapar da homogeneização, foram problematizadas entrevistas diversas, ou seja, de homens e mulheres, com idade de 30 a 70 anos, todas as pessoas entrevistadas têm em comum o fato de terem vivido sua infância em São Francisco e presenciado inúmeras mudanças da cidade. Dessa forma, foram estudados os enredos desses moradores no intuito de trazer à memória e buscar entender e traduzir, à luz das discussões da historiografia, os significados atribuídos ao processo social e histórico dos seus viveres.

¹⁹ CALVO, Célia Rocha. Muitas memórias, outras histórias de uma cidade. Lembranças e experiências de viveres urbanos em Uberlândia. In: FENELON, Déa e outros (Orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004, p. 157.

Não se buscou uma única versão, por isso a escolha de diversas memórias, para que pudessem emergir variadas histórias sobre a cidade. As memórias dos sujeitos entrevistados foram analisadas como algo conflitante, com significados diferenciados dentro de um processo e vinculado ao presente, mas que se articula com o passado.

Portelli, ao problematizar a respeito do “*poder da memória*”, nos inspira a levantar o seguinte questionamento: O que memórias sobre brincadeiras infantis podem revelar sobre uma cidade, seus costumes, sociabilidades e seus viveres? O que existe nas memórias sobre as brincadeiras? Quais lugares da cidade aparecem nessas lembranças? Por que esses lugares foram lembrados ou esquecidos? Como são apresentadas as diferenças nesses lugares?

Aos poucos, com suas lembranças advindas pelas memórias, as pessoas com as quais conversei foram me convidando e instigando a entrar em seu cotidiano, em suas práticas e relações experimentadas e construídas nas múltiplas temporalidades e espaços em que vivem. Eu, prontamente, não só aceitei o convite, como fiquei fascinado pelas memórias e histórias que ouvia.

Para a presente pesquisa, narrativas produzidas durante a graduação foram somadas a algumas entrevistas feitas durante o mestrado. Ao ouvi-las com outros questionamentos e um olhar diferente daquele do período em que foram produzidas, senti a necessidade de procurar os entrevistados pela segunda vez. Passo a passo, entre uma entrevista e outra, conversas com a professora Célia Rocha Calvo e em minhas “voltas” a observar a cidade foi possível definir melhor os objetivos da pesquisa.

Dessa forma, as memórias analisadas, com os recursos oferecidos pela História Oral, nos permitiram compreender como o presente é influenciado pelas permanências, rupturas e esquecimentos do passado.²⁰ A partir do presente, as memórias ativam o tempo e conferem ao passado sentidos diferenciados. E o papel do historiador consiste em interpretar e discutir esses diferentes sentidos dados ao passado, localizar suas mudanças e transformações, e não em consolidar verdades²¹.

Ao lidar com as narrativas orais, tenho percebido que as memórias nos levam a variadas temporalidades²². Sendo assim, o pesquisador social não deve ser ingênuo ao

²⁰ Sobre discussão referente à memória ver: GRUPO MEMÓRIA POPULAR. Memória Popular: teoria, política, método. In: FENELON, Déa Ribeiro et al (Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. Op. Cit. 282-294.

²¹ Com base em: PUENTES, J. A; GAVIDA, J. L. M. Historiografia: Construção de novas tendências teóricas. In: PORTO, Gilson Júnior. **História do Tempo Presente**. Bauru: EDUSC, 2007, p. 297-309.

²² PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Dea Ribeiro. (et. al.) **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004, p. 296-313.

analisar seus materiais, é preciso interrogar o dito e o não dito, e a fonte oral, como qualquer outro documento utilizado pelos historiadores, deve ser submetida à crítica.

Alessandro Portelli, em uma roda de conversa realizada na Universidade Federal de Uberlândia em 2011, afirmou que, “*em se tratando de narrativas orais, não se pode acreditar em tudo que os entrevistados dizem, ao mesmo tempo não podemos limitar o sujeito no que vai falar*”²³.

Acredito que as memórias revelam histórias, viveres, indícios de convivências, de sociabilidades e relações da cidade de São Francisco. Desse modo, as memórias de brincadeiras dos moradores/narradores constituíram o nosso ponto de partida para avançar em outros questionamentos sobre a cidade.

A narrativa oral é uma linguagem social, que desvenda as experiências vividas de cada sujeito, nos indicando os caminhos a serem seguidos e perseguidos para a construção de um conhecimento válido. Por isso, suscita inúmeras perguntas: Como lidar com materiais históricos, como a fonte oral e memórias, em uma perspectiva social? Como interrogar as evidências? Como lidar com o tempo na fonte oral? Como problematizar as memórias como objeto de estudo para o historiador?

Refletir sobre a natureza dessas fontes orais implica pensar sobre os procedimentos do historiador para a construção do conhecimento histórico. E as narrativas orais nos possibilitam investigar a complexidade do social. Diante disso, problematizamos as entrevistas não como verdades absolutas, mas como versões e perspectivas dos sujeitos entrevistados. Isso permite ao pesquisador examinar criticamente a sociedade em que vivemos.

Ao privilegiar a história oral, como diz Calvo, “*fazemos uma opção não por uma “nova fonte”, mas pelo diálogo com agentes sociais, cujas histórias foram ocultadas nos processos e circuitos da produção das memórias hegemônicas*”²⁴. Isso, entretanto, não nos exime de avaliações, questionamentos e interpretações.

Ao analisar as entrevistas produzidas, constata-se que as narrativas são pautadas nas experiências e práticas dos sujeitos moradores da cidade de São Francisco. Ou seja, elas, com suas memórias e histórias, expressam as experiências e trajetórias de cada um.

²³ PORTELLI, Alessandro. **Roda de conversa sobre “Memórias, globalização e história oral”**, realizada pela disciplina Estudos Alternativos em Trabalho e Movimentos Sociais e a Linha de Pesquisa em Trabalho e Movimentos Sociais do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, ocorrida no dia 21 de setembro de 2011.

²⁴ CALVO, Célia Rocha. Narrativas orais, fontes para investigação histórica: culturas, memórias e territórios da cidade. **Revista História e Perspectiva**. Uberlândia: EDUFU, v. 42, jan./jun.2010, p. 29.

Portanto, não se pode trabalhar com as fontes orais sem as noções de sujeitos históricos e experiências.

Assim busquei compreender os sujeitos históricos *“como pessoas vivas, que se fazem histórica e culturalmente, num processo em que as dimensões individual e social são e estão intrinsecamente imbricadas”*²⁵. Visei analisar as relações vividas na cidade por meio das fontes orais porque, *“no exercício da investigação histórica por meio do diálogo com as pessoas, observamos, de maneira especial, modos como lidam com o passado e como este continua a interpelar o presente enquanto valores e referências”*.²⁶

Segundo Calvo, a memória é uma força ativa, pois quem lembra está interessado em atribuir sentidos à vida social: *“ao narrar, as pessoas interpretam a realidade vivida, construindo enredos sobre essa realidade, a partir de seu próprio ponto de vista”*²⁷. Isso nos faz pensar que

Para os entrevistados, aceitar conversar sobre um tema referente à vida social, fazendo, portanto, dos seus referentes culturais, isto é “da sua vida, memória e história”, o elemento articulador do enredo, significa querer dialogar socialmente sobre os elementos que constituem em suas culturas – os modos como vivem/pensam e articulam em suas consciências - os significados compostos por suas memórias e como evidenciam por meio deles os sentimentos, regras, normas morais e efetivas, no presente-passado, nos viveres que constituem os territórios destas experiências sociais.²⁸

Quanto à experiência, sabemos da complexidade do termo, por isso busquei em Thompson suporte para analisar muitas questões, principalmente as experiências coletivas nos territórios de vivências de São Francisco. Ao considerar as memórias, brincadeiras e outras práticas sociais como experiências dos sujeitos, parto da noção de que todas as experiências passam por tensões. Sendo assim, com base em Thompson²⁹, além de considerar os instantes de se divertir e trabalhar como resultado de luta social, vejo-os como importante campo de vivências culturais locais.

²⁵ KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. **Revista Projeto História**. São Paulo, PUC, 2001, p. 80.

²⁶ KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias outras histórias: cultura e sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004, p.118.

²⁷ KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias outras histórias: cultura e sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (org.). **Muitas memórias, outras histórias**. Op. Cit. p. 118.

²⁸ CALVO, Célia Rocha. Narrativas orais, fontes para investigação histórica: culturas, memórias e territórios da cidade. In **Revista História e Perspectiva**. Op. Cit. p.17.

²⁹ THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Ao falar de suas brincadeiras de infância ou brincadeiras do período de seus filhos, primos ou sobrinhos, as expressões “o tempo de antigamente” ou “naquele tempo aqui na cidade” eram presentes nas falas. As memórias sobre as brincadeiras não apareciam soltas no espaço e, embora às vezes confuso, o tempo se mostrava nas narrativas.

Diante disso, o tempo se constitui nesta pesquisa como uma problemática, à medida que as narrativas nos levaram para várias temporalidades. Por esse motivo, seguiremos durante toda a pesquisa as demarcações de tempo aludidas pelas memórias.

Vale lembrar, porém, que a fonte oral é construída no momento do diálogo entre o pesquisador e o narrador, ou seja, as fontes não falam sozinhas. Sendo assim, o pesquisador, durante a produção das entrevistas, influencia e direciona a pesquisa, seja com perguntas, seja com comentários, o que revela a subjetividade na relação entre entrevistado e entrevistador.

Os relatos iniciados com as memórias sobre as brincadeiras levaram-nos por caminhos nos quais os modos de viver dos sujeitos na cidade estavam/estão imbricados com o Rio, por isso a pesquisa foi se constituindo de forma que a cidade e o Rio não podem ser estudados separadamente.

Desse ponto de vista, foi essencial estabelecer um diálogo com a historiografia³⁰. Roberto Mendes, ao estudar as regiões ribeirinhas nas proximidades de São Francisco e Januária, por meio de relatos de viajantes que por ali passaram no século XIX, ressalta ser preciso compreender que os habitantes das margens do Rio, da nascente até a foz, mesmo tendo-o como uma referência comum, constroem em cada espaço, localidade ou região sua própria historicidade. Segundo o autor, é *“como se disséssemos que apesar de ser a mesma água que banha todas essas localidades e suas populações, os sentidos e significados que cada uma dá a ela são distintos, específicos e historicamente construídos”*³¹.

Valmiro Ferreira Silva, na dissertação de mestrado *“Moradores do Bairro, Moradores da Cidade: reconstruindo vivências, Bairro Sagrada Família, São*

³⁰ Em 2011, foi publicado o livro “São Francisco em Perspectiva”, uma coletânea de artigos sobre a sociedade de São Francisco produzidos por graduados e pós-graduandos em História. Os artigos do livro, ao dar atenção aos “novos” sujeitos, personagens esquecidos, trabalhadores comuns que durante muito tempo foram renegados pela produção historiográfica tradicional, se tornou uma ferramenta importante para as reflexões apresentadas nesta pesquisa. Ver: SILVA, Valmiro Ferreira; BRITO, Saulo Jackson; SOUZA, Harilson Ferreira (Orgs.). **São Francisco em perspectiva**. Montes Claros: Unimontes, 2010.

³¹ PEREIRA, Roberto Mendes Ramos. Visões e Versões sobre um Espaço: As populações ribeirinhas do São Francisco, em Minas Gerais, aos olhos dos viajantes no século XIX. **Anais eletrônicos do V Simpósio Internacional de História: Culturas e Identidades**. Goiânia, GO: Universidade Federal de Goiás, 2011, p. 02.

Francisco/MG”, pesquisou a formação e os modos de vida desses moradores por meio de suas trajetórias. Além do viver no bairro, o autor aponta as formações coletivas pensadas por eles, como a busca por direitos³².

No diálogo com a historiografia, foram importantes as discussões trazidas por Saulo Jackson, em sua dissertação *Trabalhadores Ribeirinhos do Velho Chico: experiências, memórias e modos de vida em São Francisco-MG (1980-2012)*, na qual discutiu a constituição de modos de vida dos trabalhadores ribeirinhos em sua diversidade, destacando as suas trajetórias, as relações sociais, onde e como viviam, as alternativas que buscaram para o sustento de suas famílias, os significados, para eles, do trabalho e do viver na cidade³³.

Segundo Saulo a presença do Rio na cidade de São Francisco “*tem sido um grande vínculo que, até os dias atuais, garante a sobrevivência do ribeirinho atrelada às condições históricas e sociais, de forma específica, e traz a tona um conjunto de experiências diversas*”³⁴.

Ao refletir sobre memória e história, a coletânea “*Muitas Memórias, Outras Histórias*”³⁵ tem sido valiosa para o enfrentamento de trabalhar com memórias e histórias no plural. As memórias apareceram por intermédio das lembranças do Rio, das brincadeiras, dos costumes, das sociabilidades, das mudanças e expectativas sobre a cidade. Essas memórias, carregadas de histórias, partem do hoje, da relação presente-passado, das transformações, dos novos viveres e relações sociais vivenciadas por esses sujeitos no dia a dia de São Francisco.

Nesse sentido, a memória é entendida como um processo e não um depósito de dados, uma vez que as memórias, segundo Portelli, estão no campo do vivido, então permitem compreender os significados que os narradores atribuem às mudanças, à cidade, enfim, a suas vivências³⁶.

Conforme Heloísa Pacheco Cardoso, em seu artigo intitulado *Trabalhadores e Movimentos Sociais: debates na produção contemporânea*, a preocupação da História

³² SILVA, Valmiro Ferreira. **Moradores do bairro, moradores da cidade**: reconstruindo vivências. Bairro Sagrada Família. São Francisco, MG. (Dissertação de Mestrado) Instituto de História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, 2012.

³³ BRITO, Saulo Jackson de Araújo. **Trabalhadores ribeirinhos do Velho Chico**: experiências, memórias e modos de vida em São Francisco-MG (1980-2012). (Dissertação de Mestrado) Instituto de História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, 2012.

³⁴ BRITO, Saulo Jackson de Araújo. **Trabalhadores ribeirinhos do Velho Chico**: experiências, memórias e modos de vida em São Francisco-MG (1980-2012). Op. Cit. p.56.

³⁵ FENELON, Déa Ribeiro et al. (Orgs.) **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D’Água, 2004.

³⁶ PORTELLI, Alessandro. **Roda de conversa sobre “Memórias, globalização e história oral”**. Op. Cit.

social, como entendemos hoje, é enxergar as pessoas como sujeitos ativos que “*buscam seus espaços na dinâmica social que vivem e dela reinterpretem o passado*”³⁷.

Nesse ponto, a memória, ou melhor, memórias, são um campo fértil para o historiador se debruçar sobre as diversas experiências, inclusive as práticas sociais, dos sujeitos narradores. As memórias nesta pesquisa têm um papel fundamental, pois as memórias e histórias aqui são pensadas como um meio para entender os significados conferidos às mudanças e práticas sociais cotidianas existentes em São Francisco, uma vez que “*pensar a história dessa forma faz com que os historiadores se voltem também para o estudo do cotidiano e incorporem novas linguagens ao campo de seus interesses*”³⁸.

Analisamos as experiências do cotidiano por meio das fontes orais³⁹ expressas pelas memórias em diálogo com outras linguagens, como a imprensa local, fotografias, mapas, dados e obras memorialistas. Assim como a historiadora Heloísa Helena Cardoso, acreditamos que a pesquisa com a fonte oral, “*em conjunto com outras fontes, tem possibilitado a compreensão do social nas suas transformações*”⁴⁰.

Os historiadores trabalham com uma multiplicidade de fontes e os textos produzidos por memorialistas são relevantes registros para a investigação histórica. Sendo assim, não podemos negar a contribuição dessas obras, principalmente quando as usamos de maneira crítica como indícios de fontes, nas pesquisas com os mais diversificados temas sobre a história regional e local.

Na análise do processo social histórico, fez-se necessário problematizar a obra *São Francisco nos caminhos da História*, uma memória social dominante que ganhou autoridade como a principal fonte histórica da cidade. Com tendências ideológicas, o autor manipula o que deve ser lembrado e esquecido, emergindo em sua escrita uma cidade homogênea, tendo como principais personagens o Rio e os políticos locais. Essa versão, tida como a história “*oficial*” ou “*verdadeira*” da cidade, além de ser permeada por mitos

³⁷ CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. Trabalhadores e Movimentos Sociais: debates na produção contemporânea. In: BOSI, Antônio; VARUSSA, Rinaldo. **Trabalho e trabalhadores na contemporaneidade: diálogos historiográficos**. Cascavel: Eduioeste, 2011, p. 99-115.

³⁸ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, M^ª do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Aun. **A Pesquisa em História**. Op. Cit. p. 19.

³⁹ Se pensarmos neste trabalho como um estudo que tem como inspiração as reflexões em torno da história oral e as memórias, não podemos nos distanciar das discussões promovidas por historiadores e autores envolvidos nessa temática. Para nortear a trajetória da pesquisa com a história oral, autores como Alessandro Portelli, Déa Ribeiro Fenelon, Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado, Déa Ribeiro Fenelon, Yara Aun Khoury, Alistair Thomson foram de importância significativa e auxiliaram no processo de percepção e aproximação dos entrevistados, no conhecimento dos obstáculos e dificuldades apresentados ao pesquisador da história oral.

⁴⁰ CARDOSO, Heloísa Helena. Nos caminhos da História Social: os desafios das fontes orais no trabalho do historiador. **Revista História e Perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, v. 42, jan./jun.2010, p. 39.

e marcos, é reproduzida nas salas de aula, nas feiras científico-culturais realizadas pelas escolas do município, em cartilhas e *folders* distribuídos pela Prefeitura Municipal e, muitas vezes, até mesmo em monografias e artigos acadêmicos⁴¹.

Dessa forma, entendo que o livro de Braz constitui-se num importante material, na medida em que possibilita problematizar o processo de “*invenção da tradição*” da cidade de São Francisco. Pois, segundo Hobsbawn e Ranger, essas tradições inventadas, “*de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição*”⁴².

Ao exaltar alguns acontecimentos em detrimento de outros, percebe-se a ausência de agentes históricos, ou seja, daqueles que não pertenciam à elite da cidade. Nesse sentido, a obra se tornou importante para a pesquisa, pois possibilitou conhecer como o autor organizou a sua narrativa sobre a história da cidade e selecionou marcos relevantes a serem lembrados, contribuindo, assim, para o processo de formação, sob a ótica dominante, de uma memória única para São Francisco.

O livro foi publicado como parte integrante das festividades de comemoração do centenário da cidade de São Francisco, em 1977, momento em que a cidade começava a passar por várias intervenções em sua paisagem urbana. Na apresentação do livro, Braz explicita os fatores que o motivaram a escrever a história da cidade, deixando entender que, ao escrever o livro, estaria contribuindo para a preservação do patrimônio e das tradições do município.

Mas é penoso confessar que entre nós, nada se fez até aqui pela preservação das nossas mais caras tradições, pelo resguardo do nosso patrimônio histórico (...) Dentre tantos filhos ilustres que, aqui e lá fora, deram renome a essa terra de São Francisco, quer na ciência, quer nas artes, nenhum se lembrou de escrever uma página sequer sobre a história da terra que o viu nascer. Muita coisa já ficou, para sempre, velada pela escuridão dos tempos: o que nos resta agora não poderia ser diluído pela indiferença da nossa geração. Foi por isso que, com alegria na alma, resolvi oferecer esta minha modesta contribuição ao povo amigo de São Francisco⁴³.

⁴¹ Cabe ressaltar que, nos últimos anos, nas monografias produzidas por estudantes de História da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), campus São Francisco, é visível a busca de novos procedimentos metodológicos e teóricos da escrita da história. Gradativamente, artigos, monografias e dissertações vão se mostrando preocupados com o social e desconstruindo a visão hegemônica da história da cidade de São Francisco.

⁴² HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 14.

⁴³ BRAZ, Brasileiro. **São Francisco nos caminhos da História**. Belo Horizonte: Lemi, 1977, p.15.

O livro de Brasileiro Braz, entre outros registros consultados para esta pesquisa, tais como as fotografias e os exemplares do *SF, O Jornal de São Francisco*, foram encontrados no Núcleo de Pesquisa e Preservação do Patrimônio Cultural de São Francisco MG, (ONG PRESERVAR)⁴⁴.

Considereei importante trazer para essa pesquisa as fotografias, inspirado nos apontamentos de Olga Brites⁴⁵, Boris Kossoy⁴⁶ e Walter Benjamin⁴⁷. Ultrapassando seu mero aspecto ilustrativo, elas são usadas ao longo dos capítulos como documentos históricos que auxiliam como suporte de memórias das práticas sociais dos sujeitos e indicam valores culturais e relações de poder.

Conforme Kossoy, as imagens não são neutras, carregam consigo interesses e intenções.

Toda fotografia foi produzida com uma certa finalidade. Se um fotógrafo desejou ou foi incumbido de retratar determinado personagem, documentar o andamento das obras de implantação de uma estrada de ferro, ou diferentes aspectos de uma cidade, ou qualquer um dos infinitos assuntos que por uma razão ou outra demandaram sua atuação, esses registros – *que foram produzidos com uma finalidade documental* – representarão sempre um meio de informação, um meio de conhecimento, e conterão sempre seu valor documental, iconográfico⁴⁸.

As imagens fotográficas são registros sociais produzidos que trazem significados reveladores de disputas, conflitos, elucidando intervenções na luta pelo controle e direção da sociedade. Por isso, achamos por bem utilizá-las, entendendo-as como ação das atividades humanas, o que nos permitiu problematizar o cotidiano vivido.

As fotografias selecionadas pela ONG PRESERVAR e mantidas em seu arquivo foram aqui interpretadas como registros sociais sobre a cidade. Elas destacam as

⁴⁴ A ONG Preservar é um acervo mantido por professores e outros profissionais. Nesse acervo encontra-se um vasto campo de material sobre a cidade e outras localidades da região norte de Minas a partir do início do século XIX. A finalidade da ONG é auxiliar estudantes em pesquisas nas áreas de História, Geografia e outras.

⁴⁵ BRITES, Olga. Retratos de infância, infância, História e fotografia: São Paulo nos anos de 1930. In: ALMEIDA, Paulo Roberto; MACIEL, Laura Antunes; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). **Outras histórias, memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D'Água, 2006, p. 195, 196.

⁴⁶ KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2.ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

⁴⁷ BENJAMIN, Walter. "Pequena história da fotografia". In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. - (Obras escolhidas), p. 91-107.

⁴⁸ KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. Op. Cit. p. 47-48.

transformações pelas quais o município passou, valorizando o Rio, os aspectos urbanos e a enchente de 1979 como uma tragédia. As iconografias que estão nesse arquivo não foram produzidas pela ONG, apenas selecionadas de outros locais. Elas passam a imagem de como essa instituição deseja que a cidade seja vista e, nesse sentido, se transformam em uma narrativa visual hegemônica, que tende a passar a visão de uma cidade homogênea.

No intuito de reproduzir a ideia de cidade em pleno desenvolvimento, nessa seleção as fotografias da área rural, as que deixam transparecer as desigualdades sociais, os casebres, as ruas de terra que ainda existem no urbano são esquecidas. Ao lidar com as fotografias, um problema encontrado foi que a maioria não está datada e sequer tem o nome do fotógrafo, pois não houve registro. No entanto, sabemos que elas foram produzidas a partir da década de 1970.

Fez-se necessário também recorrer à imprensa local. A partir das leituras de reportagens da imprensa local, ou seja, *o SF, O Jornal de São Francisco*, percebi que as manchetes e reportagens constroem uma imagem de São Francisco, em especial a partir da década de 1970, como uma cidade em plena expansão e desenvolvimento. Nota-se que o jornal SF, problematizado na pesquisa, sempre esteve a favor do poder hegemônico local, mostrando as obras e os esforços da Prefeitura para a melhoria e crescimento da cidade.

O fato de o SF, o Jornal de São Francisco ter sido mantido pela FUNAM (Fundação Alice Mendonça), órgão da prefeitura municipal, justifica a forte influência dessa instituição sobre todos os aspectos do periódico. Era uma imprensa ligada aos interesses do poder municipal, pois apoiava os partidos de direita da cidade, ou seja, aqueles que financiavam o jornal.

Dialogando com Heloisa de Farias Cruz,⁴⁹ foi possível construir algumas análises das notícias publicadas pelo referido jornal para falar de São Francisco. Desse modo, a intenção não é ver esse jornal como uma simples fonte de informação, mas, antes de tudo, procurar saber quem eram os donos do jornal, como as informações se organizavam, com que interesse essas notícias eram produzidas, como neles é tratada a relação presente-passado-futuro.

Para encaminhar as reflexões no sentido de compreender a imprensa como uma prática social, desprovida de neutralidade e repleta de interesses e intencionalidades, parti da perspectiva da História Social, sugerida por Heloisa de Farias Cruz, Maria do Rosário

⁴⁹ CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana-1890-1915**. SP:EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial de São Paulo, 2000.

da Cunha Peixoto⁵⁰, Laura Antunes Maciel⁵¹ e Marta Emísia Jacinto Barbosa⁵². Acorado nessas autoras, fui compreendendo a imprensa local como um agente produtor de memórias hegemônicas.

Com essa perspectiva, o jornal é visto aqui como linguagem que expressa e espelha o social. Sendo assim,

(...) a proposta de a história se ocupar de diferentes linguagens se explica e se justifica pela ideia de que as relações de dominação e subordinação estão presentes em todas as dimensões do social. Linguagem aqui é entendida como forma de luta e forma de dominação apresentando situações-limite, momentos de tensão e fortes possibilidades críticas⁵³.

Tal constatação me faz compreender a imprensa e os outros documentos como práticas que expressam o chão social onde foram produzidos e que se fazem envolvidos nas relações de dominação e subordinação. A pesquisa histórica se edifica a partir da relação do historiador com as fontes, sendo essas a matéria-prima básica desse profissional. Portanto, indispensável no processo da operação historiográfica, ou seja, as fontes também são uma construção do historiador e não podem ser vistas como prova da verdade.

A organização da dissertação se constitui de uma apresentação, três capítulos e as considerações finais:

No primeiro capítulo, **A cidade e o Rio São Francisco: processos e produção de Memórias**, problematizo a produção social dominante, que renega os modos de vida e o valor social do Rio, vendo-o apenas pelas lentes das relações comerciais e de valores econômicos, a fim de entender como a cidade apresentada nessas versões hegemônicas que ocultam e desqualificam os viveres dos moradores, reduzindo-os a números, estatísticas, mapas, gráficos e tabelas.

⁵⁰ CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário da C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Revista Projeto História**. São Paulo, n. 35, dez. 2007, p. 253-270.

⁵¹ MACIEL, Laura Antunes. “De ‘o povo não sabe ler’ a uma história dos trabalhadores da palavra”. In: MACIEL, Laura Antunes, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury.(Orgs.). **Outras Histórias: memórias e linguagens**. São Paulo : Olho d’Água, 2006.

⁵²BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. Sobre História: imprensa e memória. In: MACIEL, Laura Antunes, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury.(Orgs.). **Outras Histórias : memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d’Água, 2006.

⁵³ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, M^a do rosário da Cunha; KHOURY, Yara Aun. **A Pesquisa em História**. Op. Cit. p. 19.

Entendo que os registros de memorialistas ou de dados tidos como oficiais são de suma importância para a compreensão das cidades da região do Rio São Francisco, porém essas versões ignoram a importância dos sujeitos comuns no processo de construção desses núcleos urbanos. Em São Francisco, as memórias e histórias dessas pessoas, carregadas de experiências sociais ali vividas, não se encontram inseridas ou registradas nos livros ou jornais que “contam” a história tida como oficial.

No segundo capítulo **“As águas do Rio comandava a vida nossa”**: **Outras Memórias, o Rio como território dos trabalhadores**, o foco são as muitas memórias da cidade, por meio das narrativas orais construídas por seus moradores. São homens e mulheres que, de uma forma direta ou indireta, mantiveram relações com o Rio, tornando-o um espaço social vivido, isto é, um lugar de práticas sociais diversas. Essa referência à relação direta ou indireta com o Rio quer dizer que os narradores têm pontos em comum, vivem em uma cidade cortada pelo Rio, porém, possuem diferentes modos de viver, com significados individuais, portanto, peculiares.

Nesse capítulo, procuro entender os sentidos e significados que os trabalhadores atribuem ao processo de transformação que vivenciaram em São Francisco no intuito de descobrir qual o valor social do Rio para os trabalhadores entrevistados. As memórias sobre brincadeiras são o ponto de partida para se chegar ao que realmente nos interessa, isto é, aos sujeitos com seus viveres, suas lembranças, suas histórias e seus entendimentos sobre a realidade vivida. Assim, as memórias sobre as brincadeiras e práticas socioculturais nos remetem aos lugares da cidade (construídos e vividos por pessoas), não a um lugar vazio, mas composto por relações tecidas e carregadas de tensões e contradições.

Já no terceiro capítulo, intitulado **Tempos do Brincar, do Rezar e do Festar: memórias e experiências de trabalhadores**, busco compreender, por meio das memórias dos trabalhadores, as práticas socioculturais, como os festejos realizados nas ruas dos bairros ou nas residências, as brincadeiras, a folia do Boi de Reis e os hábitos da vida cotidiana marcada por laços afetivos, de vizinhança e amizades. A análise das narrativas me permitiu refletir acerca do tempo livre dos sujeitos e dos usos que fazem dos espaços.

No enredo dos entrevistados, essas lembranças aparecem com referência às diversões vividas na cidade. Assim, em suas recordações, o *“tempo do rezar”*, o *“tempo do festar”* e do *“tempo do brincar”* ganham sentido de construção de um tempo livre, isto é, da diversão. Portanto, essa questão apontada pelos entrevistados me levou a pensar essas noções de tempo/práticas, ou seja, o *“tempo em que não estavam trabalhando”*, *“o final do dia”*, *“o passar o tempo”* vinculados a suas culturas.

Enfim, busco aqui enxergar não uma cidade homogênea, mas sim, aquela de seu José, de Denilde, Alice, Rosa, Joaquim Messias, Raimundo, Sebastião, dona Ana, Marcos, Zilda, Maria Helena, Geralda, Antônio, Pedro e Eliza.

CAPÍTULO I

A Cidade e o Rio São Francisco: processos e produção de Memórias

Cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados. Os elementos móveis de uma cidade e, em especial, as pessoas e suas atividades, são tão importantes quanto as partes físicas estacionárias. Não somos meros observadores desse espetáculo, mas parte dele; compartilhamos o mesmo palco com outros participantes. (...) Desse modo, a imagem, de uma determinada realidade pode variar significativamente entre observadores diferentes.

Kevin Lynch

São Francisco é uma das muitas cidades que cresceram às margens do Rio São Francisco⁵⁴. No entanto, o que ela traz de diferente das outras cidades? Nada mais que o modo como a história é vivida e produzida pelos seus moradores. Histórias que estão nas memórias dos seus habitantes e em tudo aquilo que produziram, quer na materialidade dos espaços, monumentos, ruas, praças, quer nos registros escritos, tais como a imprensa e a literatura, quer nas festividades, isto é, em suas práticas sociais e nos seus modos de viver na cidade. Enfim, em todos os registros que “atestam” que essa cidade é “obra e produto das ações humanas”.

Se há uma produção da cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos, mais do que uma produção de objetos. A cidade tem uma história; ela é obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas⁵⁵.

Cortada pelo Rio de mesmo nome, São Francisco, situada no norte do Estado de Minas Gerais, se formou ao lado direito do Rio. No lado esquerdo, encontram-se muitas árvores, populações tradicionais, como o Quilombo de Bom Jardim da Prata,

⁵⁴A cidade em questão é apenas uma das 506 que são banhadas pelo Rio São Francisco. Ver em: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Vetores estruturantes da dimensão socioeconômica da bacia hidrográfica do Rio São Francisco**. 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/diagnostico.shtm>. Acesso em: 20 abril 2012.

⁵⁵LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. 5 ed. São Paulo: Centauro, 2001, p. 52.

assentamentos do Movimento Sem Terra (MST) e pequenos povoados/vazantes com plantações para a subsistência e grandes fazendas ligadas à pecuária.

Fui morar em São Francisco no ano de 2005, em virtude de ter sido aprovado no vestibular da Universidade Estadual de Montes Claros – Campus São Francisco para o curso de História. Naquela ocasião, acreditava que o novo ambiente tinha características semelhantes às das diversas cidades que se definiam por estar às margens do Rio São Francisco, assim como pelas características comuns dessa gente em seu estreito relacionamento com o “Velho Chico”. Essa era a imagem que creditava a Manga, cidade também ribeirinha onde nasci e vivi, bem como as outras diversas cidades da Região.

No entanto, à medida que me envolvia com a cidade de São Francisco, a princípio em deslocamento que se estabelecia entre a república e o campus da Universidade, a dinâmica da noite desse local provocava em mim reações de estranhamento. A noite era movimentada, por um lado, pelos alunos oriundos de diversas regiões que passaram a viver na cidade, tornando-se moradores das repúblicas instaladas em São Francisco. Por outro lado, pela presença de outros estudantes que, diariamente, vinham assistir às aulas e retornavam para as suas cidades de origem.

Essas experiências se confrontaram com a minha ideia inicial, na medida em que revelaram as muitas maneiras de se viver às margens do Rio São Francisco. Isto é, múltiplos sujeitos que viviam às margens do Rio passaram, desde então, a compor o cenário urbano da cidade. Assim, tornava-se comum a presença de novos sujeitos em São Francisco, movimentando-a com seus modos de vida, mesmo que fossem num curto intervalo de tempo, ou melhor, à noite. Ressalto que o caráter de compartilhar as experiências nessa localidade se apresentou, a mim e a outros colegas, não apenas por vivências à noite, mas por ter constituído moradia ali.

Enquanto a noite revelava espaço de convivência com estudantes residentes, com aqueles em trânsito e com os já moradores da cidade, o dia, o cotidiano nos levava a uma outra dinâmica que não permitia interagir, pertencer, ou me fazia sentir “perdido” entre as minhas noções das cidades e a nova realidade com que me deparei. Na medida em que a cidade ia me evoluindo, tinha a oportunidade de percebê-la pela sua dinâmica interna, pelo jeito de falar e viver de seus moradores, pela sua “peculiar” arquitetura, com seus casarões antigos, ruas largas e de paralelepípedos.

Diante disso, situava-me entre minhas velhas ideias e o novo que se apresentava aos meus olhos. Por sua vez, o experimentado foi distanciando-se também do que eu passava a ler no curso de História. Tal percurso me levava a perceber a distância entre o que eu

experimentava e as leituras feitas sobre a cidade. Pois, em São Francisco, nas escolas, festividades e comemorações, são comuns às referências a cronistas, folcloristas, memorialistas, jornalistas, entre outros, aos quais são atribuídos o papel e responsabilidade de escrever a “História da cidade”. Diante disso, alguns questionamentos me incomodavam, tais como: que tipo de cidade é vista pela ótica dos referidos “guardiões” da memória local? A serviço de quem e para quem essa história estava/está sendo escrita? Então, se a cidade, como afirma Lefebvre, é o resultado das relações humanas, por que apenas algumas histórias dela ganham visibilidade?

Com as minhas vivências e relações estabelecidas com os moradores da cidade, aos poucos, fui percebendo que o Rio é considerado um dos principais suportes de memórias da cidade, os moradores o incorporam como símbolo do lugar, tendo uma importância central no dia a dia do seu viver.

Em São Francisco, ele faz parte do espaço urbano e rural, sendo visto por essa pesquisa como um produto histórico, cultural e social na medida em que é um lugar onde o homem constrói e imprime suas marcas, tornando-se, assim, um lugar de práticas socioculturais cotidianas na cidade.

Nesse sentido, Saulo Jackson Brito, em sua dissertação de mestrado, amparado nas perspectivas da história social, aponta a presença do Rio São Francisco na cidade atrelado aos modos de vida dos moradores e como um espaço de trabalho e luta pela vida. O autor, por meio de diálogos estabelecidos com trabalhadores ribeirinhos – pescadores, vazanteiros, areeiros e tombadores -, entendeu que na cidade de São Francisco:

Existe um modo de vida que se pauta na relação com o rio e a experiência vivida por estes homens é delineada por uma prática que extrapola a simples dicotomia econômica e a necessidade natural da relação. O modo de vida dos trabalhadores ribeirinhos está condicionado ao ciclo da natureza, de forma particular, considerando-os como uma extensão dos espaços de lazer e trabalho, presentes na vida diária, no sustento⁵⁶.

Ao caminhar pela cidade, é possível encontrar referências desses vínculos socioculturais na vida urbana e na maneira como os espaços dessa vida são organizados nos remetendo ao Rio, isto é, na paisagem social da cidade. A referência a essa presença também se faz no mais conceituado restaurante da cidade, o “*Peixe Vivo*”, o antigo cinema

⁵⁶BRITO, Saulo Jackson de Araújo. **Trabalhadores ribeirinhos do Velho Chico:** experiências, memórias e modos de vida em São Francisco-MG (1980-2012). (Dissertação de Mestrado) Instituto de História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, 2012, p. 44.

era conhecido como “*Cine Canoas*”, as duas escolas de samba da cidade nas décadas de 1980 chamavam-se “*Carrancas*” e “*Barrancas*”; há também a “*Praça do Pescador*”, localizada no antigo porto do Bairro Quebra; o principal jornal impresso da cidade é “*O Barranqueiro*”; e ainda há outros comércios como “*Bar Velho Chico*”, “*Posto Velho Chico*”, “*Ponto do Ribeirinho*” e o “*Peixe na Rede*”.

Também existem na cidade muitas músicas, cantigas, poesias, poemas, versos, crônicas, “*causos*”, folias, esportes e textos de memorialistas e poetas que têm como inspiração o Rio São Francisco⁵⁷. Muitos moradores ainda sobrevivem das suas águas, portanto o Rio se constitui como o lugar de trabalhar, de se divertir e de variadas práticas sociais.

A história sobre a cidade presente nos registros escritos nos conta que, até os anos de 1980, o Rio era a principal via de comunicação e comércio das cidades ribeirinhas com as outras regiões, por meio das embarcações a vapor. Marcas de um modo de vida de se apropriar do Rio, deixando transparecer que a razão da cidade existir está vinculada ao São Francisco.

Vivendo na cidade de São Francisco, percebi que o Rio configura-se como uma paisagem natural articulada com o social, sobre as quais se constituem modos de vida, trabalhos, sociabilidades e diversas práticas sociais, tais como pescar, remar, lavar roupas e utensílios domésticos, rezar, banhar e brincar nas suas margens, que me fez levantar a suposição de que ele carrega um valor social que integra a vida sociocultural dos moradores do lugar.

Levanto esse suposto por ter vivido ali por alguns anos, no entanto, ao me debruçar sobre os documentos produzidos por folcloristas, memorialistas, poder público, nas festividades e imprensa, fui percebendo que o valor social que o Rio tem é obscurecido por versões que lhe atribuem somente valores econômicos e políticos.

Tais versões, amplamente divulgadas e reproduzidas, são carregadas de sentidos ideológicos que acabam contribuindo para a despotencialização dos processos sociais e culturais dos sujeitos ali inseridos. Não negamos que São Francisco é uma cidade denominada de ribeirinha, que nasceu cultural e economicamente em torno do Rio. No

⁵⁷ Segundo a professora Rejane Meireles na cidade de São Francisco, a presença do Rio proporciona e influencia seus moradores a “criarem” lendas, músicas, artesanatos, poesias, causos, quadrinhas, danças, brincadeiras, festejos, rituais, costumes e até mesmo na culinária como: peixe com abobora, moqueca de surubim, dourado assado, caldos e pirão de peixe. “*Observa-se que o Rio São Francisco é para o homem ribeirinho mais que fonte de alimento, é também fonte de inspiração*”. RODRIGUES, Rejane Meireles Amaral. **Antônio Dó**: um bandido social das margens do Rio São Francisco (1910-1929). (Dissertação de Mestrado) Instituto de História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, 2004, p.33.

entanto, não podemos e nem queremos esquecer que foi e está sendo construída por pessoas com suas histórias, crenças, hábitos, costumes e viveres próprios.

Entretanto, nas evidências tidas como “oficiais”, o que se nota é que essas experiências dos trabalhadores são ocultadas, ocorrendo uma valorização do Rio em detrimento das pessoas, negando-as como agentes integrantes da constituição do processo histórico e social. Com o intuito de aprofundar essa questão, este capítulo problematiza a produção social dominante, que renega os modos de vida e o valor social que o Rio São Francisco tem para os trabalhadores, a fim de entender como a cidade é narrada nessas versões que não evidenciam os viveres desses sujeitos.

Começando a reexaminar e reinterpretar velhas crenças e pré-conceitos, foi possível redefinir meus pensamentos e posições. Nesse processo de reflexão, as lembranças e experiências dos ribeirinhos, antes ignoradas, se transformaram em outras histórias, diferentes da hegemônica. Raymond Williams faz a opção pelo conceito de hegemonia em detrimento do de ideologia, pois procura apreender o hegemônico em seu processo transformativo e articulado de significados, valores e crenças.

Uma hegemonia vivida é sempre um processo. Não é, exceto analiticamente, um sistema ou uma estrutura. É um complexo realizado de experiências, relações e atividades, com pressões e limites específicos e mutáveis. Isto é, na prática a hegemonia não pode nunca ser singular. Suas estruturas internas são altamente complexas, e podem ser vistas em qualquer análise concreta. Além do mais (e isso é crucial, lembrando-nos o vigor necessário do conceito), não existe apenas passivamente como forma de dominação. Tem de ser renovada continuamente, recriada, defendida e modificada. Também sofre uma resistência continuada, limitada, alternada, desafiada por pressões que não são as suas próprias pressões. Temos então de acrescentar ao conceito de hegemonia o conceito de contra-hegemonia e hegemonia alternativa, que são elementos reais e persistentes da prática⁵⁸.

Incomodado com essa questão, enquanto pesquisador, comecei a me preocupar: se, por um lado, é impossível negar o vínculo dos moradores com o Rio, como essas versões oficiais são construídas?

A memória dominante encobre as contradições e cristaliza as versões do passado que são de seu interesse, deixando ao esquecimento outras memórias e histórias. Nesse sentido, para Maria Célia Paoli, ao esconder e silenciar as outras narrativas dos acontecimentos passados e presentes, essa história do prisma dos “vencedores” se torna

⁵⁸ WILLIAMS, Raymond. Hegemonia. In: _____. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 115.

oficial, e o valor de outros projetos ou presenças, quando aparecem, são medidos e julgados⁵⁹. Essa memória tem como suporte os monumentos, os nomes das principais avenidas e ruas e também nas obras que ensinam a história da cidade nas escolas.

Por meio desses suportes da memória dominante fui levado à década de 1970. Nessa época, inúmeras intervenções ocorreram na cidade de São Francisco, sobretudo no que diz respeito a sua configuração urbana, e a cidade foi se expandindo para além dos arredores do Rio. Essas mudanças, por sua vez, ocasionaram transformações nos costumes e práticas dos sujeitos que vivem na cidade.

Pelos dados do IBGE, nos anos de 1970 a população urbana de São Francisco era composta por 7.218 pessoas, enquanto a população rural era de 51.036 habitantes. Já na década de 1980, a população urbana subiu para 13.719 e a rural caiu para 48.164. Pode-se dizer que a sede do município, até os anos 1980, era uma extensão das práticas e vivências socialmente construídas nas comunidades rurais em seu entorno⁶⁰. Nos anos seguintes, começou a haver um equilíbrio entre as duas populações, como, por exemplo, em 2000, havia 27.711 pessoas residindo no perímetro urbano e 23.648 ocupavam a área rural da cidade⁶¹, ou seja, 54% da população era urbana e 46%, rural.

Nesse sentido, podemos dizer que a população rural superior à urbana em São Francisco predominou até o final do século XX. A partir de então, as enchentes, as mudanças dos modos de trabalhar e produzir no campo oriundas da mecanização da agricultura e a busca por melhores condições de vida provocaram uma inversão, tornando-se a população urbana maior que a rural.

O censo de 2010 aponta o município de São Francisco com uma população total de 53.898 habitantes. Desses, 34.235 habitam a área urbana e 19.663 fazem parte do território rural⁶². São números que nos fazem refletir sobre a movimentação na cidade. Esse aumento demográfico na área urbana é usado nos discursos dos grupos dirigentes como um fator de progresso, mas, na verdade, não expressa os embates travados nesse processo pelos direitos à cidade e nem os modos de vida, modos de trabalhar e de se divertir das pessoas que ali residem.

⁵⁹ PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In: **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania/ DPH**. – São Paulo: DPH, 1992. p. 25-28.

⁶⁰ Cabe ressaltar que, nesse período, houve a emancipação de distritos, como Icaraí de Minas, Urucuia, Pintópolis e Chapada Gaúcha, que pertenciam ao município de São Francisco, do que decorreu uma brusca queda nos números demográficos desse último.

⁶¹ Disponível em: <http://cidadesnet.com/municipios/saofrancisco>. Acesso em: 20 janeiro 2012; IBGE. **Censos Demográficos 1970, 1980, 1991**. Contagem da população de Minas Gerais. ONG PRESERVAR.

⁶² IBGE. Censo 2010. Disponível em : <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?>. Acesso em: 04 fev. 2012.

Gradativamente, a cidade foi-se expandindo para além das beiradas do Rio, as paisagens rurais deram lugar aos novos bairros repletos de moradias e terrenos a serem vendidos. Por outro lado, com esse processo, as disparidades sociais ficaram mais acentuadas, sobretudo devido às condições desiguais na ocupação dos novos lotes e moradias provenientes da especulação imobiliária local.



Mapa 1: Mapa urbano de São Francisco com destaque para a região habitada até o ano de 1980.

Fonte: Secretária Municipal de Urbanismo. In: SILVA, Valmiro Ferreira. **Moradores do bairro, moradores da cidade:** reconstruindo vivências. Bairro Sagrada Família. São Francisco, MG. (Dissertação de Mestrado) Instituto de História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, 2012, p. 86.

Essa planta da cidade, com a sua configuração atual, mostra em destaque amarelo o que era o perímetro urbano de São Francisco até o ano de 1980. Por meio dela é possível identificar a extensão da cidade e perceber que as regiões habitadas estão mais localizadas à esquerda, próximas às beiradas do Rio. Até os anos de 1980 as regiões que não estão destacadas de amarelo no mapa faziam parte do território rural do município. A partir daí as pessoas foram se inserindo no urbano e São Francisco foi aos poucos se esboçando de modo a se integrar com essas áreas.

Embora seja perceptível que, após a década de 1980, a população, dada pelo IBGE como rural, tem diminuído numericamente, devido ao deslocamento para o espaço denominado de urbano, ressaltamos que a relação campo e cidade, historicamente construída, não se estabelece pelo aspecto dicotomizador, na medida em que os modos de vida dos sujeitos revelam o rural como constitutivo do urbano.

Segundo Raymond Williams, o mundo rural e o urbano não são arenas antagônicas, se inter-relacionam nos viveres das pessoas, pois, “*a vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e ideias, através de uma rede de relacionamentos e decisões*”⁶³.

Essas práticas presentes nas experiências dos sujeitos podem ser compreendidas através do cultivo de pequenas terras em que se pratica a agricultura de subsistência para garantir a sobrevivência familiar, momentos de lazer nos finais de semana ou como empregado, peão ou encarregado de uma fazenda. Ainda nos dias de hoje, a cidade pode ser compreendida como conjunto de viveres urbanos e rurais.

Percebo que a cidade de São Francisco é constituída por meio da relação campo e cidade, a partir de fatores internos e peculiares aos modos de vida dos sujeitos que vivem nela, por criarem vínculos de pertencimento ao espaço. Por outro lado, a história da cidade nas versões dos memorialistas é apresentada de maneira a inseri-la na história oficial da navegação do “Velho Chico”, cuja interpretação de “*Unidade Nacional*”, ou seja, de progresso é o princípio norteador.

Por essa ótica, a formação da cidade está vinculada somente ao Rio, restringido as relações ao caráter comercial e agropecuário num processo silenciador das ações de outros sujeitos que constroem suas práticas sociais por intermédio do meio fluvial. Por isso, a localização do Rio é retratada como um recurso natural que definiu a ocupação e fez surgir o desenvolvimento econômico de várias cidades situadas em seu entorno. Tal situação não apenas define a sua dimensão tempo-espacial, mas uma memória para todas as localidades, num processo que, praticamente, apagou as experiências individuais de cada cidade.

Por isso, é comum a presença de versões, na imprensa, nos memorialistas, nas produções de significados apresentadas pelo poder público, que explicam o surgimento de São Francisco a partir do Rio. Essa interpretação é representativa de uma versão recorrente não somente em São Francisco, mas na região. Ela revela as ações intervencionistas dos memorialistas e instituições governamentais em sua vinculação aos grupos dirigentes

⁶³ WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade:** na História e na Literatura. São Paulo: Cia das Letras, 2011, p. 21.

locais na manutenção de uma memória que se quer hegemônica e única. Assim, é tida como uma história das relações construídas somente por intermédio do Rio, as pessoas se tornam invisíveis e o Rio surge como personagem principal.

Esse também constitui o ponto comum das interpretações locais presentes nos escritos dos memorialistas⁶⁴ e nas cartilhas⁶⁵ confeccionadas pela prefeitura de São Francisco, em um entrelaçamento de práticas locais em consonância com as nacionais, tornando-as memórias homogêneas sobre o Velho Chico.

Por essa perspectiva, afirmam que a cidade de São Francisco surgiu em pleno deserto e estaria irremediavelmente fadada ao desaparecimento se não fosse a navegação, conforme aludiu o memorialista Braz⁶⁶ e as divulgações da prefeitura. Nessa visão transformada em hegemônica, a navegação fez com que São Francisco mantivesse contatos comerciais com outras cidades, especialmente as do litoral. Mas quem faz a navegação não são as pessoas? Por que elas não são evidenciadas?

No tocante à cidade de São Francisco, o cais onde se localizava o porto, aos poucos, foi passando por mudanças para receber as embarcações movidas a vapor. Já em 1960, às margens do Rio, a prefeitura chegou a construir uma estação fluvial de embarque e desembarque de passageiros e mercadorias transportadas pelas navegações. A estação chegou a ser construída, entretanto nunca funcionou com essa finalidade, o local se transformou em um dos principais pontos turísticos da cidade – o Bar e Restaurante Peixe Vivo.

Tais espaços foram utilizados como elementos constituintes de uma memória definidora da relação da cidade com o Rio, pela qual a transformavam em uma cidade porto por constituir o canal que colocava São Francisco em contato com diversas regiões do país.

Uma espécie de folder intitulado “*Revista Nossa História*”, publicada com o apoio da prefeitura local, portanto, um agente produzido pela e a serviço da memória hegemônica, conta a “nossa história” apenas pelo viés das relações econômicas ocorridas na hidrovia do São Francisco. Segundo essa publicação, que circula mais nas escolas, as embarcações permitiam o deslocamento de diversos produtos agrícolas, especialmente a mamona e o algodão, além de couro, madeira, peixes, galinhas, porcos, gados, animais

⁶⁴ BRAZ, Brasileiro. **São Francisco nos caminhos da História**. Op. Cit. p. 347.

⁶⁵ PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO. **Revista Nossa História**: São Francisco. São Francisco, ano 1, n.1, maio de 2003.; SECRETÁRIA MUNICIPAL DE TURISMO, CULTURA, ESPORTE E LAZER. **Cartilha São Francisco**: Quando minha história conta a história de todos. 3º Jornada Mineira do Patrimônio Cultural. São Francisco, 2011.

⁶⁶ BRAZ, Brasileiro. **São Francisco nos caminhos da História**. Op. Cit. p. 347.

silvestres e a cachaça produzida na cidade e em Januária. Esses produtos seguiam de vapor até o porto de Pirapora, sendo de lá levados para os grandes centros comerciais pela estrada de ferro.

Muitos comerciantes daqui passaram a ser consignatários de grandes firmas do Rio de Janeiro, e vendiam as mercadorias destas firmas, em seus armazéns. Estes comerciantes tinham a missão de comprar os produtos agrícolas da região principalmente, a mamona, algodão, o couro, animais silvestres, cachaça produzida em São Francisco e Januária – levados até Pirapora e de lá eram levados para os grandes centros comerciais pela estrada de ferro⁶⁷.

Para além de uma memória institucional, por meio das conversas que tive com os trabalhadores entrevistados, posso dizer que o porto também constituía um espaço de trocas de sociabilidades, constituidor de práticas sociais múltiplas. Nesse sentido, as pessoas estabeleciam, por meio do Rio, novas relações sociais, uma vez que a navegação permitia não somente a comercialização, mas a troca de práticas e experiências socioculturais constituidoras de novos modos de vida, expressas nas gírias, nas vestimentas, na culinária, entre outros, o que será melhor abordado no próximo capítulo.

A troca de experiências das pessoas por meio dos vapores nas cidades ribeirinhas do São Francisco era intensa até os anos de 1980; enquanto algumas embarcações subiam o Rio, outras desciam, num processo transformacional de hábitos, sotaques, práticas, crenças e anseios, num entrecruzamento de práticas emergentes e residuais⁶⁸.

A exemplo desse entrecruzamento temporal e espacial que constituía as diferentes práticas sociais, a fotografia a seguir, embora não tenha sido possível identificar o fotógrafo e a data exata, é resultante de uma prática intervencionista e permite perceber não apenas o aspecto comercial, mas também outras relações sociais estabelecidas entre os agentes históricos daquele tempo.

⁶⁷ PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO. **Revista Nossa História**: São Francisco. Op. Cit. p. 13.

⁶⁸ WILLIAMS, Raymond. Dominante, Residual e Emergente. In: _____ **Marxismo e Literatura**. Op. Cit. p. 125-129.



Fotografia 1: Vapor ancorado no porto da cidade de São Francisco
Fonte: ONG PRESERVAR, s/d.

Ao analisar a imagem como resultante de produção de significados, torna-se importante considerarmos os apontamentos de Olga Brites, para quem, ao utilizar a fotografia na pesquisa histórica, é necessário situá-la no espaço, problematizando de forma a suscitar questões e construir explicações para além do que está imediatamente registrado⁶⁹.

Por sua vez, a sua dimensão icônica torna-se elemento de grande valia, tendo em vista que se apresenta como representativa de práticas sociais, ao longo do Rio São Francisco, dos sujeitos que constroem seus modos de vidas. Ainda que o foco principal do fotógrafo seja a grande embarcação, destacando o comércio, percebemos as várias práticas sociais que eram desenvolvidas às margens do Rio: atividades lúdicas, como uma criança brincando dentro da água; práticas domésticas, como mulheres com baldes de água; de trabalho, evidenciado por uma carroça de burro certamente para fazer fretes, e também turísticas e de lazer. São práticas que se transformam em costumes, hábitos e experiências cotidianas.

As contradições se expressam na maneira como as pessoas se apropriam do espaço, ou seja, as práticas que ali eram desenvolvidas mostram como o espaço era disputado.

⁶⁹ BRITES, Olga. **Retratos de infância:** infância, História e fotografia. Op. Cit. p. 195, 196.

Enquanto para alguns o cais tinha o sentido de embarque e desembarque, para outras pessoas, tais como o entrevistado Raimundo, 55 anos, filho de lavadeira e pescador, o cais tinha outros significados e usos, como pode ser visto em sua fala:

Antes você chegava aqui no cais onde o vapor parava, ou então lá nas pedreiras do Quebra [bairro], era aquele tanto de gente fazendo as coisa aqui na beira do Rio, as muié lavava roupa, minha mãe mesmo vinha lavar pros outro, minha irmã trazia as panelas preta do fogão a lenha pra esfregar [risos], tinha os barqueiros indo e vindo de um lado pro outro, e aquele tanto de moleque atentando e pescando também. Já pescava e tratava o peixe lá no Rio mesmo⁷⁰.

Dona Zilda, 62 anos, auxiliar escolar desde a infância, moradora da Rua Direita, no centro da cidade e próxima ao cais, também se lembrou de práticas que eram comuns às margens do Rio até meados dos anos 1990.

Eu lembro que a gente tava lá no Rio fazendo as coisas ou então em casa mesmo ou na rua, de repente escutava o barulho do vapor chegando, o cais enchia de gente, não era umas dez pessoas não, era muita mesmo. (...) Era bom porque todo mundo se encontrava na beira do Rio.(...) Antes a gente fazia tanta coisa lá, acontecia até festa e reza na beira do Rio, qualquer hora que você fosse lá tinha uma novidade, era um fazendo o seu barco, era gente com lata de água na cabeça, o povo alegre banhando, era bom demais ali⁷¹.

Embora Raimundo, dona Zilda e outros moradores ressaltem as diversas práticas presentes no viver ao longo do Rio São Francisco, tais como aquelas ligadas ao trabalho, à diversão, as crenças, hábitos e costumes, o objeto de análise da história local/regional é a navegação. Desse modo, a navegação a vapor está restritamente condicionada ao comércio nas cidades à beira do Rio.

Diante do exposto, analisamos a obra do memorialista Braz denominada “*São Francisco nos Caminhos da História*”⁷², a qual foi publicada em 1977, momento em que se comemorava o centenário da referida cidade. O teor de seu conteúdo foi evidenciado no prefácio do livro escrito por Hermes de Paula:

(...) além da política e história, ele conta também estórias de beira de rio, focaliza os tipos populares, narra fatos em excelentes crônicas. (...) O

⁷⁰ Entrevista com Raimundo Ferreira. São Francisco, MG, 18 out. 2007 e 15/07/2011.

⁷¹ Entrevista com Zilda Pereira. São Francisco, MG, 04 junho, 2012.

⁷² BRAZ, Brasileiro. **São Francisco nos caminhos da História**. Op. Cit. 1977

livro é todo bom – atraente, instrutivo, bem escrito. O maior presente que São Francisco poderia ganhar ao comemorar seu centenário. Obra escrita com amor e emoção: aos oitenta anos, Brazinho – malabarista da política – dá uma grande prova de amor à sua terra natal. Feliz a cidade que tem filhos deste gabarito⁷³.

A obra desse autor se tornou a principal referência no que diz respeito à história da cidade compreendida por meio do Rio. Isto é, a versão apresentada pelo autor é representativa das versões produzidas nos moldes oficiais pelos memorialistas da região que estão a serviço dos dirigentes locais. Todavia, no tocante à cidade de São Francisco, o livro de Braz foi visto, pelo poder público local, como uma homenagem à cidade e uma forma de registrar sua história. Por isso, foi aprovado pela Câmara Municipal o Projeto-Lei nº 624/77⁷⁴ que viabilizava e financiava a publicação do livro.

O memorialista em questão, em 1977, era vereador e presidente da câmara⁷⁵. Nesse sentido, o que foi registrado em seu livro visava justificar o poder exercido e encobrir as desigualdades e injustiças. A escolha do que deveria ser esquecido ou lembrado em seus registros atendia aos interesses do grupo que detinha o poder e os acontecimentos históricos da cidade foram registrados da forma que interessava a esse poder dominante.

Por esses motivos, com interesses predominantemente políticos, em sua narrativa, constrói a ideia de uma cidade progressista e civilizada, fruto dos esforços e ações de homens do passado (os pioneiros) que abriram as portas para que o desenvolvimento pudesse ser continuado por políticos do presente de então, ou seja, da década de 1970.

Em sua narrativa, as diversas evidências históricas, como cantigas, folclore e documentos escritos, são apresentadas de modo factual e positivista. Organizando a vida pública de São Francisco, por meio de uma narrativa linear e cronológica, o livro foi estruturado em três partes: “*história antiga*”, “*história média*” e “*história contemporânea*” até o ano de 1976.

Braz, na primeira parte de sua obra: história antiga recompõe o passado, ao estabelecer o diálogo do presente (1977) com o passado (anos iniciais de formação da

⁷³ BRAZ, Brasileiro. **São Francisco nos caminhos da História**. Op. Cit. P. 12.

⁷⁴ Lei n. 624/77 Autoriza doação de importância para a publicação do Livro São Francisco nos Caminhos da História. **SF, O Jornal de São Francisco**. São Francisco, Ano XVI, N. 817, Quinta-feira, 07 abril 1977, p. 3.

⁷⁵ Brasileiro Braz, nascido nos anos finais do século XIX, em 1897, teve várias ocupações profissionais em sua vida: foi prefeito, vereador em várias legislaturas, algumas vezes presidente da câmara, conselheiro municipal, juiz de paz, agrimensor, escritor, diretor do diretório Estadual do PSD. É Patrono da Cadeira nº 18 do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros, da Cadeira nº 36 da Academia de Letras do Noroeste de Minas (Paracatu) e da Cadeira nº 01 da Academia de Letras, Ciências e Artes do São Francisco.

cidade), de forma que essa última temporalidade possa ajustar-se ao contexto do presente em que se vive, evidenciando que “a história do município de São Francisco está intimamente ligada a do grande rio que lhe empresta o nome. Cidade e rio se confundem na mesma toponímia”.⁷⁶

Assim, o memorialista chega a levantar a seguinte questão: “Que seria de nossa cidade sem o rio?”⁷⁷ E chega à conclusão de que, sem a presença do Rio, a cidade não teria existido, pois, em seu entender, ele trazia e dava tudo à população e nada pedia em troca. Era ele que trazia “as boas e más notícias, as mercadorias do comércio, os visitantes desejados e os indesejados”.⁷⁸

O Rio é o suporte de memórias das narrativas orais e escritas, no entanto o memorialista, em sua escrita, transforma-o em um personagem da cidade, dando-lhe características isoladas como se fosse um sujeito por si só. O Velho Chico é utilizado para reforçar a ideia de mito fundador, a natureza ganha *status* de entidade, as pessoas (trabalhadores) são ocultadas numa versão harmoniosa que naturaliza as relações e folcloriza suas práticas, culturas e viveres.

Nesse sentido, Marilena Chauí nos explica que fundação se refere a um momento passado, a algo perene que se situa fora do tempo e da história, por isso em sua visão é um mito.

Se também dizemos mito *fundador* é porque, à maneira de toda *fundatio*, esse mito impõe um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa nunca, que se conserva perenemente presente e, por isso mesmo, não permite o trabalho da diferença temporal e da compreensão do presente enquanto tal. Nesse sentido, falamos em mito também na acepção psicanalítica, ou seja, como impulso à repetição de algo imaginário, que cria um bloqueio à percepção da realidade e impede lidar com ela. Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo.⁷⁹

Diante disso, apontamos que ajustar o presente em que se vive por meio da obra de Braz significa elaborar uma versão do passado em consonância com as histórias dos grupos dirigentes locais. Por isso, fez-se necessária a construção de uma narrativa em que o Rio apareça como o personagem central.

⁷⁶ BRAZ, Brasileiro. **São Francisco nos caminhos da História**. Op. Cit. p. 35.

⁷⁷ BRAZ, Brasileiro. **São Francisco nos caminhos da História**. Op. Cit. p. 449.

⁷⁸ BRAZ, Brasileiro. **São Francisco nos caminhos da História**. Op. Cit. p. 449.

⁷⁹ CHAUI, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. 1 ed. São Paulo: 2000, p. 5.

Com outra perspectiva, aqui busco entender que a cidade é uma criação social, portanto, humana, o que nos leva a crer que São Francisco ou qualquer outra cidade não é fundada, e, sim, formada, construída e reconstruída cotidianamente pelos seus moradores.

Braz, ao contar a história da cidade de São Francisco enfatizando a história política local e seus dirigentes, retrata a extensão do Rio e reforça o mito dizendo que, devido ao seu alcance, se tornou o grande caminho da civilização brasileira e a base física da unidade nacional. Na citação abaixo, o autor compara o São Francisco com outros grandes e importantes rios.

Batizado com o nome cristão que conserva até hoje, é o São Francisco igual ao Danúbio, três vezes maior que o Tejo, quatro vezes maior que o Douro, tão grande como o Orenoco, um terço maior que o Reno. Banhando cinco estados da Federação, é o mais brasileiro dos nossos grandes rios⁸⁰.

A dimensão que o Rio assume na escrita de Braz traduz o desejo da classe dominante, durante as décadas de 1960 e 1970, de projetar a região no cenário nacional, e, sobretudo, o seu discurso estava sintonizado com a ideologia e com os projetos de desenvolvimento do país durante a Ditadura Militar.

A importância dada ao Rio no cenário nacional deveria ser a mesma para a região, já que todas as cidades “se originam” a partir do Rio. O autor, como estratégia política, se vale do enaltecimento do Rio como o mais brasileiro de todos, cujos aspectos naturais passam, então, a ser responsabilidade nacional. Por isso, investir no Rio é uma forma de trazer novos investimentos para a região e para a cidade. Nesse sentido, decorre a visão construída pelo Rio em sua dimensão bucólica e idílica, negligenciando os sujeitos e suas práticas.

Em 1977, o ano do centenário da cidade, o autor elabora uma interpretação do passado, de modo que ele se assenta ao presente, legitimando os interesses dos grupos dominantes locais. Assim, a reconstrução do passado é feita para explicitar a imagem de progresso que a cidade de São Francisco estava vivendo naquele momento. Por isso, a sua narrativa produziu uma memória social sobre a cidade ligada aos nomes de políticos, de intelectuais e de famílias “ilustres”, ocultando uma gama de experiências de outros sujeitos que também possuíam seus viveres na cidade na mesma época.

⁸⁰ BRAZ, Brasileiro. **São Francisco nos caminhos da História**. Op. Cit. p. 35.

Nesse sentido, podemos dizer que, nas 600 páginas do livro do memorialista, as memórias em evidências foram os valores, viveres e trajetórias da elite local dos anos de 1970, “*os benfeitores do município*”. A cidade, por esse viés, é materializada nos diversos espaços transformados em monumentos, visualizados por meio das praças, igrejas e construções residenciais que evidenciam os grupos dominantes como os responsáveis pelo seu desenvolvimento.

Cadê as lavadeiras de roupas, os pescadores, os barqueiros, balseiros, areeiros, construtores de barcos e canoas, artesãos, os vazanteiros e vapozeiros? Os diversos sujeitos comuns, dentre os quais ribeirinhos, moradores e trabalhadores da cidade, foram descritos de forma coadjuvante e suas memórias são analisadas de maneira homogênea, não valorizando, assim, os hábitos, costumes e narrativas individuais.

Por sua vez, aos trabalhadores são atribuídos termos que estereotipavam, tratados como “*tipos populares*”, exprimindo o caráter homogeneizador e descaracterizador, são transformados em preguiçosos, feios, cabeça chata, cara de lua cheia, sorriso imbecilizado, fofoqueiros e engraçados. Este fragmento do texto de Braz evidencia qual era o lugar que os mesmos assumiam em sua escrita:

O Jóia

Maior contraste não poderia haver entre o nome e a figura humana, que outra ainda não vimos tão disforme. O Jóia era um varapau, negro, desengonçado, as articulações como que desconjuntadas, pernas bambas, desaprumadas, tortas como arcos de cangalha. Era servente de pedreiro e vivia do ganho de cada dia, salário ínfimo, pago às migalhas. (...) Gravemente ferido, teve tratamento de gente pobre, demorado, e quando conseguiu capengas foi implorar a caridade pública tornando se esmoler. Profissão fácil e rendosa, férias-gordas nos dias da passagem dos vapores e o malandro foi se acostumando e gostando daquela vidinha. Mas a mina ia secando com a cicatrização das feridas e o Jóia, percebendo que nada mais conseguiria na cidade, onde todos desconfiavam da sua manha, ficava lá no Quebra, ouvidos atentos e, quando um vapor apitava, lá ia ele, célebre, em marcha batida até a praça da igreja. Aí então começava a manquejar, capengar, a gemer e quando chegava ao porto já era um perfeito aleijado, pernas enfaixadas de molambos, o sofrimento estampado na face. Estava garantida as férias para mais uma semana⁸¹.

A partir da narrativa construída pelo autor, é possível apontar a razão pela qual a sua obra se tornou uma leitura obrigatória nas escolas para se conhecer a história de São

⁸¹ BRAZ, Brasileiro. **São Francisco nos caminhos da História**. Op. Cit. p. 583.

Francisco. Transformada pelos grupos dominantes locais em “*memória oficial*”, é tida até os dias de hoje como a “*mais completa obra*” escrita sobre a história do município.

É nesse sentido que a memória é transformada em história, e essas versões da esfera pública são difundidas em livros, cartilhas, apostilhas, artigos e passam a ser usados nas escolas dos municípios pelos professores como uma forma de conhecer e preservar o passado da cidade. É isso que acontece em São Francisco, de geração em geração a história local vai sendo contada de forma única, vangloriando a memória dos dirigentes.

Sendo assim, as escolas podem ser vistas como instituições reprodutoras que ajudam a selecionar o que vai ser transmitido e circulado entre as pessoas, pois ensinam normas, valores e padrões culturais associados à cultura dominante. O que nos leva a pensar que o conhecimento não é neutro, mas situa-se em um espaço social conflitivo, em um processo de disputa pela hegemonia que sempre incorpora interesses políticos e ideológicos.

Dessa maneira, a demarcação do território, o cultivo de suas tradições e valores elucidativos da memória dos grupos dominantes se fazem presentes nos monumentos, instituições, praças, ruas, os quais foram transformados em “*lugares de memória*”⁸². São espaços públicos que nos fazem conhecer a história de São Francisco por meio de sujeitos históricos “ilustres”. Por exemplo, o Brasileiro Braz foi eternizado com o nome de escola, rua e estádio.

Nesse sentido, tornou-se importante analisar a principal praça da cidade – a Praça do Centenário - considerando a sua historicidade. A praça, que até 1977, era conhecida como Oscar Caetano, teve seu nome modificado, passou por inúmeras reformas e foi reinaugurada por ocasião do centenário de São Francisco.

As obras de construção da nova praça central da cidade que deverá chamar PRAÇA DO CENTENÁRIO continua em ritmo acelerado. Já não se pode falar em retificação, mas sim, em construção de uma nova área de lazer com nova estética. A praça foi encontrada totalmente mutilada pela atual administração. Mato por todo canto, os canteiros de flores soterrados pela areia, sem grama, as árvores morrendo, o coreto imundo. Dentro de breves semanas renascerá a nova praça, para a alegria principalmente das novas gerações⁸³.

⁸² NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, dezembro de 1993. p. 07-28.

⁸³ Praça do Centenário. **SF, O Jornal de São Francisco**. São Francisco, Ano XVII, N. 828, domingo, 03 jul. 1977, p.1.

Por meio desse trecho da matéria publicada na imprensa, percebe-se que os dirigentes vão justificando as mudanças ocorridas nesse espaço. A partir de então, ficou conhecida como Praça do Centenário, tendo seu principal símbolo, o coreto, derrubado.



Fotografia 2: Imagem do coreto que foi demolido.
Fonte: ONG PRESERVAR, fotografia da década de 1970.

Essa fotografia permite ver a Praça Oscar Caetano, mostrando o ângulo da imagem, o coreto no início da praça como um dos espaços de memória até a década de 1970. Essa imagem é uma referência nas memórias dos moradores. Durante muito tempo, o espaço em análise serviu para crianças brincarem em sua volta, para os jovens namorarem e os idosos contarem novidades e passarem suas tardes. Ademais, percebo, nos relatos de várias entrevistas, que folias, procissões, festas tradicionais e as comemorações cívicas do município sempre rodeavam a praça, aproveitando para observarem a beleza do coreto.

A Praça Centenária aparece nas lembranças da professora Rosa, 50 anos, como o coração da cidade, rodeada por casas comerciais, desde lojas de preços acessíveis a boutiques com roupas e acessórios de marca, bancos, papelarias, farmácias, restaurantes e secretarias municipais. Sentada em um banco e observando ao seu redor, Rosa faz desse lugar transformado um suporte para suas lembranças. As lembranças da cidade de outros tempos, comparada com a cidade do presente, é retratada pela narradora da seguinte maneira.

Olha essa praça, era tudo muito diferente do que é hoje. É claro que tinha os comércios, até porque ela fica no meio da cidade. Mas sei lá, mudou muita coisa. Primeiro que ela não assim, os bancos, as plantas, os jardins eram diferentes. Aqui [apontando para um local específico na praça] tinha tipo um lago, sabe? Ah, tinha também um coreto, à coisa mais linda. Hoje, cadê? não tem nada disso. E sem falar que parece que o povo nos dias de hoje não usa mais a praça, usa só de passagem. Já reparou?⁸⁴

Rosa aponta mudanças tanto nos usos da Praça como também em sua paisagem física, a recordar, por exemplo, que o lago e o coreto não fazem mais parte do cenário da Praça.

(...) Nós não, no meu tempo, tanto de criança como de adolescente, explorava de mais essa praça. Como eu morava aqui perto, eu e meu grupo de amigos pintava o sete aqui, a gente começava brincando lá na rua, quando a gente ia ver, já estava aqui praça. A gente brincava de pega, de esconde-esconde, subia em todas as árvores, atentava o povo que passava, sabe, porque nós brincava muito no coreto e o coreto era cheio de cascalho, pedras, o povo passava e a gente jogava as pedrinhas neles e escondia. [risos] Usávamos o coreto também para escorregar, a subidinha da escada do coreto virava um escorregador⁸⁵.

Analisando essa entrevista, tive a compreensão de que os lugares da cidade fornecem sustentáculos à memória, e o meu papel foi fazer uma leitura do narrado, interpretando a praça como o território do vivido. O ato de rememorar as brincadeiras e a cidade de outrora pode ser visto na perspectiva de Rosa, a praça que para ela tinha outra conotação, era o lugar de práticas sociais e culturais, brincadeiras, diversões, festas, local de encontro, conversas e namoros, hoje é um mero espaço de circulação de pessoas apressadas. Conforme Dea Fenelon,

(...) mais importante é valorizar a memória, que não está apenas nas lembranças das pessoas, mas tanto quanto nos resultados e nas marcas que a história deixou ao longo do tempo em seus monumentos (...) ou nos seus espaços de convivência ou que resta de plantas e políticas oficiais sempre justificadas como necessário caminho do progresso e da modernidade.⁸⁶

⁸⁴ Entrevista com Rosa Maria. São Francisco, MG, 04 ago. 2011.

⁸⁵ Entrevista com Rosa Maria. São Francisco, MG, 04 ago. 2011.

⁸⁶ Fenelon, Déa R. (Org.) Cidades. Pesquisa em História/ Programa de Estudos de Pós-Graduados da PUC/SP. São Paulo: Olho Da Água. 1997, p.7.

Na fotografia seguinte, a igreja, com a sua alta torre de frente para o Rio e de costas para a praça e para a cidade, aparece como uma referência de localização.



Fotografia 3: A praça Oscar Caetano em 1968.
Fonte: ONG PRESERVAR.

A fotografia em preto e branco traz a praça no ano de 1968 antes de passar pelas mudanças apontadas pela entrevistada Rosa. Nela pode-se ver o coreto, os bancos, jardins e árvores grandes. Já a fotografia a seguir nos mostra evidências das intervenções ocorridas na Praça em virtude das comemorações do Centenário de emancipação da cidade, carregada de sentidos. A praça ganhou uma nova arborização, jardinagem, mais bancos, iluminação moderna, piso que lembra o calçadão de Copacabana do Rio de Janeiro (símbolo do progresso na época) e o coreto foi derrubado.



Fotografia 4: A praça Oscar Caetano, que, após a reforma, em 1977, recebeu o nome de Praça do Centenário. Fonte: ONG PRESERVAR.

Nas duas fotografias, ao tomarmos como referência a Igreja e o Rio, temos a impressão, na primeira, de que a praça começava com o coreto, tendo-se como base que a cidade se iniciava com o Rio, passava pela igreja, praça e demais construções. Nesse aspecto, os viveres urbanos estavam voltados para o Rio. No entanto, com a reforma, a arquitetura da praça indica que o que antes era o começo da praça se tornou fim, apontando para novos rumos que a cidade iria trilhar, agora voltadas para o transporte por meio das rodovias. Nela se inscrevem as mudanças e valores que os administradores tentaram exprimir, situando-os no tempo e espaço em que sofreram essas transformações.

Além da praça, a materialidade do “progresso” da localidade torna-se visível em outros espaços, pois era parte constitutiva das reformas intervencionistas, daí os sentidos e significados atribuídos ao Rio passaram a ser outros, como, por exemplo, as possibilidade de implementar o turismo nos períodos em que o nível de água do Rio abaixa, formando as praias de água doce.

A cidade passou a ser conhecida e divulgada pelos governantes locais por ter o mais belo pôr do sol da região do São Francisco, a cidade do sol, portanto um bom lugar para “curtir” uma praia. Os dirigentes locais buscaram justificar essa imagem da cidade por meio de cartões postais, cartazes e, principalmente, pela obra de Guimarães Rosa. Em seu

livro, “*Grande Sertão Veredas*”, escrito em 1956, ele descreveu a cidade de São Francisco como “*a formosa cidade de São Francisco - a quem o rio olha com tanto amor*”⁸⁷.

A partir da década de 1980, por uma série de fatores, as condições de navegabilidade foram se tornando precárias. No contexto nacional, desde 1960, o governo investia em aberturas de rodovias sem se preocupar em articulá-las com a via fluvial e os automóveis aparecem com significação de modernidade. Em São Francisco, a navegação, aos poucos, começou a dividir espaço com outro meio de transporte, o terrestre, as jardineiras, uma espécie de ônibus que passava pela cidade.

Um cronista do jornal SF, em 1980, escreveu um texto descrevendo a chegada da jardineira na cidade:

Meio dia: o sol a pino dardeja seus raios sobre a cidade que parece fazer sua sesta. As ruas calmas. Sob a saudável sombra figueira entre a farmácia Vésper e o novo cinema, um grupinho faz alegre bate papo. Ali todos os assuntos do dia são abordados e debatidos. (...) Neste momento o sino da matriz anuncia meio dia e os foguetes espoam no ar. De repente como que por um toque de magia tudo muda e se transforma: gritos, assovios, risadas e correrias. É a meninada que se alvoroça num brado unísono: A jardineira... A jardineira chegou... As ruas enchem de gente que apressadamente corre para o ponto de corrida da jardineira (Hotel São José), um dos melhores da região. A jardineira chegou... fonfonando, arfante, fumegando, cheirando a óleo queimado e todo empoeirado, pára, afinal, a jardineira. Os conhecidos que estão cumprimentam os que chegam. À medida que as malas são descidas da carroceria a petizada disputa seu carreto. Eu levo, seu home. (...) sacos e embrulhos são repartidos e transportados sobre as cabeças dos guris, para seus respectivos destinos. Agora todo mundo saiu, as malas foram embora, mas calmo e já descansado ficou, solitário, o ônibus que amanhã transportará mais um mundo no seu bojo.⁸⁸

Percebemos, nessa citação, que há uma mudança na centralidade da cidade. Se antes as pessoas se concentravam em volta do Rio, agora há uma concorrência proveniente da circulação das jardineiras na cidade. Nesse movimento, é notório um deslocamento do comércio em direção a pontos mais afastados do Rio e próximos à praça do Centenário e aos pontos de parada das jardineiras.

Diante do aumento do uso das jardineiras, em 1973 a Prefeitura Municipal construiu um terminal rodoviário de caráter provisório. No ano de 1981, durante as

⁸⁷ ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão Veredas**. 2 ed. Rio de Janeiro.1991.

⁸⁸ A Jardineira Chegou. **SF, O Jornal de São Francisco**. São Francisco, Ano XX, N. 936, domingo, 13 jan. 1980.

comemorações do aniversário de 104 anos da cidade, inaugurou-se o “Terminal Rodoviário Sancho Ribas” como a mais moderna e grandiosa obra do município. Gradativamente, houve então a substituição da estrada líquida para a terrestre, todavia eram evidentes as precárias condições de infraestrutura das rodovias que ligavam São Francisco a cidades adjacentes.

A partir de 1980, a administração local passa a se orientar pelos parâmetros de desenvolvimento estadual e nacional e, por isso, tem-se o deslocamento das intervenções na hidrovia para as rodovias. Na época, essas mudanças foram constantemente noticiadas na imprensa local, com destaque nas manchetes do Jornal SF. Essas referidas manchetes explicitavam o significado presente nos configuradores de desenvolvimento, na medida em que aumentavam as reivindicações/campanhas do asfaltamento da estrada MG 402, que liga São Francisco a Montes Claros⁸⁹, pois, assim, ter-se-ia maior comunicação com as grandes cidades do País.

Segundo o jornal, a ausência do asfalto na cidade era o entrave maior ao desenvolvimento. Destacava que o asfalto traz uma imensidade de benefícios materiais para os lugares onde passa, como escoamento da produção e chegada de produtos não existentes, um deslocamento mais fácil de ida e vinda das pessoas, levando e trazendo novidades. Por isso, o asfalto era sinônimo de esperança para uma vida melhor.

As obras do asfalto se concretizaram entre os anos de 1987 a 1989, mas, antes, o jornal já planejava as mudanças que eventualmente poderiam acontecer na cidade e na vida dos moradores. No trecho da reportagem destacada abaixo, o jornal mostra os benefícios que a população teria após o término do asfalto na estrada que dá acesso à cidade.

Vai ser possível arquitetar planos para a implantação do turismo; Vai ser possível construir excelente rede hoteleira; Vai ser possível pensar no incremento industrial, principalmente agora que a SUDENE aí está a oferecer incentivos fiscais e financeiros também; Vai ser possível pensar em fábricas; Vai ser possível transformar, para melhor, tudo quanto antes não era possível sem o asfalto; Vai ser possível asfaltar a cidade; Vai ser possível ampliar, e muito, o perímetro urbano; Vai ser obrigatoriamente possível permitir o crescimento populacional urbano, Vai ser possível viver contente com um melhoramento tão esperado!⁹⁰

⁸⁹ A partir de 1960 a cidade de Montes Claros passa a concentrar as principais atividades urbanas e industriais do Norte de Minas. Tal polaridade regional é explicada principalmente pelo fato de o município receber vultosos investimentos da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE. Para maiores informações ver: OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins. **O Processo de desenvolvimento de Montes Claros-MG, sob a orientação da SUDENE**. São Paulo, FFLCH/USP, 1996. (Dissertação de Mestrado).

⁹⁰ Com o Asfalto o Progresso Roda Veloz. **SF, O Jornal de São Francisco**. São Francisco, MG, ano XXI, n 1.186, Quarta-feira, 1986, p. 4.

O jornal traz expectativas de uma cidade desenvolvida com a chegada do asfalto. Realmente, melhoras houve, mas, infelizmente, não atingiram a todos. Mesmo Montes Claros concentrando a maior parte dos recursos da SUDENE, a cidade de São Francisco também angariou recursos principalmente no que diz respeito a sua infraestrutura de transportes. Criou-se uma euforia, expressada na citação acima, de que tais investimentos trariam indústrias e progresso para a cidade.

Nesse contexto, a administração tinha novos projetos com o interesse de identificar São Francisco como uma nova cidade, desvinculada do atraso, como pode ser percebido neste trecho do jornal.

São Francisco para o Centenário está se renovando

Em todos os bairros da cidade e em quase todas as ruas pode-se notar o carinho do povo em se preparando para arrumar bem a cidade pelo centenário. Muitas casas de pintura renovada, outras inteiramente remodeladas, mostram o aspecto distinto, alegria, disposição e boa vontade da população em atender os apelos da administração⁹¹.

Devido ao centenário da cidade, outros locais públicos foram construídos ou sofreram modificações, alguns até mesmo foram reinaugurados com uma nova roupagem. É o caso da reforma da praça de esportes, do estádio municipal e da construção da rodoviária. Gradativamente, os dirigentes locais foram criando novos símbolos a partir daqueles que já existiam, intervindo na paisagem física da cidade, demonstrando sintonia com a ideologia marcante naquele momento no cenário nacional – a dos governos militares.

Nessa dinâmica, surge uma cidade idealizada, onde os fatores negativos são apagados por marcos que objetivam construir uma memória triunfante. Nos anos 1980, a Prefeitura, por meio da imprensa local, elogiava os moradores que contribuíam para o embelezamento urbanístico, construindo belas, modernas e confortáveis residências nos mais diversos pontos da cidade.

São Francisco Cresce e Renova

⁹¹ São Francisco Para o Centenário Está Se Renovando. **SF, O Jornal de São Francisco**. São Francisco, MG, Domingo, XVII, 28/08/1977, 836, p. 1.

Não somente a Avenida Perimetral será marco na nova São Francisco. A iniciativa particular irmanada à Administração Municipal vem concorrendo positivamente para o progresso e renovação da cidade. Modernas e luxuosas residências dão novo aspecto à paisagem urbanística cidadina. Forasteiros e filhos da terra formam, hoje, um todo harmonioso. Assim, as famílias se unem por uma comunidade mais próspera, alegre e feliz⁹².

Elogios

O povo de São Francisco tem construído belas residências em nossa cidade, nossos elogios àqueles que lutam pelo embelezamento urbanístico de nossa terra!⁹³

Evidencia-se que o jornal, em diferentes anos, tenta passar a ideia de uma cidade sem conflitos, onde os moradores, sejam eles “forasteiros ou filhos da terra”, vivem harmonicamente, lutando pelo embelezamento urbanístico e por uma cidade mais próspera, feliz e renovada. O jornal esconde a existência da diferença, das lutas cotidianas, ao mesmo tempo que ignora e exclui aqueles que vivem em residências humildes distantes dos espaços valorizados da cidade, um cenário bem comum a partir dos anos de 1980.

Nesse sentido, Marilena Chauí nos faz refletir sobre a ideia de que, por meio de um discurso ideológico competente, a classe dominante constrói uma imagem unificada de uma dada realidade, com pretensões universais. Nessa dinâmica, as culturas, os valores e costumes dos diversos moradores são silenciados, depreciados e vistos com um olhar preconceituoso.

A sistematicidade e a coerência ideológicas nascem de uma determinação muito precisa: o discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas, anular a diferença entre o pensar, o dizer e o ser, e, destarte, engendrar uma lógica da identificação que unifique o pensamento, linguagem em realidade para, através dessa lógica, obter a identificação de todos os sujeitos sociais com uma imagem universalizada, isto é, a imagem da classe dominante.⁹⁴

Seja opinando, mesclando fatos ou relatando informações de forma incompleta, o noticiário local cria um discurso homogêneo que tende a se tornar universal. Percebe-se que são constantes as matérias nos jornais locais, principalmente a partir de 1977, que

⁹² São Francisco Cresce e Renova. **SF, O Jornal de São Francisco**. São Francisco, MG, ano XXI, n. 1.162, Quarta-feira, 31 jul. 1985, p. 2.

⁹³ Elogios. **SF, O Jornal de São Francisco**. São Francisco, MG, ano XX, n. 916, domingo 23 nov. 1980, p. 2.

⁹⁴ CHAUI, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2000, p. 3.

insistem em construir a imagem de uma São Francisco moderna e totalmente urbanizada, com todos pensando em sintonia, apagando assim as diferenças culturais entre classes.

Nas ruas da cidade, até os anos finais dos anos de 1990, conforme apreendi nas narrativas, era bastante comum a presença de animais, que faziam parte de sua paisagem. No cotidiano citadino não era raro se deparar com cavalos, jegues, gado, porcos, cabras, bodes, cachorros, gatos e outros animais cruzando as ruas de areia. O que mais se via vagando pelas ruas eram os jegues, cavalos e burros, pois as carroças puxadas por esses animais eram abundantes e um dos principais meios de transporte na cidade até meados dos anos 1990.

Diante disso, a prefeitura, juntamente com a vigilância sanitária, começou a impor padrões de higiene e limpeza urbana e aos poucos os animais foram sendo afastados das ruas. Não totalmente, porque ainda hoje hora ou outra deparamos com cavalos e cachorros vagando pela cidade. Conforme o pensamento dos administradores, à medida que a cidade crescia necessitava de regras para “disciplinar a vida urbana”. Assim, aos poucos, a Prefeitura, com a ideia fixa de que cidade limpa era sinônimo de cidade desenvolvida, fez valer a proibição de animais soltos nas ruas e de jogar lixo e entulho em vias públicas.

O poder público municipal visava transformar a imagem da cidade, impondo ordem e beleza por meio de leis. Por isso, praticamente, obrigavam os donos de lotes vagos a substituir as cercas por muros, penalizando os lotes não murados com maior tributação e as casas que permanecessem com entulhos em sua frente por mais de 48 horas com maior taxa de limpeza.⁹⁵

Importante pensar que nem sempre as leis e projetos do poder público que têm como pretensão controlar os espaços e os modos de vida dos moradores são eficientes, pois os sentidos e os usos da rua para os moradores são diferentes.

Em minhas andanças pela cidade, encontrei permanências de elementos rurais na estrutura urbana, tanto em sua organização física como na organização social das pessoas. À medida que me afastava da região central da cidade e me deslocava para outros lugares (Bairros Sagrada Família, Santo Antônio, São Lucas, Funcionários), presenciava modos de viver rural, ainda muito presentes. Encontrei animais criados soltos nas ruas, carroças de burros estacionadas nas frentes das casas, casas com cercas de arame ou madeira, jegues e burros com lenha no lombo, hortas comunitárias, crianças descalças brincando livres nas ruas de terra com “brinquedos” improvisados com materiais encontrados em sua volta.

⁹⁵ SF, *O Jornal de São Francisco*, São Francisco, Ano XXI, N. 1.186, Quarta-feira, 15 out. 1986, p. 04.

A década de 1970 foi marcante para a cidade de São Francisco não apenas pelas comemorações do seu centenário, outro fato foi relevante, estando presente na memória de seus moradores até os dias atuais. Foi nesse sentido que cheguei até a enchente de 1979, tão presente na memória da cidade que, muitas vezes, apareceu como uma referência para o tempo vivido, se transformando em marco de memórias. É como se existisse o antes e o depois da enchente.

O que percebo é que em São Francisco a enchente de 1979 é usada pela memória dominante para legitimar as intervenções feitas pela prefeitura. No entanto, nos referenciais das memórias dos trabalhadores esse tempo de transformação/intervenção aparece com outros sentidos.

Abrindo-nos outra perspectiva, a enchente como um marco no tempo surgiu na narrativa de dona Ana, 67 anos, que foi lavadeira, empregada doméstica, cozinheira e atualmente é aposentada. Dona Ana lembra que, após a enchente, a prefeitura, no intuito de “proteger” a cidade de futuras calamidades provocadas pelas cheias do Rio, construiu o aterro, mas o grande problema apontado pela narradora é que o aterro separou o Rio da cidade. Como revela seu relato,

Com a enchente mudou muita coisa, casas ficaram debaixo da água. (...) Aquele murão alto que tem lá na beira do Rio só foi feito depois da enchente, antes dela não tinha ele. Hoje já acostumei mais, mas quando foi feito aquele murão a cidade ficou tão feia, porque de longe você via o Rio, o pôr do sol, as canoas, o que mais (...) o vapor chegando, o povo banhando e brincando. Agora tem que atravessar o aterro quem quiser vê o Rio.⁹⁶

Por meio dessa lembrança, vêm à tona versões omitidas, ou seja, na concepção da narradora, o aterro ou dique, iniciado em 1980 pela prefeitura municipal, mudou a fisionomia da cidade para pior. O grande paredão escondeu a vista que a cidade tinha do Rio e dos afazeres que ali aconteciam. Para dona Ana é como se tivesse perdido um pouco do elo existente entre o cotidiano e a águas do Velho Chico.

Todavia, o jornal SF, sempre a favor dos dirigentes locais, em suas páginas, interpreta a construção do aterro não como um causador de mudanças de hábitos, costumes e de relações com o Rio. Diferentemente, o considera uma obra gigantesca que preservaria a população de prejuízos materiais contra as enchentes e canal para captação de águas

⁹⁶ Entrevista com Ana Souza. São Francisco, MG, 10 out. 2007 e 16 fev. 2012.

pluviais. Nota-se agora que a enchente é usada para justificar os projetos de intervenção realizados na cidade, vista pelo jornal como causadora de calamidades e prejuízos.

Cabe aqui ressaltar que vemos desenvolvimento sempre no plural, pois ele expressa diversas leituras. Se para a prefeitura sinônimo de desenvolvimento e progresso era construir várias obras para os moradores, o mesmo conceito está ligado a uma boa qualidade de vida, acesso a moradia, saúde e lazer.

Em 1980, para os administradores da cidade, o aterro às margens do Rio era uma obra indispensável e de interesse geral, que, além de renovar a paisagem urbanística, ofereceria mais tranquilidade e conforto aos moradores⁹⁷. No entanto, a narrativa de dona Ana e dos outros narradores, tais como o pescador Sebastião, 38 anos, evidenciaram que o Rio era frequentado por muitas pessoas, em especial, as crianças, que o viam como um espaço de diversão e de práticas de brincar. Ao ser perguntado sobre os lugares em que brincava, o pescador lembrou:

Igual eu te falei aquela hora, a gente ia pro Rio direto, todo dia eu tava lá, ajudando pai e também pra brincar. Tinha muita criança no Rio, adulto, mulher, homem também tinha muito. Nós ia pra lá e brincava de dá pulo mortal dentro da água, a gente pulava do barranco ou de uma árvore, fazia corrida de quem nadava mais ou então brincava de pega só dentro da água, não valia sair fora da água⁹⁸.

Através de uma matéria de jornal de 1980, também pude perceber a intensa movimentação de crianças no cais da cidade de São Francisco. O Jornal SF destaca que, durante a construção do aterro, o grande número de crianças que frequentava o cais da cidade estaria atrapalhando o andamento da construção do dique à margem do Rio.

Segundo a matéria, as crianças se reuniam para brincar no Rio e acabavam se aproximando da obra. Com a manchete “Um perigo à vista”, o jornal alertava aos pais e ao juizado de menores para não deixarem as crianças irem até o Rio enquanto as obras não fossem finalizadas, pois as máquinas usadas poderiam causar algum dano a elas. A reportagem também pedia que a firma construtora colocasse cartazes no local avisando sobre o perigo das máquinas ou, então, contratasse vigilantes para forçar o afastamento das crianças da área de operação das máquinas.

⁹⁷ Dique em São Francisco para impedir enchente. **SF, O Jornal de São Francisco**. São Francisco, MG, ano XIX, n. 950, Domingo, 22 jun.1980, p. 1.

⁹⁸ Entrevista com Sebastião Ferreira. São Francisco, MG, 03 agosto, 2011.

Vimos em uma das últimas tardes que dezenas de crianças estavam espalhadas pelo campo de ação das máquinas, no cais. Algumas crianças mais afoitas faziam piruetas procurando mostrar a sua agilidade em frente a uma das máquinas em movimento. O operador não as via. Pulavam quase roçando os pneus de um scraper. Um passo em falso e eis a possibilidade do sacrifício de uma inocente criança, que mal ensaia os seus primeiros passos na vida⁹⁹.

O memorialista João Botelho Neto foi vereador, escritor, jornalista, ativista ecológico, técnico agrícola, presidente e fundador da ONG Preservar, membro e um dos fundadores da Academia de Letras, Ciências e Artes do São Francisco (ACLECIA)¹⁰⁰, membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros. Em suas memórias escritas, lembrou-se da enchente ocorrida no Rio São Francisco em 1979.

O fenômeno das grandes enchentes no rio São Francisco sempre aconteceu desde os mais remotos tempos da nossa história. (...) A maior enchente já registrada foi a de 1979, quando o nível do rio chegou a uma altura nunca registrada de treze metros e cinquenta centímetros (13,50).
101

A enchente de 1979 acentuou problemas sociais, principalmente no que diz respeito à moradia ou à falta dela. Devido à enchente, muitos trabalhadores rurais migraram para a cidade, muitos povoados do município, por se localizarem próximos às margens do Rio, ficaram alagados, causando, assim, uma desorganização em seus viveres. Essas pessoas começaram a se dirigir para os bairros pobres de São Francisco ou para terrenos que, até então, não pertenciam à parte urbana.

Em 1975, nas páginas do jornal impresso local, o SF, foram publicadas matérias retratando que dezenas de famílias estavam deixando os territórios rurais em busca da cidade e que, após a enchente, esse processo intensificou. As pessoas foram chegando à cidade por diversos fatores. Nesse sentido, Valmiro Silva, ao estudar os modos de vida de pessoas moradoras do Bairro Sagrada Família, situado na cidade de São Francisco, apontou alguns motivos que causaram o êxodo rural a partir da década de 1970. Segundo o autor, além da enchente de 1979 no Rio São Francisco, que alagou vários povoados, e da falta de

⁹⁹ Um perigo à vista. **SF, O Jornal de São Francisco**. São Francisco, MG, ano XX, n. 960, Domingo, 31 ago.1980, p. 3.

¹⁰⁰ A Academia de Letras, Ciências e Artes do São Francisco – ACLECIA foi fundada na cidade de São Francisco/MG, em 04 de outubro de 2001, por ocasião das comemorações dos 500 anos do descobrimento do rio São Francisco. Disponível em: www.aclecia.art.br. Acesso em: 13 maio 2012.

¹⁰¹ NETO, João Botelho. **Jornal de ontem**. São Francisco MG: Edição do autor.2005

água em determinados lugares, a expulsão daqueles que viviam como agregados em muitas fazendas propiciou também a ida de muitas pessoas para a cidade¹⁰².

Após a enchente, as tensões no campo ficaram mais acentuadas e os fazendeiros começaram a se livrar dos agregados, deixando as pessoas sem casa e sem trabalho¹⁰³. Diante dessa situação, uns procuravam outras fazendas para serem agregados, mas a maioria buscava refúgios na cidade.

Ser agregado significa uma dependência dos interesses dos grandes proprietários, que se constituíram como importante força política. Viver na roça em terras alheias é sinônimo de insegurança. (...) Nascer e viver na roça como agregado é saber que mais dia ou menos dia a necessidade de migrar torna-se questão de tempo¹⁰⁴.

O problema mostrado pela imprensa local era que, ao chegarem a São Francisco, muitas dessas pessoas se abrigavam em casas de parentes ou de conhecidos, até encontrarem um local para se fixarem. Na falta de parentes, improvisavam casebres de papelão, de lata, barro, lona ou capim em terrenos distantes do perímetro urbano de então, forçando o crescimento dos bairros, principalmente, antes dos anos de 1970, dos bairros Alto Bandeirantes e Aparecida, já na década de 1970 formando o bairro Sagrada Família. Segundo o jornal SF, essas famílias deixavam o campo alegando os mais variados motivos: *“falta de trabalho, problemas de saúde, educação e o mais repetido ultimamente – ninguém mais quer agregado em suas terras”*¹⁰⁵.

Essas pessoas que vinham das comunidades ao redor, aos poucos, delimitavam seus espaços na cidade, imprimindo suas culturas e, ao mesmo tempo, projetavam sonhos, desejos e expectativas. Notavelmente, a partir dos anos 1970, pessoas vindas do campo juntavam-se com as que já viviam no urbano e, de forma gradativa, criavam maneiras de se inserir na cidade. E os bairros, territórios de todas as espécies de trabalhadores, se formavam nessa dinâmica pela busca de pertencer à cidade.

Nesse sentido, a cabeleireira Geralda, 48 anos, recorda que, até o final dos anos de 1970, a cidade de São Francisco não possuía muitos bairros, nos que estavam se formando as casas eram distantes umas das outras, as ruas eram de terra e a luz elétrica não havia

¹⁰² SILVA, Valmiro Ferreira. **Moradores do bairro, moradores da cidade**: reconstruindo vivências. Bairro Sagrada Família. São Francisco, MG. Op. Cit. 2012.

¹⁰³ SILVA, Valmiro Ferreira. **Moradores do bairro, moradores da cidade**: reconstruindo vivências. Bairro Sagrada Família. São Francisco, MG. Op. Cit. p. 64.

¹⁰⁴ SILVA, Valmiro Ferreira. **Moradores do bairro, moradores da cidade**: reconstruindo vivências. Bairro Sagrada Família. São Francisco, MG. Op. Cit. p. 92.

¹⁰⁵ Êxodo. SF, **O Jornal de São Francisco**. São Francisco, Ano XV, N. 748, domingo, 23 nov. 1975, p. 1.

chegado a todos os cantos da cidade. A cidade aparece no enredo de Geralda de duas maneiras distintas: ora apontando as transformações como melhorias, ora como perdas.

(...) Do tempo de minha infância até hoje muita coisa mudou. Aqui melhorou muito sabe, era umas ruas feias, cheias de mato, não tinha calçamento, água era difícil ter em casa, faltava mais do que tinha, aí tinha que sair pro rio com as latas na cabeça para buscar. Hoje tá com mais cara de cidade, só que muitas coisas daquele tempo acabou, as amizades, alguns lugares, tudo ficou pra trás. As pessoas foi mexendo na cidade, ela foi crescendo e a vida foi mudando também¹⁰⁶.

A fala de Geralda, que nasceu e sempre morou em São Francisco, traz à tona uma infância sofrida, porém, contraditoriamente, vivida com muitas alegrias e brincadeiras. A narradora relembra que, enquanto criança, morava no bairro hoje chamado de Quebra, à margem do Rio, com seus pais e seus irmãos, em uma residência muito simples, metade de barro e outra de tijolo e cimento. Diante da lembrança de sua moradia na infância, Geralda enfatizou que hoje mora em uma casa grande e confortável, fruto do seu trabalho.

Geralda lembrou que algumas vezes dormia na casa de sua prima, localizada onde hoje é o Bairro Aparecida, afastado do Rio, casa em que a luz vinha de lampião a querosene. *“Para chegar até a casa de minha prima tinha que passar dentro do mato, ficava longe do centro. Hoje, essa casa tá dentro da cidade”*¹⁰⁷. Se a casa da prima de Geralda, na década de 1960, ficava dentro do mato e no presente está “dentro da cidade”, isso ocorreu devido à expansão do perímetro urbano, com novos bairros substituindo os locais que antes eram pastos, currais e plantações. Atualmente a cidade de São Francisco é formada por 25 bairros e o centro¹⁰⁸.

As formas como as questões são colocadas ajudam no seu entendimento geral, ou seja, refletir sobre outros sujeitos implica problematizar um processo social histórico mais amplo. Sair da história da cidade e partir para a história dos construtores da cidade significa ouvir narrativas que podem ser convergentes, compartilhadas, ou divergentes da memória tida como oficial. As pessoas com as quais dialoguei, ao partirem do presente, tendo o lugar onde sempre viveram para expor suas memórias e histórias de brincadeiras, foram interpretando as transformações locais ocorridas, principalmente, no final dos anos

¹⁰⁶ Entrevista com Geralda Ribeiro dos Santos. São Francisco, MG, 15 fev. 2012.

¹⁰⁷ Entrevista com Geralda Ribeiro dos Santos. São Francisco, MG, 15 fev. 2012.

¹⁰⁸ Os bairros são: Aparecida, Bandeirantes, Centro, Funcionários, Geraldo Magela, Jardim da Flores, Jardim Graziela, Jardim Lorena, Jardim Regalito, João Aguiar, José Aguiar, Lapinha, Morada do Sol, Quebra, Sagrada Família, Santa Luzia, Santo Antônio, São José, São Lucas, São Luís, São Pedro, Sobradinho, Vila Vicentina, Santa Maria, Bairro das Garças e Santana.

de 1970 e início da década de 1980, e criando significados para essas mudanças. Não só nos lugares e espaços da cidade, mas também nos seus viveres.

Dessa forma, passei a tomar contato com uma cidade apreendida através das memórias e dos viveres dos moradores/entrevistados. São Francisco foi se desenhando nas referências e significados aos espaços: as redondezas do Rio, a praça, o quintal, a casa, as ruas, o Bairro Quebra, Santo Antônio, Aparecida, Bandeirantes, Sagrada Família e Centro surgem nos diálogos como territórios comuns de viveres repletos de práticas, hábitos e costumes.

Lembrar foi atribuir sentidos aos espaços vividos e, com isso, São Francisco foi trazida como o lugar das conversas de rua, de brincadeiras, de trabalho, disputas, festejos e diversão. São os múltiplos usos desses moradores que tecem os lugares, moldam os espaços, formam os territórios e constroem a cidade com as suas experiências, ações e relações sociais.

Nesse movimento, eu, enquanto pesquisador e sujeito da pesquisa fui percebendo que as lembranças dos modos de brincar e das brincadeiras dos moradores expressam o viver em São Francisco em outros tempos, e nos abrem uma brecha para compreender o tempo presente. Seguindo os apontamentos de Raphael Samuel, penso que as pessoas estão sempre colocando questões relacionadas ao local onde moram e vivem ou viveram. *“As lembranças de trabalho das pessoas, como as da sua infância, são muitas vezes excepcionalmente vivas e extensivas a incidentes, acontecimentos e estórias, que dão noção preciosa do local de trabalho, como um contexto total e ambiente cultural”*¹⁰⁹.

Nas conversas, aos poucos, os entrevistados foram impondo o lugar de sua fala, de uma cultura de classe¹¹⁰ e das relações tecidas na cidade. No desenrolar de seus enredos e suas trajetórias de vida, tornaram-se visíveis pelas memórias referentes às brincadeiras os significados atribuídos às mudanças em seus viveres, que, por sua vez, estabeleceram ligações com as pessoas, os costumes, os lugares e modos de vida em São Francisco. Aos poucos, fui percebendo que lembrar a prática de brincar e das brincadeiras é lembrar histórias e vivências ocorridas na cidade.

Tendo essa compreensão, busco, no próximo capítulo, compreender os viveres da cidade sob o olhar dos sujeitos históricos que a constroem, seus moradores, visto que,

¹⁰⁹ SAMUEL, Raphael. História local e História oral. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH; Marco Zero, V. 9, n.º 19, set. 1989 / fev. 1990. p. 234.

¹¹⁰ THOMPSON, E. P. Prefácio. In: _____. **A formação da classe operária inglesa**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. Vol. 1. p. 9-14.

segundo Roncayolo, a cidade acumula “*uma grande soma de experiências históricas*”¹¹¹. Sendo assim, entendo que as experiências pelas quais esses sujeitos passaram revelam formas de viver e de constituir os territórios da cidade.

¹¹¹ RONCAYOLO, Marcel. Cidade. In: **Enciclopédia Einaudi**. Região, v8. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986, p. 396-487, p. 397

CAPITULO II

***“As águas do Rio comandava a vida nossa”*: Outras Memórias, o Rio como Território dos Trabalhadores,**

“Não existe um território sem um sujeito, e pode existir um espaço independente do sujeito. O espaço do mapa dos urbanistas é um espaço, o espaço real vivido é o território”.

Raquel Rolnik

Se, por um lado, no primeiro capítulo problematizamos a produção social dominante que renega os modos de vida dos trabalhadores e o valor social do Rio para eles, neste segundo capítulo procuro entender os sentidos e significados que esses homens e mulheres atribuem ao processo de transformação que vivenciaram na cidade de São Francisco e que sentidos e significados tem o Rio para o seu modo de viver.

No tempo lembrado por eles, o Rio, como um lugar na cidade, é carregado de significados das diferentes práticas que ali se realizavam no cotidiano. Era extremamente importante para o dia a dia, visto que a sobrevivência de muitos estava intimamente ligada à natureza. A natureza estava envolvida nas brincadeiras, no cotidiano e no trabalho. Nesse sentido, o Rio configura possibilidades de divertimento, prazer, sociabilidade e trabalho. Essa questão evidencia-se nos enredos de todos os entrevistados, que, quando questionados sobre os lugares da cidade, atribuem uma ênfase especial ao Rio São Francisco.

Durante as entrevistas, com orgulho os narradores se autodenominavam ribeirinhos e, muitas vezes, barranqueiros, como, segundo eles são conhecidas as pessoas que residem nas proximidades das margens e barrancos do Rio. Portanto, percebo como os trabalhadores vivem de uma forma singular, numa relação direta ou indireta com as águas do Velho Chico, mas, principalmente, que ser “*ribeirinho*” vai além do estereótipo, é aquele que respeita o Rio entendendo-o como um território da vida.

Desse modo, o Rio aparece como um território do vivido, portanto repleto de vivências singulares e plurais ao mesmo tempo. Apesar de as narrativas terem sido provocadas pelas perguntas referentes às brincadeiras, os narradores começaram a apontar os processos de transformação sob a perspectiva de suas vivências cotidianas e nos marcos

de suas memórias. O que nos levou a indagar: Como os trabalhadores compõem suas lembranças do presente/passado da cidade?

A importância de variadas memórias, neste capítulo, é, sobretudo, a de valorizar os viveres, as pistas e os pormenores de presumida irrelevância cuja finalidade pode desvendar valiosos indícios para compor outras histórias, uma vez que o ato de lembrar é único e individual e nos permite compreender os processos históricos/sociais, os conflitos, as contradições que dificilmente aparecem em outros registros, pois são negados pela memória dominante. Entretanto, ao analisar algumas memórias, ficou evidente que nem sempre a memória popular é oposta à memória produzida pelos dirigentes públicos locais. É com tal compreensão que trago para o texto as memórias e histórias de Alice.

Alice, 46 anos, com a sua narrativa nos mostra que os viveres não são homogêneos. Ela revelou que trabalha desde criança, hoje é funcionária pública, lotada em uma escola. Conversamos por horas em seu quintal, sentados embaixo de uma mangueira. Em suas memórias e histórias sobre as brincadeiras praticadas na infância, o Rio apareceu de uma maneira diferente: contemplativa.

Eduardo: *Tinha algum lugar aqui na cidade que você não podia brincar ou até não utilizava para brincar?*

Alice: Hum, deixa eu lembrar [pensativa]. Eu e meus irmãos brincava mais em casa, no quintal, mas às vezes a gente brincava na rua também, mas tinha um lugar que a gente não podia ir de jeito nenhum. Era o Rio. Tinha vez que nós tava brincando, aí algum amigo tinha a ideia de ir pro rio escondido, e eu nunca ia, nem escondido.

Eduardo: *Por que você não ia?*

Alice: O Rio é muito perigoso, muitas crianças iam brincar lá e acabavam morrendo afogadas, então os meus pais não deixavam a gente ir. Eu não sei se você já ouviu, mas antes os mais velhos contavam muitas estórias que no fundo do Rio vivia muitos bichos estranhos. Aí juntava o medo de apanhar com o medo dessas histórias que o povo contava, aí que eu não ia mesmo. E criei meus filhos assim também.¹¹²

Durante a “*experiência narrativa*”¹¹³ com Alice, ficou claro para mim que o corpo também é um artefato narrativo, pois, além da força de sua fala, a entrevista foi marcada por gestos, sorrisos, olhares, silêncios¹¹⁴ e expressões faciais marcantes.

¹¹² Entrevista com Alice Cardoso da Cruz. São Francisco, MG, 05 ago. 2011.

¹¹³ BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. Op. Cit. p. 197-221.

¹¹⁴ Segundo Alessandro Portelli, “os silêncios têm tanta importância quanto as palavras, em todas as formas de comunicação.” PORTELLI, Alessandro. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**. São Paulo, 15, abr. 1997, p. 13-36.

Ao lidar com as vivências de pessoas é preciso ficar atento para que as suas diversas experiências não sejam homogeneizadas, pois, mesmo morando em um mesmo lugar, elas têm viveres e lembranças distintas. Nesse sentido, a narradora deixa transparecer que teve uma criação na qual lhes ensinavam que o Rio não é um lugar para crianças e muito menos para a prática das brincadeiras.

A visão construída por Alice em relação ao Rio é de um lugar belo, mas que deve ser apreciado à distância, o que demonstra um certo temor não só do Rio, mas também dos mistérios que o rondam nas lendas e mitos. Morando em São Francisco, percebo que os ribeirinhos ainda têm a crença de que as profundezas do Rio são habitadas por Caboclos D'Água, sereias, serpentes gigantescas e outras figuras sobrenaturais e encantadas. Essas crenças e lendas, conforme apareceu nos enredos, ganhavam força principalmente nas rodas de conversas que aconteciam nas calçadas, onde as crianças atentamente escutavam os *causos* e sabedorias dos mais velhos, transmitidos de geração a geração.

Em São Francisco, parte dos moradores revela a arte de pescar, do brincar, do dançar, de contar histórias e *causos*. Um povo que nos ensina sobre um tempo que não se pode esquecer. Dessa forma, a cultura pode ser entendida como modos de vida,¹¹⁵ produção de significados, e está presente no dia a dia desses moradores, na vida cotidiana e nas esferas de sociabilidade.

Eram contados *causos* e histórias do Rio, da floresta, de assombrações e magias. A música do Grupo Agreste, “*A Lenda do Arco-íris*”, retoma uma dessas histórias e lendas contadas por pessoas que vivem às margens do São Francisco.

Veja morena que belo arco íris
bebendo água no meio do rio
chuva estiada, festival de cores
beleza aqui nunca se viu
Ôi canoeiro não saia pra pesca
não enfrente o rio
conta a lenda que virou mulher
todo o pescador que ele engoliu
O São Francisco é sua morada
Caboclo d'água foi quem descobriu
quando eu morrer me enterre
numa cova rasa
bem no meio dessa mata
lá na curva desse rio

¹¹⁵ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Op. Cit. 1979.

Ôi canoeiro não saia pra pesca
não enfrente o rio
conta a lenda que virou mulher
todo o pescador que ele engoliu¹¹⁶

O Rio e a mata eram vistos como lugares de encantamento, portanto cercados por lendas e mitos. As estórias mais conhecidas na cidade de São Francisco são a da Grande Serpente, também conhecida como Minhocão, a do Caboclo D'Água, Nego D'Água ou Mãe D'Água, a do Romãozinho, da Sereia Iara, do Surubim Gigante e do Enorme Dourado que vive numa gruta. São presentes também estórias do Vapor Fantasma, do Palácio Encantado, do Lobisomem e da Mula Sem Cabeça,

Nesse sentido, podemos dizer que as lendas e *causos* sobre seres sobrenaturais que habitavam as profundezas do Velho Chico muitas vezes tinham a função de coibir as crianças de frequentarem o Rio sozinhas. Visão que Alice reproduziu também para seus filhos. Segundo a narradora, as suas vivências hoje na cidade não estão relacionadas com o Rio, “*vivo como se ele não existisse aqui na cidade, passo anos sem ver ele, antes de vez em quando eu ia no cais porque tinha os vapores, aí era bom*”¹¹⁷.

Não foi apenas Alice que lembrou o Rio em uma perspectiva de mudanças. Da mesma maneira, o Velho Chico também apareceu nas narrativas de Denilde, 52 anos. A professora Denilde morava na área rural do município, pois seu pai era um pequeno plantador de algodão. A narradora revelou que sua mãe, mesmo não possuindo muita escolaridade, era extremamente preocupada com a educação escolar dos filhos. Por esse motivo, convenceu o marido que os filhos deveriam morar na área urbana a fim de adquirir bons estudos. Dessa forma, ainda criança, sob a tutela dos irmãos mais velhos, Denilde passou a viver dentro do perímetro urbano de São Francisco. Hoje, casada, mãe, professora e pedagoga, relembrou suas brincadeiras e memórias da infância mescladas com as histórias de São Francisco.

No meu tempo, as crianças brincavam mais, aproveitavam mais os espaços, sabia? (...) Era amarelinha, pique, porta-bandeira, casinha, chicotinho queimado, boca de forno, roda, nossa! era um tanto. Nós brincava na rua, no quintal, na porta da casa da gente ou de algum amiguinho e até na beira do Rio. Mas naqueles tempos a cidade também

¹¹⁶ BOI, Pedro; BRAÚNA, Ildeu. A lenda do Arco-Íris. **Grupo Agreste**.1980.

¹¹⁷ Entrevista com Alice Cardoso da Cruz. São Francisco, MG, 05 ago. 2011.

era diferente de hoje, mudou muita coisa, o vapor mesmo não tem mais. Eu me lembro, era só o vapor chegar era aquela alegria na cidade¹¹⁸.

A memória da narradora sobre o Rio apareceu em nossas conversas não só ligada às brincadeiras e aos acontecimentos divertidos, mas, principalmente, àquilo que ela acredita ser relevante, como a chegada do vapor ao porto da cidade. Segundo Denailde, a chegada do vapor ao porto sempre se transformava em momentos de diversão tanto para as crianças como para os adultos. Recordou que os vapores, até meados dos anos de 1980, eram um dos principais meios de transportes entre as cidades ribeirinhas do Rio São Francisco, especialmente no trecho navegável entre Pirapora MG e Juazeiro na Bahia¹¹⁹.

O seu enredo me fez perceber que o vapor transportava mercadorias, passageiros, sonhos e movimentava o comércio por onde atracava. Com a sua chegada “(...) o Rio virava ponto de comércio, adultos e crianças vendiam requeijão, queijo, farinha, rapadura, doce, frango caipira, pamonha e coisas feitas de madeira e barro”¹²⁰.

É possível identificar nesse trecho da narrativa que nas margens do Rio, em especial com a chegada dos vapores à cidade, ocorria uma movimentação comercial baseada em uma economia popular, como o artesanato e o trabalho caseiro. E as crianças também participavam desse “comércio”, pois vendiam produtos muitas vezes feitos pelos seus familiares, vizinhos ou amigos, o que demonstra que trabalhar e brincar estavam presentes, sobretudo, em um contexto familiar.

Em um momento da entrevista, Denailde fechou os olhos e começou a narrar quando o vapor chegava à cidade. Segundo suas lembranças, o vapor soava três apitos, a calmaria se alterava com o deslocamento da população para o cais no intuito de assistir à chegada da grande embarcação soltando fumaça e trazendo notícias, produtos, familiares ou forasteiros. De repente, a beira do Rio estava tomada de gente e nesse momento era colocada uma passarela de madeira dando acesso à terra firme, permitindo, assim, a entrada e saída de pessoas do vapor.

¹¹⁸ Entrevista com Denailde Alves Souza. São Francisco, MG, 23 out. 2007 e 07 jan. 2011.

¹¹⁹ Diniz, ao estudar a história da navegação a vapor no médio e submédio São Francisco e a memória dos vapozeiros, aponta que aproximadamente 45 vapores navegaram nesses dois trechos do Rio de 1871 até 2009¹¹⁹. Segundo o autor, muitos vapores foram desativados, uns devido a naufrágios ou incêndios, outros desmanchados e vendidos como ferro velho. Atualmente, existem apenas os vapores Benjamin Guimarães, que se encontra em atividade, o São Salvador, já funcionando, e o Saldanha Marinho, que fica em Juazeiro, BA, como atração turística. Ver em: DINIZ, Domingos. **Rio São Francisco: Vapores & Vapozeiros**. Pirapora: Ed. Dos Autores, 2009, p. 119.

¹²⁰ Entrevista com Denailde Alves Souza. São Francisco, MG, 23 out. 2007 e 07 jan. 2011.

Quando o vapor chegava na cidade, todo mundo sabia que ele estava perto do porto porque ele tinha um apito muito forte, ele anunciava sua chegada por esse apito. Aí, pronto, só via o povo caminhando em direção ao Rio. Aquele cais ficava lotado de gente, mas não era pouca gente não. Como eu te falei, nessa hora o Rio virava local de comércio¹²¹.

Pelas falas de Denailde percebi que os sentidos de suas lembranças são direcionados às práticas e ao valor social do Rio, mas, principalmente, às relações comerciais não focadas apenas no lucro, e sim nas sociabilidades, nas trocas e encontros com outras pessoas.

Dessa maneira, as memórias de Denailde me conduziram às fotografias como mais uma fonte que nos auxilia a compreender o presente da cidade por meio do passado. Logo a seguir, a fotografia, como um registro social vai ao encontro das lembranças da narradora, ao mostrar a chegada do vapor Benjamin Guimarães no porto da cidade de São Francisco nos anos iniciais da década de 1980.



Fotografia 5: Cais do porto década de 1980.
Fonte: ONG Preservar

Evidencia-se que a imagem apoia as lembranças de Denailde, aparece uma variedade de sujeitos, homens, mulheres e crianças, na beira do Rio olhando a chegada do

¹²¹ Entrevista com Denailde Alves Souza. São Francisco, MG, 23 out. 2007 e 07 jan. 2011.

vapor. Talvez o fotógrafo, ao registrar esse momento, tivesse o intuito de destacar as relações comerciais, simbolizadas pela presença do vapor, no entanto também podemos visualizar muito mais que isso: crianças brincando, andando de bicicleta, pessoas encostadas no cais conversando ou observando a movimentação, as vestimentas das pessoas, as intervenções no cais (calçamento, mureta, iluminação e arborização) enfim, é possível entender o Rio como um território de experiências múltiplas.

Conforme Denilde, a embarcação ficava por volta de duas horas ancorada na cidade e então os funcionários do vapor, chamados pela população de marinheiros ou vapozeiros, permitiam aos curiosos visitar a parte interna da embarcação. Para a entrevistada, essas lembranças surgiram como instantes “lúdicos e mágicos”, nos quais ela unia-se a outras crianças e, encantada, brincava de “faz de conta” dentro do vapor. Em suas brincadeiras ora fingia que era uma passageira, ora fazia de conta que manipulava o grande barco como tripulante.

Eu sempre fui uma pessoa muito criativa, sabe, então, eu dava asas para minha imaginação e brincava também de faz de conta. Sabe como é? É você fingir que é alguma coisa. Principalmente quando a gente estava só, essa brincadeira era ótima. Fingia ser um tanto de coisa, tinha amigo invisível, conversava com árvore, com minhas bonecas. Sabe de que eu lembrei agora?... do vapor. Outro momento interessante era quando chegava o vapor, ele dava três apitos, era o tempo que as pessoas tinham para chegar na beira do Rio. Eles deixavam a gente entrar no vapor para conhecer. Ele ficava ancorado mais ou menos umas duas horas e seguia viagem. Pra nós criança era uma maravilha. Entrava lá dentro, curiosa do jeito que eu só, perguntava tudo, pra que isso, pra que aquilo. Eu aproveitava essas horinhas, na verdade não só eu, outras crianças também, pra ficar brincando dentro do vapor, essa brincadeira de faz de conta eu brincava dentro dele também, eu ficava encantada com o tamanho dele, então eu fingia que eu que manobrava e comandava ele, às vezes eu queria ser a passageira que ficava sentada naquelas redes do vapor¹²².

A professora Rosa, 50 anos, também trouxe à tona as lembranças da chegada dos vapores, tal como Alice e Denilde. Converso com Rosa na principal praça da cidade, a Praça do Centenário. Rosa trabalha como professora na área rural do município e reside na cidade. Sua família mudou-se para São Francisco quando tinha 6 anos de idade e, até então, eles moravam na cidade de Pirapora, também situada às margens do São Francisco,

¹²² Entrevista com Denilde Alves Souza. São Francisco, MG, 23 out. 2007 e 07 jan. 2011.

em Minas Gerais. Rosa recorda que a vinda para São Francisco não alterou muito seus hábitos, pois as duas cidades tinham costumes semelhantes.

Sobre as embarcações, ela nos conta que os vapores não tinha hora certa para chegar a cada porto, apenas uma previsão de chegada, então as pessoas que iam embarcar no vapor ficavam sobreaviso. Quando a embarcação chegava, os passageiros que iriam seguir viagem desciam do vapor e saíam a passear pela cidade. Enquanto isso, alguns funcionários do transporte arrumavam as bagagens dos novos passageiros e outros conduziam para o interior do vapor as mercadorias postas na beira do Rio com destino a outras cidades.

Triste era quando o vapor ia embora, porque o movimento da cidade acabava, era só ele ligar as turbinas, não sei se é turbina ou motor, ah! Era com lenha. Aí, né, o povo voltava tudo para casa, até outro chegar e todo mundo voltar pro cais de novo. Quando ele saía, apitava um som forte, sabe, aí nós ficava acenando para aquelas pessoas que estavam dentro do vapor, às vezes não conhecia ninguém e ficava lá dando tchau e quase chorando [risos].¹²³

Percebo que o apito era uma maneira de marcar o tempo da vida social, era por meio desse som que os moradores sabiam se o vapor estava chegando ou partindo. Rosa lembra que, assim como ocorria na chegada da embarcação, em sua saída o apito também era acionado, embora, dessa vez, avisando os passageiros espalhados pela cidade para retornar, pois ele estava prestes a partir.

O som do segundo apito significava para aqueles que estavam na embarcação e não iriam viajar, como era o caso de Denilde e outros visitantes, que se retirassem. Ao soar o terceiro apito, era o momento da saída e, nessa altura, a âncora tinha sido recolhida, a lenha já estava queimando proporcionando a movimentação da roda traseira e o pleno funcionamento das máquinas.

Nas memórias de Rosa, como se fosse uma cena de filme, “*o apito de chegada trazia alegrias*”, ao contrário do “*apito de partida, que gerava tristeza*” e instantes em que as pessoas acenavam lenços ou as mãos em sinal de despedida e voltavam para casa até que outro vapor apitasse anunciando a sua chegada. Rosa menciona que o principal vapor era o Benjamin Guimarães, hoje ancorado em Pirapora.

Ao seguir os caminhos das memórias dos trabalhadores entrevistados, passei a compreender os significados que eles atribuem ao Rio, à cidade e às práticas socioculturais

¹²³ Entrevista com Rosa Maria. São Francisco, MG, 04 ago. 2011.

que ali eram desenvolvidas. Esse movimento permitiu sair das referências nostálgicas e saudosistas para as referências do processo social vivido. Nesse sentido, as memórias sobre o Rio apareceram como o tempo do vivido constituído em São Francisco pelas relações com a diversão, trabalho, família e não apenas no sentido lúdico.

Por meio das narrativas pude compreender que os modos de brincar, trabalhar, morar e viver das pessoas estavam articulados com os ciclos do Rio São Francisco, tais como períodos de seca, enchente, cheias e vazantes. Nesse sentido, apresento Seu Antônio, 69 anos, mecânico aposentado, que na ocasião do nosso diálogo estava residindo no asilo municipal da cidade.

Brincar no Rio é bom igual eu te falei, mais tem época que não pode nem beirar nele. Tem época que ele tá manso, tem época que ele tá brabo. As águas do Rio comandava a vida nossa, a gente vivia sempre prestando atenção no Rio, para ele não destruir nossa vida e as coisas que a gente tinha. Tinha vez que ele enchia tanto que a água ia parar cá na cidade, aos poucos ia subindo o barranco e aí a gente já ficava preocupado. Antes dele subi todo, a gente pegava as nossas coisinhas, não tudo, só os mais importantes, e mudava pra longe do Rio. Quando ele voltava ao normal, baixando a água, a gente voltava. A gente vivia assim, mas no meu tempo as coisas era diferente, a gente conhecia o Rio, sabia se era tempo disso ou daquilo. Hoje as coisas endoidaram, ninguém sabe mais nada e ao mesmo tempo quer saber mais que Deus, né.¹²⁴

Antônio valoriza a existência de vínculos dos moradores com o tempo da natureza (cheias, secas, vazantes). Nesse sentido, tanto o espaço físico como os viveres tinham que ser reconfigurados por causa dos ciclos e ritmos das águas do Rio. Ao demonstrar que os modos de viver estavam articulados com o Rio, o narrador recorda a casa de sua família que ficava muito próxima às beiradas do cais, no Bairro Quebra. Por isso, no período das cheias, todos ficavam mais atentos, sendo obrigados a respeitar os limites impostos por ele.

O tempo das cheias significava os limites de relação com o Rio e sua utilização. Nesse período, lembra Antônio, tinha que se mudar para outras áreas mais distantes das margens do Velho Chico. É nesse sentido que o narrador traz a frase “*as águas do Rio comandava a vida nossa*”. A chegada das “águas baixas”, isto é, da seca, era o tempo da volta para casa, assim foi como narrou Seu Antônio.

O ritmo do Rio estava mesclado ao ritmo social da vida, o narrador expressa em sua fala que os moradores tinham um conhecimento da natureza, sabiam qual o melhor tempo para pescar, plantar, colher, assim como os meses de chuva, seca e as fases da lua. São

¹²⁴ Entrevista com Antônio Batista da Silva. São Francisco, MG, 18 out. 2007.

experiências vividas e transmitidas através da oralidade pelos mais velhos, pois, segundo Seu Antônio, “*eles tinham uma sabedoria popular, olhava pro céu e sabia que ia chover ou não, da passagem da lua, uns nunca estudou e sabia tudo*”¹²⁵.

Nesse sentido, a categoria saberes assume um significado que extrapola para além de uma educação formal, pois incorpora experiências vividas, práticas cotidianas, valores e culturas. Com esse viés, Maria Helena, 49 anos, dona de casa, casada, mãe de dois filhos, me recebeu em sua casa por duas vezes para contar suas histórias de brincadeiras. Esses encontros foram intermediados por sua filha, que é minha amiga e, ao tomar conhecimento da pesquisa, logo indicou sua mãe para ser uma das entrevistadas.

Assim como o Antônio, muitas passagens de suas memórias foram constituídas pelas lembranças de um modo de vida ribeirinho. O Rio perpassou toda a narrativa de Maria Helena, pois ela nos contou que estava sempre lá, para trabalhar lavando roupas e vasilhas, buscar água, banhar e até mesmo brincar. Mesmo Maria Helena tendo contato com o Rio quase que diariamente, uma passagem de sua fala me chamou a atenção:

(...) Mas a gente até hoje tem que ter cuidado com Rio porque ele é bom, mas é traiçoeiro, é igual os mais velhos falam: “*água não tem cabelo pra puxar*”. Muita gente já morreu ali, viu?¹²⁶

Ao trazer a metáfora “*água não tem cabelo pra puxar*”, Maria Helena mostra os conhecimentos adquiridos com os mais velhos, demonstrando os modos de aprender e de saber lidar com o Rio e a vida. Ou seja, para trabalhar, brincar ou banhar dentro do Rio, é preciso primeiro conhecê-lo, saber os locais mais fundos, os rasos, ou onde tem pedras e buracos, pois esses podem se transformar em uma armadilha fatal para aqueles que não têm “costume” com o Rio.

Nesse sentido, com as histórias das brincadeiras no Rio, surge nas memórias de Maria Helena tanto a imagem de um lugar prazeroso e divertido quanto de um lugar perigoso e misterioso, principalmente para aqueles que não convivem com ele diariamente.

Nesse aspecto, os relatos nos diziam sobre as perdas de alguns amigos durante as brincadeiras que aconteciam no Rio. Marcos, 39 anos, filho de pequeno comerciante e doceira, recorda que era comum reunir os amigos e irem para o Rio banhar, estilingar nas

¹²⁵ Entrevista com Antônio Batista da Silva. São Francisco, MG, 18 out. 2007.

¹²⁶ Entrevista com Maria Helena Rodrigues Santos. São Francisco, MG, 01 out. 2007 e 15 fev. 2012.

codornas, brincar de bola ou de pega-pega dentro da água, muitas vezes às escondidas dos pais.

Marcos rememorou que em uma dessas idas ao Rio, quando brincavam de pega-pega dentro da água, uma de suas amigas pisou dentro de um buraco e começou a se afogar. Na tentativa de salvá-la outro amigo também faleceu. Esses afogamentos no momento das brincadeiras, ou no dia a dia não eram fatos raros. Mas o interessante é que, muitas vezes, a explicação para esse tipo de acontecimento ganhava um caráter místico, como se vê na fala do narrador: *“naquele tempo a gente falava que algum ser que morava no fundo do Rio que puxava as pessoas para debaixo da água, podia ser o caboclo, a cobra ou outro”*¹²⁷.

Retomando a narrativa do Antônio, quando nos traz os tempos do Rio e da vida social, ele lembrou que, quando o São Francisco enchia, formava diversas lagoas espalhadas pela cidade e essas lagoas provisórias constituíam um espaço a mais para as brincadeiras. A conhecida lagoinha do Quebra, localizada na região central da cidade, apareceu nas lembranças associada à diversão e às cheias do Rio.

Antônio recorda que, devido à lagoa não ser profunda, as crianças da região, dos Bairros Quebra, Bandeirantes e Centro, se reuniam nela para brincar. *“Era só o Rio encher que ali na lagoinha do Quebra a molecada fazia a festa”*¹²⁸. Em tempo de seca, a lagoinha se transforma em um pequeno campo de várzea para a molecada jogar futebol. A lagoinha, que hoje está seca, faz parte da paisagem social da cidade. Sem água, é como que ficasse a esperar o Rio encher para se tornar uma verdadeira lagoa.

Porém, um artigo publicado na imprensa local tem uma visão da Lagoa do Quebra diferenciada da memória de Antônio, os discursos sobre o assunto divergem. Enquanto o narrador traz em suas lembranças a Lagoinha como um espaço de diversão para as crianças, o Jornal retrata esse mesmo espaço como perigoso para a saúde pública. De acordo com a notícia veiculada no Jornal, *“a Lagoa é um foco de doença”*¹²⁹ e abrigo de cobras, ratos, mosquitos e insetos peçonhentos que prejudicam e infernizam a vida dos moradores da região.

Joaquim, 52 anos, quando criança também frequentava a lagoinha, pois sempre morou no Bairro Quebra. Começamos a conversar e descobro que ele é artesão, folião e organizador da Festa do Boi na cidade. Gentilmente, me concedeu uma entrevista. Em

¹²⁷ Entrevista com Marcos Santos Soares. São Francisco, MG, 18 out. 2007 e 02 ago. 2011.

¹²⁸ Entrevista com Antônio Batista da Silva. São Francisco, MG, 18 out. 2007.

¹²⁹ Lagoa do Quebra: foco de doença. **SF, O Jornal de São Francisco**. São Francisco, MG, ano XXXII, n. 1268, Domingo 24 maio 1992.

alguns momentos a sua fala despertou-me algumas dúvidas e curiosidades, então senti a necessidade de procurá-lo novamente. Como não tinha o seu endereço, comecei a procurá-lo através de referências, mas não o encontrei. Em um domingo, ao voltar da casa de um amigo, deparo com o Joaquim. Eu o abordei, mas ele não se lembrava de mim. Somente após alguns minutos lembrou vagamente da primeira conversa que tivemos em 2007.

O bairro no qual Joaquim vive tem como vizinho o Rio São Francisco, então, o fato de ter a sua residência nas proximidades dos barrancos do Rio talvez explique a força de sua memória sobre o assunto. O Quebra foi um dos primeiros bairros da cidade de São Francisco e, devido à localização do porto nesse espaço, ficou conhecido como território de trabalhadores, uma vez que nele sempre viveram pescadores, areeiros, tombadores, lavadeiras, lancheiros ou barqueiros, trabalhadores rurais, pedreiros, carpinteiros, pintores, artesãos, carroceiros, ambulantes, babás, empregadas domésticas, barbeiros e cabelereiros.

Muitas ruas hoje pertencentes ao Bairro Quebra e ao Centro eram caminhos e trilhas que davam acesso ao Rio e gradativamente foram cercadas por casebres e intervenções municipais. Mesmo que essas ruas hoje recebam outras denominações, os moradores as conhecem pelos antigos nomes dados pelos habitantes de outrora – Rua Direita, Rua das Mangueiras, Rua do Quebra, Avenida, Rua Calçada.

Por estarem próximas ao Rio e aos antigos portos, tanto o do Centro (cais) como o do Quebra, os grupos dirigentes de São Francisco as reconhecem como “*lugares históricos e de tradições*”, não por causa dos trabalhadores que por ali vivem, e sim para referendar o passado e o mito de fundação baseado nas relações comerciais advindas do Rio.

Noutros registros encontrei uma reportagem publicada na imprensa local sobre esses lugares que ligam a cidade com o Rio. O Jornal SF entrevistou alguns moradores antigos desses logradouros e descobriu que a Rua Direita (hoje Rua Floriano Peixoto) recebeu esse nome pelo fato de estar à direita de quem vai ao Rio tendo como referência a igreja. Já a Rua do Quebra, ou Rua João Pitanguy, por acompanhar o Rio, ela quebrava conforme as suas voltas e ainda em certo ponto quebrava em duas; já outros moradores disseram para o jornal que era nessa rua que o “pau quebrava feio”, ou seja, ocorria muitas brigas.

A atual Rua Olegário Maciel, mais conhecida como a Rua da Mangueira, obviamente pela existência de muitas mangueiras em sua extensão, no tempo das mangas ficava repleta de crianças que, depois de irem ao Rio, se dirigiam até essa rua para subir nelas a fim de saborear a fruta. A Rua Odorico Mesquita, ou a Avenida, era assim

conhecida porque descia ao Rio. A Rua Calçada, hoje Avenida Montes Claros, recebeu esse nome porque foi a primeira rua calçada de São Francisco¹³⁰.

Esses lugares citados pelo jornal vieram nas lembranças de Joaquim como territórios em que as sociabilidades e as culturas se adensavam. Antes de a cidade começar a se expandir e ir se distanciando das margens do Velho Chico, o narrador recorda que era nessas redondezas que aconteciam as procissões, as festas juninas, a festa do Boi, as folias de Reis, de São Gonçalo, sendo comum por ali a movimentação de pessoas, num constante vai e vem dos barrancos. Em uma de suas falas Joaquim disse a seguinte frase: “(...) *antes o quente da cidade era a Rua Direita, o bairro Quebra e o Centro da cidade, tudo acontecia por aqui, as tradições da cidade e não tinha esses bairros que tem hoje*”¹³¹.

No intuito de valorizar e reafirmar o narrado, Joaquim chega a exagerar sobre a movimentação na beira do Rio, dizendo que em outros tempos, até meados da década de 1990, era possível encontrar 300 lavadeiras batendo as roupas simultaneamente, desde o porto do Bairro Quebra até o Centro.

Percebe-se na fotografia do ano de 1979, durante a enchente, algumas crianças em meio a uma intensa movimentação de lavadeiras.

¹³⁰ Em Busca do Passado. **Nosso Tempo**. São Francisco, MG, ano II, n. 64, 04 jul. 1998.

¹³¹ Entrevista com Joaquim Messias Queiroz. São Francisco, MG, 24 out. 2007 e 05 ago. 2011.



Fotografia 6: mostra as lavadeiras lavando suas roupas na beira do Rio durante a enchente de 1979.
Fonte: ONG Preservar

Segundo Joaquim, esse era um momento de reunir os amigos para irem até as beiradas do Rio assistir à movimentação ou “*aprontar prezepadas,(...) as roupas das lavadeiras alvinhas, a gente ia lá e sujava e a mulherada xingava a gente, mandando a gente ir embora*”¹³². As brincadeiras praticadas por Joaquim e seu grupo eram mais voltadas para a competição. Ele nos contou que pegava “párea” (aposta) com os amigos, ou seja, disputava para ver qual entre eles conseguiria dar o maior salto dentro do Rio, pulando das pedras ou dos barrancos, ou então quem do grupo melhor nadava.

O entrevistado rememorou suas brincadeiras juntamente com seus viveres entrelaçados com a presença do Rio, como pode ser visto em sua fala:

Aqui tinha muita lavadeira de roupa, começava lá no porto do Bairro Quebra ia até aqui no centro, onde hoje é a Copasa. Era mais de 300 pessoas lavando roupa, era um movimento lascado. Antes tinha mais acesso à beira do Rio, você encontrava gente lá o dia todo, hoje já não é mais assim, só tem desrespeito com ele. Tem dia que eu vou na beira daquele Rio, encontro uma ou duas pessoas. Antes era tanta gente lá, gente pescando, gente namorando, batendo papo, tratando peixe¹³³.

¹³² Entrevista com Joaquim Messias Queiroz. São Francisco, MG, 24 out. 2007 e 05 ago. 2011.

¹³³ Entrevista com Joaquim Messias Queiroz. São Francisco, MG, 24 out. 2007 e 05 ago. 2011.

Joaquim, em sua narrativa emaranhada pela dinâmica presente-passado, recorda um tempo em que o ritmo da sua vida e da cidade estavam em consonância com o ritmo das águas do Rio. Lembrando-se de suas experiências, o narrador reivindica um lugar de destaque, que segundo ele o Rio merece. Nesse sentido, bastou eu fazer a ele a seguinte pergunta: “*Você utilizava o Rio para brincar?*” Pronto. A partir daí, Joaquim se lamentava a todo o momento do descaso e desrespeito dos moradores com o Rio, evidenciando nos dias atuais modos de vidas menos dependentes do Rio, compondo nuances diferenciados do tempo lembrado.

Trago essas passagens das falas de Joaquim porque acredito que uma das funções do historiador preocupado com o social é mostrar como os sujeitos atribuem significados a sua realidade. Sendo a realidade atual um efeito de uma causa que se encontra no passado, dessa forma a história oral busca reconstituir uma memória que na verdade “*gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas*”¹³⁴.

Vejo que a fala do narrador vai além do saudosismo ou de como a cidade havia sido. Ela traz o presente, as transformações, os valores e outros viveres que não lhe agradam. Dessa forma, ao falar do passado, o presente aparece denunciando uma vida apressada repleta de afazeres, na qual as vivências com o Rio ficam em segundo plano. E mais, Joaquim, ao dizer que hoje “*só tem desrespeito com ele*”, o Rio, de maneira velada nos informa como alguns ribeirinhos o vêm tratando: desmatando as suas margens, jogando lixo, entulho e esgoto em suas águas.

Hoje tá diferente, as pessoas não têm mais aquele amor, cuidado e apego que nós tinha com o Rio. Cabou aquele movimento bonito no rio, as lavadeiras, o vapor, a fartura de peixe, as crianças nas pedras ou então subindo na quixabeira [árvore] de lá. (...) Você já viu o pôr do sol daqui como é lindo? Os raios do sol batendo na água, nossa! Não existe cidade que tem o pôr do sol mais bonito que a nossa cidade. E o povo não dá valor¹³⁵.

Todas essas lembranças revelam um modo de viver que não é mais tão forte, viveres que antes era quase totalmente instrumentado por uma cultura subsidiada pela presença do Rio. O diálogo com Joaquim nos leva a pensar que os sujeitos em São

¹³⁴ THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação história oral e memórias. In: **Projeto História**. São Paulo. nº 15, abril de 1997. p. 57.

¹³⁵ Entrevista com Joaquim Messias Queiroz. São Francisco, MG, 24 out. 2007 e 05 ago. 2011.

Francisco estão em constante movimento, sua vivência não apenas com o Rio, mas também com a cidade passa por modificações com o decorrer do tempo, principalmente a partir da década de 1970, quando São Francisco passou por um intenso processo de intervenções urbanas, como pôde ser visto no primeiro capítulo.

Seus modos de vida e experiências sociais são outros e por isso adquirem novos significados no contexto atual, o que, entretanto, não quer dizer que outras formas de vivências encontradas na cidade em outros tempos tenham desaparecido. Nessa dinâmica, essas outras experiências encontram-se presentes no cotidiano dos moradores, porém convivendo com novas experiências, costumes e valores.

A questão do valor foi outro ponto abordado por Joaquim em sua narrativa ao destacar o pôr do sol na cidade como o mais bonito. A localização de São Francisco do lado direito do Rio, na direção oeste, permite que todos os dias ao entardecer se assista ao espetáculo dos raios do sol, cheios de cores e beleza, se refletindo sobre as águas.

Maria Helena, em sua narrativa, trouxe à tona as memórias de brincadeiras e a movimentação de trabalhadores que aconteciam nos barrancos do Rio São Francisco. Em suas recordações, o Rio aparece como um espaço multifacetado da cidade que traz referências culturais e vínculos de trabalho.

Maria Helena: Era bom brincar também na beira do Rio. Nossa! Aconteciam tantas brincadeiras, era tanta criança, muita gente mesmo.

Eduardo: *Você ia para o Rio sozinha?*

Maria Helena: Às vezes, mas na maioria das vezes a gente ia com algum adulto, até mesmo para ajudar em alguma coisa.

Eduardo: *Que coisa? O que acontecia no Rio?*

Maria Helena: Era tanta coisa que você nem queira saber [risos]. Na beira do Rio mudou tudo, o pessoal ia bastante na beira do rio, tinha homem pescando, pegando terra, consertando barco, muita mulher ia lavar roupa no Rio, mãe mesmo lavava roupa lá, não tinha água encanada. A beira do Rio era cheia de mulher batendo roupa naquelas pedreiras, as lavadeiras iam lavando e fofocando da vida dos outros [risos]¹³⁶.

Maria Helena revela indícios de uma cultura ribeirinha, que se faz presente em hábitos, costumes, crenças e valores que representam os modos de vida local. Lembra do Rio com significados de espaços de gente, de sociabilidades, de trabalho, lazer e dos saberes. Percebe-se que o marco de memória da narradora é a multiplicidade de

¹³⁶ Entrevista com Maria Helena Rodrigues Santos. São Francisco, MG, 01 out. 2007 e 15 fev. 2012.

trabalhadores e as suas relações com os variados usos do Rio. Nesse universo, aparecem homens, mulheres e crianças da classe trabalhadora.

A narradora recorda que, à beira do São Francisco, enquanto as mulheres lavavam as roupas e ali mesmo comentavam as novidades e boatos da cidade, as crianças brincavam dentro do Rio ou em suas margens e barrancos, pois era comum as crianças acompanharem seus pais até as margens com a finalidade de ajudá-los.

Enquanto isso nós ficava tomando banho no rio, chupando melancia, os meninos estilingando nos passarim e atentando. O que nós mais fazia era brincar e atentar. Era muita criança e bastante movimentada a beira do São Francisco. (...) Saía no mato caçando canapu, umas frutinhas redondinhas. Quando amadurecia a gente comia. Subia na árvore, ficava de cabeça pra baixo. Eu gostava de ficar olhando pro céu e formar desenhos com as nuvens. [risos]. Eu brincava de jogar pedra no rio, era uma disputa pra quem jogava mais longe a pedra. Ah! Tinha um jeito de jogar pedra no rio e descobrir quantos filho a gente ia ter quando crescer. Mas eu tinha que ajudar minha mãe um pouquinho, mas eu dava o balão nela e ia era brincar com as outras meninas e menino também, só aparecia na hora de ir embora, porque tinha que ajudar subir o barranco com os baldes ou bacia de roupa. Era um sacrifício, porque, oh, trem que pesa é roupa molhada, se bem que mãe, quando não tava com pressa, estendia a roupa nas pedra um pouquim, só pra escorrer mais a água¹³⁷.

Enquanto sua mãe se dedicava à labuta cotidiana de lavadeira, a narradora nos disse que ficava a esperar e juntava-se com outras crianças para nadar, subir em árvores, ou até mesmo aprontar molecagens com as outras lavadeiras. Mesmo sabendo que a sua presença ali, no Rio, era somente para auxiliar a sua mãe, Maria Helena não resistia e tentava encontrar um meio para brincar um pouco.

Então, a única saída, como ela mesma disse, usando uma expressão do tempo da sua infância, era “*dar um balão*” em sua mãe, ou seja, aproveitar que ela estava envolvida com a lavagem das roupas e sair às escondidas para outro ponto do Rio, a fim de encontrar outras crianças para brincar. Identificam-se em suas lembranças as brincadeiras coletivas envolvendo meninos e meninas e o jeito criativo de brincar. Desse modo, seguindo o enredo da narradora, fica claro que os divertimentos não estavam dissociados do trabalho e dos viveres tanto das crianças, como dos adultos.

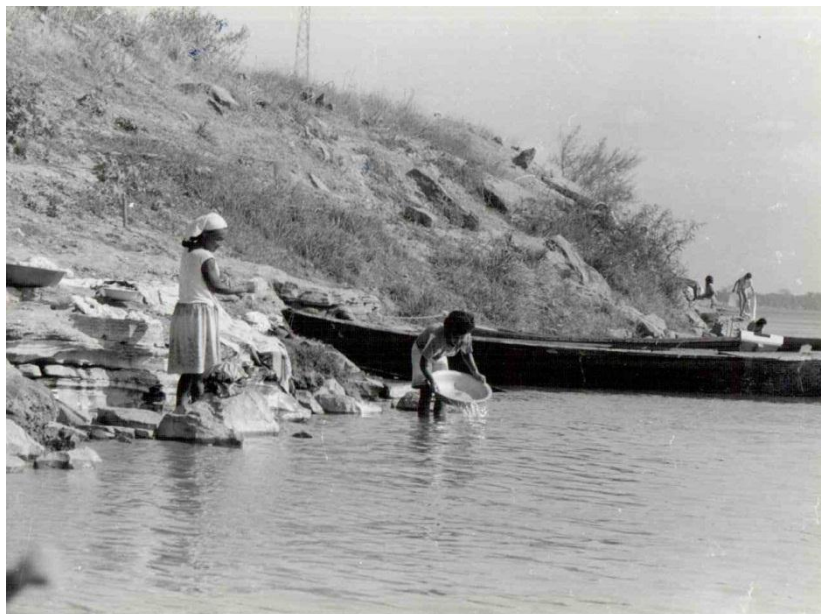
Em sua fala, o território demarcado pelo Rio aparece com muitos e diferentes sentidos, constituindo-se também como o espaço das possibilidades, da família e das

¹³⁷ Entrevista com Maria Helena Rodrigues Santos. São Francisco, MG, 01 out. 2007 e 15 fev. 2012.

aprendizagens. À medida que os pais e mães levavam seus filhos para ajudá-los na pescaria, na lavagem de roupa, no transporte de pessoas com as canoas, entre outros ofícios, as crianças iam apreendendo essas habilidades e saberes sobre o Rio.

Ao mesmo tempo que Maria Helena explicita que, enquanto criança, tinha que trabalhar com a sua mãe para ajudar na sobrevivência da família, destaca os cuidados e preocupações dessa para não sacrificá-la, como, por exemplo, esperar a água escorrer das roupas, diminuindo seu peso e facilitando a subida dos barrancos com as trouxas ou bacias e baldes de roupas molhadas na cabeça.

Noutros suportes de memória, como a fotografia, encontrei a relação entre o Rio e os modos de vida dos moradores, pois a fotografia, como um registro social, traz usos relacionados à cultura dos trabalhadores. A fotografia não datada, a seguir, mostra uma lavadeira sendo ajudada por uma criança que provavelmente seja seu filho.



Fotografia 7: lavadeira e uma criança no Rio.
Fonte: Arquivo ONG Preservar

Nessa linguagem social, as cenas lembradas por Maria Helena foram capturadas pelas lentes de um fotógrafo. Na imagem podemos perceber a altura do barranco que as lavadeiras deviam descer e subir com as trouxas de roupas, como também uma mulher em volta das pedreiras que ficavam às margens do Rio, usadas para friccionar e bater as roupas, facilitando assim a retirada da sujeira nelas contida. A vestimenta da mulher

projetada na foto, tal como o lenço em sua cabeça, nos revela os cuidados tidos por elas para se protegerem do sol e calor escaldante característico “até os dias de hoje” da cidade.

Por meio das memórias e histórias trazidas por Maria Helena, entendo o Rio na cidade de São Francisco como o território de todos os tipos de trabalhadores, práticas e crenças imbricados nos modos de morar, viver, divertir e trabalhar. Os homens juntavam-se às mulheres e crianças, uns trabalhavam, pescavam, lavavam roupas e utensílios domésticos, outros brincavam, banhavam, ou somente contemplavam à distância.

Muitos moradores se apropriavam do Rio para obter o alimento da próxima refeição, como um importante meio de complementação do orçamento ou da alimentação. Já outros o tinham como a única fonte de renda seja enchendo carroças de areia para serem vendidas e usadas em construção; seja como barqueiros atravessando as pessoas de um lado da margem para a outra; seja como balseiros trabalhando nas balsas que atravessam os automóveis, ou mesmo como pescador ou lavadeira.

Sem falar que muitas pessoas plantam do outro lado do Rio para aproveitar suas águas, pois não têm dinheiro para irrigação, são os chamados de vazanteiros. A água para os bois e bodes também é retirada do Rio¹³⁸. Importante lembrar que muitas mulheres, até meados dos anos 1990, lavavam roupa no Rio para famílias da classe média, de forma que a lavação de roupas, atividade comum na cidade, garantia o sustento de sua família.

Também Seu Raimundo, 55 anos, pedreiro, que, assim como Maria Helena, é filho de lavadeira, ao buscar em suas memórias instantes da infância, recorda que diariamente ajudava sua mãe a descer e a subir os barrancos de acesso ao Rio, com as trouxas de roupas ou baldes cheios de água na cabeça.

Eu acho que quase todo dia eu ia no Rio, sabe por quê? Eu tinha que ajudar mãe e pai. Mãe lavava roupa pros outros, então eu ia com ela nas casa das pessoas pegar a trouxa de roupa. Rapaz, era cada trouxa, mas ou menos desse tamanho assim! [abriu todo o braço demonstrando o tamanho da trouxa de roupas]¹³⁹.

A memória aqui traz o tempo do trabalho nos limites das condições sociais da vida. Raimundo, ao narrar para o presente suas memórias do passado, parte de um lugar e de uma condição social na cidade, morador de um bairro, o Bandeirantes, que, segundo ele, era conhecido como currutela e ficava distante do centro comercial e administrativo, com

¹³⁸ Para uma melhor compreensão sobre o assunto ver em: BRITO, Saulo Jackson de Araújo. **Trabalhadores ribeirinhos do Velho Chico**: experiências, memórias e modos de vida em São Francisco-MG (1980-2012). Op. Cit. 2012.

¹³⁹ Entrevista com Raimundo Ferreira. São Francisco, MG, 18 out. 2007 e 15/07/2011 .

pouca estrutura. Filho de pescador e lavadeira, em uma passagem de sua narrativa lembra as diferenças e tensões vividas na cidade ao revelar as condições de sua moradia no Bairro Bandeirantes. Morava em uma casa construída de madeira e barro, nela não havia piso e o banheiro era uma latrina, uma espécie de um buraco com 2 metros de profundidade.

Por meio da fala de Raimundo posso dizer que ele transitava entre o lado pobre da cidade, o seu lugar de moradia, e o lado da classe média, ou seja, das pessoas a cujas casas ele ia com a sua mãe a fim de buscar as trouxas de roupas para serem lavadas. O fato de sua mãe ter que ir lavar as roupas no Rio, tal como a mãe da outra entrevistada, a de Maria Helena, demonstra um costume comum, mas também a precariedade e a falta de água encanada ou até mesmo uma forma de amenizar as despesas na conta de água. Suponho que a difícil obtenção da água não raramente comprometia a higiene pessoal, a saúde, a limpeza da casa e dos utensílios domésticos.

Depois nós ia pro Rio, porque não tinha esse negócio de lavar roupa em casa igual hoje, todo mundo ia bater a roupa no Rio. Lá em casa também nem água tinha, água em casa era luxo. (...) Já levei tanta queda naqueles barrancos com os baldes e bacia de roupa na cabeça!¹⁴⁰.

Ao lembrar-se de seu cotidiano, relatou quando a sua casa passou a ter acesso à água encanada nos anos de 1980, mas o costume de ir até o Rio buscar água para beber continuou por um bom tempo. Lembrou que seus pais diziam que a água encanada não tinha o mesmo sabor daquela vinda diretamente do “Velho Chico” em baldes e latas carregadas na cabeça. Os potes de barro sempre eram abastecidos com a água trazida do Rio. Nesse sentido, seu Raimundo acredita que a vida dos moradores de São Francisco está “melhor e mais fácil”, quando compara com aquela vivida por ele, como foi mostrado acima.

Trago para essa conversa a fala de Sebastião, 38 anos, pescador, casado, pai de três filhos, filho de pai pescador e de mãe doméstica e babá. Em minhas andanças pela cidade, fui até o cais localizado à beira do Rio São Francisco, quando encontrei seu Sebastião encostado na mureta de proteção à espera de seu companheiro de pesca. Era um final de tarde e ali, naquele momento, tendo como pano de fundo um belíssimo pôr do sol, espontaneamente, Sebastião começou a narrar suas vivências.

¹⁴⁰ Entrevista com Raimundo Ferreira. São Francisco, MG, 18 out. 2007 e 15/07/2011.

Eu não o conhecia e nem ao menos tinha planejado essa entrevista, que só ocorreu porque Sebastião, como um bom prosegador, puxou assunto comigo ao comentar sobre o nível de água do Rio. Começou a falar da fartura de peixes em períodos anteriores e das mudanças ocorridas no cais da cidade foi quando o interrompi, expliquei quem eu era e perguntei se podia gravar o que ele estava me relatando. Com a sua permissão, retirei o gravador do bolso e Sebastião, sem se intimidar, continuou a narrar os acontecimentos presenciados e vivenciados em São Francisco, cidade onde nasceu e reside até hoje.

(...) Eu sempre acompanhei meu pai nas pescarias, no começo eu apenas ajudava ele a levar as coisas até a beira do Rio, né, as rede, lanterna, comida, essas coisas que nós pescador leva pro Rio, né. Depois meu pai começou a me levar pro meio do Rio pra pescar, ali eu ficava olhando ele e outros amigos dele e acabei aprendendo. Hoje eu sou pescador, mas faço uns bico também, porque pescar não tá dando mais lucro como no tempo do meu pai.

Eduardo: *Como que era no tempo de seu pai? Você se lembra?*

Era um tempo de fartura, moço, eu lembro que pai chegava em casa era com saco cheio de peixe, e era peixe grande, viu. Ali ele repartia com quem ele tinha ido pescar, tirava uns pra nós comer e os outros ele vendia pro pessoal. Tinha vez que eu mesmo saía na rua vendendo os peixe pra pai¹⁴¹.

Sebastião fala sobre o passado com alegria, relembra o tempo da fartura de peixes, quando não possuíam bens materiais, mas fome nunca passavam. O entrevistado, ao falar das mudanças ocorridas nas brincadeiras e em seu trabalho, contou que o ofício de pescador foi aprendido com seu pai, acompanhando-o nas pescarias. Não só o ato de pescar, mas também outros saberes foram passados de pai para filho através das relações de vivências, tais como tecer a rede de pesca, ainda conhecida como tarrafa¹⁴², armar e jogar a rede no Rio, técnicas para facilitar a captura dos peixes, tratar e limpar o peixe (segundo ele nem todos sabem tratar de forma que diminua as espinhas), além de conhecimentos adquiridos sobre o Rio na labuta diária.

Invocando suas memórias, o tempo destacado por Sebastião é o tempo da fartura, do aprendizado, da solidariedade e das vendas. Veio nas lembranças de Sebastião que os pescadores sempre trabalhavam ou em dupla ou em grupo, um ajudava o outro formando redes de solidariedade e de cooperação que se estendiam para a esfera da vida social. Quando chegavam do Rio, o seu local de trabalho, os peixes eram repartidos entre aqueles que haviam participado da pescaria. Ou seja, quem pescava tinha o que comer e vender.

¹⁴¹ Entrevista com Sebastião Ferreira. São Francisco, MG, 03 ago. 2011.

¹⁴² Rede feita com linha de nylon para ser usada na captura dos peixes.

Sebastião lembra que, durante sua infância, saía de porta em porta oferecendo peixe para as pessoas, principalmente para aquelas da classe média, peixes que eram pescados pelo seu pai ou por ele. Costume esse que prevalece até os dias de hoje: em períodos de pescaria, o peixe pescado por Sebastião é vendido da mesma maneira do tempo de sua infância.

Durante nossas conversas, no presente, ao contrário do tempo recordado, o pescador deixava transparecer que viver somente da pescaria se constitui como um desafio. Gradativamente, teve que se reinventar para não passar por dificuldades, tendo que fazer outros tipos de trabalho.

(...) Pai era só pescador, era o ano inteiro pescando e peixe caindo na rede. Hoje se a gente for fazer isso morre de fome, rapaz. Não tem aquela fartura de peixe que nem antes, e também você sabe que não pode pescar na época da piracema, aí a pescaria fecha, né. Então, eu vou fazendo uns bico por aí, pinto porta, janela, portão e ganho meu troquim. Não é muito mas já dá pro pão¹⁴³.

No período da entrevista Sebastião disse que também trabalhava de pintor, demonstrando que o viver é uma constante luta. Ele acredita que o Rio dita a pesca, então atribui a diminuição dos peixes ao estado em que hoje o Rio se encontra, sofrendo com a poluição, assoreamento e desmatamento. Criando significados para as mudanças vividas, Sebastião interpreta a visão dominante ao dizer que o Rio perdeu ou vem perdendo a função econômica, mas, aqui, é por meio da pesca.

Não posso deixar de mencionar que, para a maioria dos entrevistados, a infância era o tempo das brincadeiras, mas era também a idade do trabalho e de pequenas responsabilidades no dia a dia. Problematizar memórias, tendo como foco as lembranças do brincar, não romantiza os viveres dos narradores, pelo contrário, revela as suas dificuldades de vida e as condições sociais em que estavam/estão inseridos.

Trabalhar desde cedo era uma realidade comum, como afirmou Dona Ana com 67 anos, que já foi lavadeira, empregada doméstica, cozinheira e hoje é aposentada. Quando a procurei para conversarmos sobre as brincadeiras, a sua primeira fala foi a seguinte:

Na minha época a gente não brincava, a gente trabalhava, a vida era dura, tinha que ajudar meus pais desde cedo. Acho que os pais faziam isso

¹⁴³ Entrevista com Sebastião Ferreira. São Francisco, MG, 03 ago. 2011.

porque, quando eles eram pequeno e moravam na roça, tinha que trabalhar. Aí veio pra cá e na cidade tinha que ser a mesma coisa¹⁴⁴.

Somente no decorrer da conversa dona Ana demonstrou que na verdade trabalhava, sim, desde a infância, mas as brincadeiras tinham espaços reservados no dia a dia. Muitas vezes, até mesmo na hora do trabalho, criavam maneiras para poderem brincar. Essas lembranças de dona Ana me remeteram às reflexões da historiadora Célia Calvo, que, ao estudar a cidade de Uberlândia por meio de memórias dos sujeitos, chegou a afirmar que o brincar e trabalhar para as crianças das classes trabalhadoras, como é o caso dos narradores desta pesquisa, são “*práticas criadas como expressão de uma mesma necessidade*”.¹⁴⁵

Capinar quintal dos vizinhos, carregar lenha das calçadas para dentro dos porões das casas eram práticas que faziam com que esses moradores se percebessem vivendo na cidade, onde as condições gerais do viver urbano possibilitavam-lhes que se tornassem, nesse tempo, sujeitos na disputa desses territórios de brincadeiras e, ao mesmo tempo, do trabalho¹⁴⁶.

As crianças filhas das classes trabalhadoras, como nos conta dona Ana, aprendiam desde a infância a se levantar cedo, assim como seus pais, que, na maioria das vezes, despertavam com o cantar do galo ainda de madrugada. Sua mãe, ainda de madrugada, ascendia o fogão a lenha, para fazer o “*café preto*” que era acompanhado com algum tipo de bolo, ou beiju, cuscuz, batata doce, mandioca, abobora cozida, o milho e seus derivados, ou então farofa de torresmo ou de ovo, alguns dos alimentos consumidos no café da manhã. Mas a narradora lembra que tinha dia que era “*café com língua*”, expressão usada por dona Ana para dizer que em algumas manhãs não havia nada para comer.

(...) Era assim, mãe fazia alguma coisa pra comer, rapadura, batata doce, mandioca, farofa o que mais... [pensativa] ovo, toicinho, ah! O que tinha em casa ela fazia. Quando não tinha nada, bebia só o cafezinho preto, café com língua, né. Depois tinha que fazer um tanto de coisa¹⁴⁷.

¹⁴⁴ Entrevista com Ana Souza. São Francisco, MG, 10 out. 2007 e 16 fev. 2012.

¹⁴⁵ CALVO, Célia Rocha. **Muitas memórias, outras histórias de uma cidade**. Lembranças e experiências de viveres urbanos em Uberlândia. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001, p. 170.

¹⁴⁶ CALVO, Célia Rocha. **Muitas memórias, outras histórias de uma cidade**. Lembranças e experiências de viveres urbanos em Uberlândia. Op. Cit. p. 169.

¹⁴⁷ Entrevista com Ana Souza. São Francisco, MG, 10 out. 2007 e 16 fev. 2012.

A vida começava nas primeiras horas da manhã, costume de quando sua família morava no campo e que foi levado para a cidade. A narradora, mesmo morando na cidade, revelou que acordava muito cedo, por volta das 6 horas da manhã, porque, além de estudar, várias tarefas em sua casa a aguardavam. Dava comida e água para as galinhas e os porcos que ficavam no quintal de sua família, molhava as plantas e ainda ajudava o seu tio, que todos os dias vinha à cidade para vender leite nas casas.

O tempo da natureza articulado ao tempo social lembrado por Dona Ana também foi foco de análise de Thompson. Em seu livro “Costumes em Comum”, o autor afirma “*que entre os povos primitivos, a medição do tempo está comumente relacionada com os processos familiares no ciclo do trabalho ou das tarefas domésticas*”¹⁴⁸.

No enredo da entrevistada percebi o valor e a moral atribuída ao trabalho passados pelos seus pais ainda na infância, o trabalho aparecendo como formador de pessoas honestas. No entanto, durante a noite o tempo era reservado para as brincadeiras e traquinagens ocorridas nas ruas do seu bairro.

Quando era pequena, pai colocava nós para acordar cedo pra fazer as coisas, nós tinha umas galinhas e uns porco no quintal, e aí todos os dias eu tinha que cuidar deles, limpava o chiqueiro, dava água e comida. (...) Pai falava que os filhos dele tinha que aprender a fazer as coisas cedo, pra quando crescer não virá vagabundo ou bandido. Por isso, acho que desde 7 anos eu ajudava tio Zeca entregar o leite pro pessoal, mas a gente brincava, sim, e muito, à noite era todo dia¹⁴⁹.

A continuidade do trabalho na roça, mesmo sendo morador da cidade, também é uma realidade de muitos trabalhadores de São Francisco. É comum encontrar na cidade trabalhadores caminhando pelas ruas sob o sol ardente, muitas vezes com as suas ferramentas de trabalho em carrinhos de mão, indo ou vindo de alguma área rural, visto que, muitas vezes, não conseguiam se encaixar em trabalhos típicos da cidade, ou, pior, São Francisco não oferece empregos suficientes.

A cidade foi crescendo sem estrutura e as tensões logo ficaram evidentes, tais como o desemprego, falta de moradias, a especulação imobiliária e os problemas de saúde e educação. Nesse sentido, até os dias atuais é muito comum encontrar ali trabalhadores sazonais, que periodicamente deixam suas famílias por alguns meses e migram para outras cidades e regiões à procura de trabalho e melhoria de vida, uma estratégia de sobrevivência.

¹⁴⁸ THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 269.

¹⁴⁹ Entrevista com Alice Cardoso da Cruz. São Francisco, MG, 05 ago. 2011

Como São Francisco sempre ofereceu poucas possibilidades de trabalho, para aqueles sem nenhuma formação profissional, a saída, a não ser o trabalho na roça, é se enveredar pelo setor informal da economia trabalhando como pedreiro, ajudante de pedreiro, pintor, carroceiro, vendedor ambulante, pescador, areeiro, barqueiro, lavadeira, empregada doméstica, babá, entre outras profissões. Mas, segundo Valmiro Ferreira Silva, atualmente “*a grande maioria da população vive mesmo é de benefícios sociais dos governos, sobretudo do Programa Bolsa Família*”¹⁵⁰.

Elicardo Heber Batista, em dissertação de mestrado sobre as condições de vida e as dinâmicas de mobilidade espacial de famílias rurais residentes no município de São Francisco, afirma que o Norte de Minas Gerais é visto no imaginário nacional como terra de pobres, “uma espécie de viveiro de migrantes”, que saem de seus lugares de origem para trabalhar. Mas o autor vê a saída de pessoas de sua localidade de origem, no caso do município de São Francisco, como um aspecto cultural local, tendo sentidos e significados distintos para cada um, como, por exemplo, a possibilidade de retornar à comunidade de origem em melhores condições de vida¹⁵¹, fazer uma poupança para adquirir algum bem ou até mesmo para poder casar.

O tempo trazido pelas memórias dos trabalhadores está associado ao vivido, o tempo é subentendido pelas suas trajetórias e cultura. Nesse sentido, quando narram as experiências pelas quais passaram, estão expressando aquilo que foi mudado, experimentado e vivido. Foi dessa maneira que a enchente ocorrida na cidade e região em 1979 apareceu nas narrativas. Apesar de falarem sobre os prejuízos e danos causados pela enchente naquele ano, ela não aparece tal como é entendida pelas versões dominantes, com a denotação de calamidade, mas como deslocamento da vida e desorganização dos viveres.

Foi o que percebi nas falas de seu José, 64 anos, mais conhecido como seu Zé. Por ter um pequeno pedaço de terra, passa o dia na roça e à noite volta para a cidade, pois mantém uma residência na região central, onde convive com seus quatro filhos. Fui vizinho de seu Zé um ano e seis meses e, de posse do gravador, caneta e papel direcionei-me até a sua casa, onde o encontrei sentado com uma bacia de feijão ainda na palha no colo. Recebeu-me com muita alegria e hospitalidade e a princípio encheu-me de perguntas, afinal, havia mais de três anos que não mantínhamos contato.

¹⁵⁰ SILVA, Valmiro Ferreira. **Moradores do bairro, moradores da cidade:** reconstruindo vivências. Bairro Sagrada Família. São Francisco, MG. Op. Cit. p. 171.

¹⁵¹ BATISTA, Elicardo Heber Almeida. “**Povos**” de Santana: condições de vida e mobilidade espacial no norte de Minas Gerais. (Dissertação de Mestrado) 131 fls. (Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2010, p. 14 e 16.

Depois de aproximadamente quinze minutos de conversa, expliquei ao seu Zé o principal motivo da visita. Prontamente aceitou narrar sobre suas experiências e brincadeiras. Seu José trouxe momentos marcantes, um deles a enchente de 1979, recordada como a maior enchente do Rio São Francisco na cidade.

Rapaz, agora a enchente que teve aqui em 79 botô pra lascar, nunca vi tanta água, era água que não acabava mais. A água invadiu a cidade, o povo que morava ali perto do barranco teve que pegar suas coisinha e cascar fora dali. Na roça foi do mesmo jeito, invadiu a terra de um jeito que ficamos dias sem pisar o pé lá¹⁵².

Destaco em sua narrativa que, durante a enchente, plantações e casas ficaram encobertas pelas águas, expulsando muitos moradores que viviam próximos às margens do Rio. Eles se viram obrigados a procurar abrigo em casa de amigos, parentes ou em alojamentos cedidos pela prefeitura. Outros se mudaram definitivamente para os novos bairros que estavam sendo formados afastados do centro da cidade.



Fotografia 8: Rua alagada pela enchente de 1979.
Fonte: Arquivo ONG PRESERVAR, 1979.

¹⁵² Entrevista com José Souza. São Francisco-MG, 16 jan. 2012.

Essa fotografia mostra as ruas do centro da cidade alagadas, as pessoas que insistiam em não mudar se deslocava em barcos. Nesse sentido, de desterritorialização das vivências, Sebastião em sua fala apresenta sua condição de classe, filho de uma família de trabalhadores, tendo a casa de seus pais, onde morou uma parte de sua infância e a sua adolescência, sido conseguida por meio do Banco Nacional de Habitação (BNH) no bairro Bandeirantes após a enchente de 1979.

Eu lembro mais da minha infância no Bandeirantes, a gente brincava muito por lá. (...) Eu fui morar lá depois da enchente porque pai mais mãe ganharam uma casa que o governo fez pra pessoas pobre morar. Acho que antes da enchente nós não tinha casa, aí mudamos pra lá. Até hoje meus amigos são daquela época de criança, os amigos que eu brincava de bola, ia pro Rio, brincava de pega¹⁵³.

A fala de Sebastião “*acho que antes da enchente nós não tinha casa*” nos remete à pesquisa de Valmiro Silva, em que o autor concluiu que foi a partir da enchente de 1979 que muitos moradores de São Francisco definiram suas histórias e os rumos de sua vida. Ao mesmo tempo, o autor enxerga a enchente ocorrida na cidade como um marco que silenciou outros processos e fatores. A enchente não é entendida apenas como trágica para muitas famílias, mas também como algo que proporcionou a conquista da casa própria¹⁵⁴.

Os pais de Sebastião não foram os únicos na cidade a receber as casas em São Francisco através de Programas Habitacionais. Foram construídas casas populares nos bairros Quebra, Bandeirantes e Sagrada Família. Após a enchente ocorrida em 1979 o município passou a ser beneficiado com recursos dos governos federal e estadual, que, entretanto, nem sempre foram usados em prol dos que realmente necessitavam.

Dona Zilda, 62 anos, auxiliar escolar, ao mesmo tempo que recordou a enchente, relembrou momentos divertidos e de deslocamentos, mesmo que provisoriamente.

É uma tristeza sair correndo da enchente. Aqui todo mundo da rua Direita teve que sair. Aí no Rio passava gado, fogão, geladeira, as galinhas do meu quintal morreu tudo. A água chegou bem uns 2 metros de altura, a

¹⁵³ Entrevista com Sebastião Ferreira. São Francisco, MG, 03 ago. 2011.

¹⁵⁴ SILVA, Valmiro Ferreira. **Moradores do bairro, moradores da cidade:** Reconstruindo vivências. Bairro Sagrada Família. São Francisco, MG. Op. Cit. p.68.

gente andava de canoa no meio da rua. Todo dia chegava o avião trazendo alimentos, remédios, fraldas, leite e feira pros desabrigados¹⁵⁵.

A narradora nos contou que foi abrigada em uma escola do município, e os dias que lá passou foram ótimos, pois todos os dias eles faziam um forró e batucadas. Dona Zilda disse que a *“frigideira não parava de fritar peixe, era toda hora, foi o ano que deu mais peixe, era sacos e sacos, o varal ficava cheio de peixe aberto e salgado”*¹⁵⁶.

Dessa maneira, os sujeitos foram reconstruindo uma cidade diferente daquela apresentada nas produções das memórias dominantes. Com as suas narrativas foram compondo as suas práticas sociais e lembrando os lugares da cidade em que foram praticadas, surgindo, assim, uma São Francisco habitada, vivida, socializada e apropriada por seus habitantes, assunto que será discutido no próximo capítulo.

¹⁵⁵ Entrevista com Zilda Pereira. São Francisco, MG, 04 jun. 2012.

¹⁵⁶ Entrevista com Zilda Pereira. São Francisco, MG, 04 jun. 2012.

CAPÍTULO III

Tempos do Brincar, do Rezar e do Festar: memórias e experiências de trabalhadores

“Mas cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole, é uma arena de elementos conflitivos (...). E na verdade o próprio termo “cultura”, com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto”.

Edward P. Thompson

No capítulo anterior procurei problematizar os sentidos e significados que os trabalhadores atribuem ao processo de transformação que vivenciaram na cidade de São Francisco no intuito de descobrir qual o valor social do Rio para os trabalhadores entrevistados. Passei a enxergar os significados que eles atribuem ao Rio, à cidade e às práticas socioculturais que ali eram desenvolvidas.

Neste capítulo, o que me preocupa é como as transformações históricas e sociais interferem ou não nas culturas dos diferentes moradores. Com esse viés, as lembranças dos sujeitos entrevistados foram reconduzindo-me às trilhas das experiências vividas na cidade.

O diálogo com Thompson me forneceu suporte para pensar costumes e tradições, com a finalidade de entender: como os entrevistados trazem a referência ao tempo livre vivido em São Francisco? O autor, ao discorrer sobre o tema costume e como esse se manifesta na cultura dos trabalhadores ingleses do século XVIII, enfatiza que a cultura popular, principalmente os costumes, deve ser entendida como um campo para pensar as mudanças, disputas e práticas conflitantes¹⁵⁷.

Nessa perspectiva, as conversas que tive com os entrevistados em diferentes lugares da cidade, na rua, na praça, no cais, em casa, no quintal fizeram lembrar o passado da cidade de São Francisco articulado aos seus viveres. Por meio de suas memórias, eles trouxeram à tona as práticas culturais, como as festas realizadas nas ruas dos bairros ou nas residências, as brincadeiras e os hábitos da vida cotidiana marcada por laços afetivos, de vizinhança e amizades.

¹⁵⁷ THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Op. Cit. p. 17.

Em seus enredos, essas lembranças aparecem com referência às diversões vividas na cidade. Assim, nessas memórias, o “*tempo do rezar*”, o “*tempo do festejar*” e o “*tempo do brincar*” ganham sentido de construção de um tempo livre, isto é, da diversão. Portanto, essa questão apontada pelos entrevistados me levou a pensar as noções de tempo/práticas, ou seja, o “*tempo em que não estavam trabalhando*”, “*o final do dia*”, “*o passar o tempo*” vinculadas a suas culturas.

Então, refletindo sobre as narrativas dos entrevistados, percebi que São Francisco é formada por pessoas que lhe dão múltiplos usos e, nesse processo, a cidade, as tradições, os costumes e os hábitos cotidianos passaram por inúmeras transformações. Com tal entendimento, as narrativas dos sujeitos com os quais dialoguei foram me instigando a pensar: O que permanece diante das mudanças? O que foi lembrado e o que foi esquecido? Qual o tempo da memória que eles trazem?

Os significados desses “tempos” da diversão e intuito de descortinar o tempo presente trouxeram os modos de vida dos entrevistados, principalmente quando se lembraram das brincadeiras e de outras práticas realizadas nos diferentes espaços da cidade. O que as lembranças de brincadeiras dizem sobre as vivências na cidade?

Ao problematizar esses sentidos, foi importante a discussão a respeito do folclore e costumes, o texto “*Folclore, Antropologia e História Social*” e o livro “*Costumes em comum*” de Thompson. O autor sugere um diálogo sobre a importância dos costumes na pesquisa em História e compartilha da ideia de que o historiador deve dar atenção às relações, formas e aos gestos dos rituais, pois esses podem fornecer significativas contribuições ao conhecimento histórico¹⁵⁸.

O significado de um ritual só pode ser interpretado quando as fontes (algumas delas coletadas por folcloristas) deixam de ser olhadas como fragmento folclórico, uma “sobrevivência”, e são reinseridas no seu contexto total. (...) Entretanto, a história é uma disciplina do contexto e do processo: todo significado é um significado-dentro-de-um-contexto e, enquanto as estruturas mudam, velhas formas podem expressar funções novas, e funções velhas podem achar sua expressão em novas formas¹⁵⁹.

Nesse aspecto, compreendo que não podemos pesquisar as práticas (rituais, gestos, costumes, hábitos, crenças, sociabilidades, entre outros) como fragmento folclórico, como cultura parada no tempo, resquícios e sobrevivências de um passado remoto que se repetem

¹⁵⁸ THOMPSON, E. P. Folclore, Antropologia e História Social. In: _____. **As peculiaridades dos ingleses**. Campinas: Ed. Unicamp, 2001, p. 241.

¹⁵⁹ THOMPSON, E. P. **Folclore, Antropologia e História Social**. Op. Cit. p. 238, 243.

no presente. Mas, sim, lançar novos olhares, novas perguntas, ter a consciência que essas práticas sociais fazem parte de um contexto e processo específico de transformação em seus viveres¹⁶⁰.

Thompson nos tem feito problematizar as práticas culturais e sociais dos agentes históricos como uma experiência carregada de valores e costumes de uma determinada sociedade e época. Os hábitos, práticas e costumes “antigos” de São Francisco, neste estudo, não são vistos como elementos do passado que permanecem na vida social, visto que acompanham os tempos, mantêm-se em movimento, ainda que adquiram novas formas e significados. E alguns desses costumes, ao invés de se extinguirem, se alteram, tentam se adaptar às novas possibilidades apresentadas com a dinâmica da cidade, isto é, com a movimentação dos seus moradores.

Nesse sentido, ao lembrarem o tempo do brincar, do festar, do “passar o tempo”, os narradores com os quais dialoguei foram unânimes em falar que diminuíram bastante as práticas sociais ocorridas nas ruas da cidade, atribuindo o fato às constantes intervenções realizadas pela prefeitura, especialmente na década de 1970, em razão do centenário de emancipação da cidade, ao crescimento da cidade, ao aumento populacional, à violência, à perda de antigos vínculos de amizades e ao aumento do número de automóveis.

As ruas da cidade apareceram nas memórias como espaços para além da função de fluxo de pessoas e carros, são lembradas como locais onde ocorriam as brincadeiras, procissões, festejos, ponto de encontros, lugar de trabalho, de sociabilidades, práticas sociais, costumes, experiências de vida e diversão.

Uma das entrevistadas que compartilha dessa ideia é Eliza, 59 anos, funcionária pública, filha de trabalhadores, de balseiro e costureira, que morou na cidade de São Paulo por alguns anos e, sendo assim, com vivências e referências em outros lugares, diz que o ritmo de vida da cidade de São Paulo não se compara com o de São Francisco, porém, em sua visão, São Francisco “evoluiu” bastante. Entretanto, com essas mudanças, o ritmo de vida, os costumes e as relações entre os moradores vão aos poucos se transformando, passando por adaptações e permanências.

Em suas memórias Eliza sempre apontou as modificações da cidade e o que se ganhou com elas, mas também o que se perdeu. Comparado o passado vivido em São Francisco, caracterizado por vínculos de amizade e convivência entre os vizinhos, ela reclama da quantidade de desconhecidos que atualmente vivem na cidade. A São Francisco

¹⁶⁰ THOMPSON, E. P. **Folclore, Antropologia e História Social**. Op. Cit. p. 227-267.

surge na memória da narradora como a cidade onde todos se conheciam, ou, se não soubesse o nome, ao menos sabia a procedência familiar. “*Aquele rapaz é filho de fulano, neto de sicrano, irmão de Maria que trabalha na casa da Tonha de seu Manel*”¹⁶¹. Por esse motivo, era hábito comum dormir ou sair deixando as portas e janelas abertas, enfatiza Eliza.

Em seu depoimento cercado de lembranças, deixa transparecer que se vivia em volta das redes de sociabilidades, ao contrário do que se vive hoje na cidade. Segundo Eliza, São Francisco no presente é heterogênea, diversificada, conflituosa, estranha e plural, à medida que novos sujeitos passaram a compor a vida urbana.

É por isso que é a coisa mais difícil você ver a molecada correndo solta no meio da rua brincando de tudo que é trem como antes. Os pais não confia, não conhece mais o seu próximo nem seu vizinho, né, e se ele for um estuprador? Fazer o que, né, tem que brincar dentro de casa¹⁶².

Percebo que Eliza significa as ruas da cidade, isto é, do bairro Bandeirantes, mais que como um lugar de passagem, e sim como uma extensão do lar; ao andar pelas ruas, lembrou ela, as saudações eram uma atitude corriqueira no cotidiano. Eliza compôs lembranças do urbano e narrou que, ao passar na rua, a sua boca nunca ficava fechada, pois sempre encontrava um conhecido para conversar ou no mínimo cumprimentar e ser cumprimentada. Ao ser questionada por que acredita que hoje não é mais assim na cidade, a entrevistada respondeu:

(...) Por que até quando eu voltei de São Paulo para morar aqui. (...) acho que em 1990, as ruas daqui eram sossegadas, os vizim se ajudavam, as crianças brincavam sem preocupar com nada, todo mundo conhecia todo mundo. Com o tempo foi chegando gente e mais gente, tem hora que eu tô passando na rua, vejo um povo que nunca vi na vida¹⁶³.

Nessa direção, vejo que a cidade visualizada pela narradora até os anos de 1980 era sinônimo de sociabilidades e espaço de práticas, entretanto, à medida que a cidade crescia e outros sujeitos se incorporavam ao urbano, os laços perdiam as suas forças. O que não significa a exclusão por completo no presente dessas relações entre os moradores. O desejo que Eliza tem de continuar saindo pelas ruas de São Francisco cumprimentando a todos

¹⁶¹ Entrevista com Eliza Delfino Martins. São Francisco, MG, 04 out. 2007 e 14 fev. 2012.

¹⁶² Entrevista com Eliza Delfino Martins. São Francisco, MG, 04 out. 2007 e 14 fev. 2012.

¹⁶³ Entrevista com Eliza Delfino Martins. São Francisco, MG, 04 out. 2007 e 14 fev. 2012.

está ligado ao sentimento de pertencimento, o de ser reconhecida como moradora/construtora desse lugar.

Por isso, os relatos indicam uma São Francisco habitada, vivida, socializada, mas também conflituosa. As mudanças apontadas pela entrevistada são lembradas no sentido conservador, sendo “os de fora”, ou seja, aqueles que saíram de outras cidades ou das áreas rurais para viver em São Francisco, responsabilizados pelas modificações dos hábitos e costumes dos moradores da cidade.

A professora Rosa lembrou as ruas do Bairro Santo Antônio onde morou nas décadas de 1970 e 1980. As ruas vieram em suas memórias como um lugar vivido em meio às tensões do dia a dia. Pedi a Rosa que falasse um pouco das lembranças que tinha da rua onde viveu.

As ruas lá do Santo Antônio eram bem animadas, tinha muito movimento, o povo gostava de ficar nas portas das casas conversando. Mãe mesmo todo dia ia pra porta de dona Neda [a vizinha] conversar. Todo mundo era amigo, uns mais, outros menos, mas de vez em quando rolava umas brigas entre os vizinhos [Risos]. Normal, né? (...) Geralmente era por besteira, sabe, por causa das fofocas ou dos filhos. Mãe mesmo brigou uma vez com uma vizinha, sem ser dona Neda, a outra, por causa da cerca de arame e outra vez foi por causa do lixo¹⁶⁴.

As lembranças de Rosa me fizeram atentar para a questão de que, mesmo com a presença de redes de solidariedades entre os vizinhos, as tensões nos viveres estão presentes. Cada entrevistado traz a sua experiência em relação aos costumes e aos usos da cidade, me fazendo compreender que o passado social não é harmônico. E a cidade, por ser formada por pessoas que possuem interesses antagônicos, deve ser pensada como um espaço fragmentado, permeada pelas lutas sociais, pois todos visam ao direito a ela.

Destaco que, ao rememorarem as suas experiências na cidade, os narradores criticaram o presente e exaltaram as brincadeiras que aconteciam em espaços abertos com muita criatividade, sossego e liberdade, tais como as brincadeiras de pega-pega, amarelinha, porta-bandeira e a do Boi. As lembranças de brincadeiras de rua trouxeram o tempo das ruas tranquilas de terra e lama, um tempo em que se brincava na rua sem a preocupação de ser atropelado, contou Rosa.

Até esses tempinho atrás a maioria das ruas daqui de São Francisco era de terra, quase não tinha calçamento, carro era a coisa mais difícil passar

¹⁶⁴ Entrevista com Rosa Maria. São Francisco, MG, 04 ago. 2011.

um, tinha muito na rua era jegue, burro, cachorro, gato e até boi. (...) E com isso podia brincar de boas, correndo no meio da rua sem preocupação com nada¹⁶⁵.

Percebe-se que o pouco trânsito composto por umas poucas dezenas de automóveis somadas com carroças, cavalos, jegues, entre outros animais, permitia a utilização de extensos espaços nas brincadeiras. A partir do momento que em que a cidade passou por inúmeras intervenções urbanas promovidas pela prefeitura e à medida que o número de automóveis superou o de carroças e charretes puxadas por jegues ou cavalos, o jornal local começou a se ocupar em noticiar os perigos da rua para as crianças que brincavam nesse espaço e também para os pedestres¹⁶⁶.

O Jornal SF, em 1982, no intuito de vislumbrar a aceleração urbana e dizer como os espaços da cidade deveriam ser usados, fazia apelos para as autoridades competentes providenciarem uma melhor sinalização das ruas ou até mesmo a instalação de quebra-molas, uma lombada, a fim de reduzir a velocidade dos veículos. Em uma das inúmeras matérias, lançava a seguinte questão: “*Em que mundo, em que terra se esconde a polícia do trânsito de São Francisco?*”¹⁶⁷ O jornal alegava que a vida de muitas crianças estava correndo perigo e que a comunidade estava apavorada com o número de pequenos acidentes ultimamente verificados em São Francisco.

Nesse sentido, Sebastião, em sua fala carregada de experiências, assim nos apresenta a rua dos anos de 1980, em que morava/mora no bairro Bandeirantes:

Eduardo: *Como eram as brincadeiras de sua infância?*

Sebastião: Olha, vou te falar um negócio, o tempo que a gente brincava à vontade na rua, oh! tempim bão. Era tantas brincadeiras quer vê, tinha o pega, o pique, porta-bandeira, futebol com bola de meia ou de outro pano, brincava nos barrancos do rio, tinha também a brincadeira de balanço o caixão, boca de forno, pé de lata, estátua, tinha também [pausa] esqueci mais tinha um tanto de brincadeira. Que hoje eu não vejo mais a molecada brincando.

Eduardo: *Sebastião, geralmente, essas brincadeiras aconteciam em quais locais?*

Sebastião: Moço, era em um tanto de lugar, no terreiro, no mato, aqui nessas águas, na rua. Em minha rua mesmo, a que nós morava, era de

¹⁶⁵ Entrevista com Rosa Maria. São Francisco, MG, 04 ago. 2011.

¹⁶⁶ Perigo Ronda o Trânsito. **SF, O Jornal de São Francisco**, São Francisco, Ano XXI, N. 1027, domingo, 07 fev. 1982.

¹⁶⁷ Por onde anda a polícia do trânsito. **SF, O Jornal de São Francisco**, São Francisco, Ano XXI, N. 1045, domingo, 18 ago. 1982.

terra, tinha cada buracão [abriu todo o braço para demonstrar o tamanho dos buracos]¹⁶⁸.

Amparado nos apontamentos de Portelli, percebo na fala de Sebastião o avanço do tempo, as mudanças e permanências da cidade aparecem em sua narrativa ao falar de seus viveres. Parte de indagações presentes para trazer as práticas sociais ocorridas nas ruas, o que possibilita produzir e atribuir significações aos tempos vividos. As memórias de Sebastião não ficam presas aos acontecimentos do passado, trazem suas impressões atuais do viveres em São Francisco destacando traços de permanência ou ruptura. O ontem e o hoje se cruzam a todo momento.

A memória não é apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo, de criação de significações. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa nas mudanças forjadas pela memória. Essas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma as suas vidas, e colocar na entrevista e na narração em seu contexto histórico¹⁶⁹.

Ao evocar suas memórias, em sua fala ficam evidentes as mudanças que ocorreram nos viveres e nas relações constituídas na cidade. Muito mais que isso, nos mostra os seus hábitos e costumes como rituais que falam da organização social. O hábito das conversas nas ruas, em frente às casas, nas calçadas ainda de terra acontecia nos finais de tarde ou à noite. As pessoas chegavam de seu trabalho, tomavam banho, jantavam cedo, entre as 18:00 horas as 19:30 horas, em seguida apanhavam o banquinho de madeira ou a cadeira e se sentavam em frente a suas casas, geralmente embaixo de uma árvore e, ao mesmo tempo, observavam o movimento da rua e contavam “*causos*”.

Nesse momento, as ruas já estavam tomadas de meninos e meninas brincando de diferentes tipos de brincadeiras, era nesses instantes que os vizinhos comentavam as novidades do dia, histórias do Rio, jogavam “*prosa*” fora, transmitiam os saberes e suas experiências tendo como cenário o clarear da lua e das estrelas.

(...) Você estuda brincadeira, é coisa importante isso aí. Por que, olha para você vê, mudou muita coisa, não tô certo. (...) No meu tempo, as ruas aqui era tudo cheia de gente, tanto criança como adulto. Nós brincava na rua, mais à noite, de dia, eu às vezes tava fazendo alguma

¹⁶⁸ Entrevista com Sebastião Ferreira. São Francisco, MG, 03 agosto, 2011.

¹⁶⁹ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**. São Paulo, n. 14, fev. 1997, p. 33.

coisa. Era assim, as calçadas sentava os adultos para conversar, enquanto eles conversava, outros passava na rua [e] parava também para conversar. De vez em quando alguns vizim senta na porta, mas só fica um pouquinho e sai, antes o povo ficava um tempão e ia pras porta desde do fim da tarde, mais ou menos igual essa hora. E nós brincando, era aquela galerona, bom demais, viu. (...) A rua não era igual hoje, tem dia que você pode ir à noite lá onde eu moro [Bairro Bandeirantes] hoje e sair pelado que ninguém vê. Meus vizinhos e eu também mais minha muié chega do serviço, soca para dentro de casa, só sai se precisar comprar alguma coisa. E olha que hoje lá tá tudo calçado, não tem poeira como um tempo atrás tinha¹⁷⁰.

No trabalho de sua memória, Sebastião evidencia o ritmo da vida que as pessoas viviam, demonstrando a cultura popular materializada em práticas sociais: brincar na rua, sentar na porta de casa, as rodas de conversas e *causos* entre outras. Dessa maneira, apreendo por meio das conversas com os entrevistados que os hábitos e costumes se forjam nas práticas do dia a dia, por isso, podem ser entendidos como a dimensão do vivido.

Dessa maneira, a análise do enredo do trabalhador Sebastião, ao mesmo tempo em que afirma que os hábitos e costumes que estavam presentes em seus viveres em outros períodos de São Francisco mudaram, aponta que ainda alguns desses hábitos persistem na cidade, porém não tão presentes como antes. Nos bairros, os moradores ainda continuam sentando nas calçadas, ainda deixam as portas de suas casas abertas “*para entrar vento*”¹⁷¹ enquanto assistem à televisão, ou mesmo quando recebem visitas. Em alguns bairros, como o Sagrada Família, Sobradinho, Funcionários, São José, ainda existem os mutirões, ou seja, as relações de ajuda mútua e as crianças continuam brincando nas calçadas e ruas.

Nesse aspecto, alguns modos de viver permanecem no território vivido. Sendo assim, vejo que a persistência dos costumes em comum pode ser entendida como uma forma de resistência à imposição do ritmo de vida produzido pelas transformações do urbano. Nesse viés, Hoggart, ao escrever sobre as mudanças na vida das classes proletárias inglesas do pós-guerra, me faz atentar para que as lutas, resistências, permanências, acomodações, enfim, as relações sociais em seu processo também podem ser vistas nas práticas cotidianas dos trabalhadores, aquelas ocorridas na casa, na rua, no bairro, ou nas relações com os vizinhos, com os pais e familiares. O autor nos chama a atenção ao mostrar que as coisas mais simples podem ganhar sentido¹⁷².

¹⁷⁰ Entrevista com Sebastião Ferreira. São Francisco, MG, 03 ago. 2011.

¹⁷¹ Entrevista com Sebastião Ferreira. São Francisco, MG, 03 ago. 2011.

¹⁷² HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura**. Aspectos da vida da classe trabalhadora. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

A narrativa de Sebastião, ao falar sobre o viver as ruas da cidade com liberdade, com muitos laços de sociabilidades, crianças espalhadas pelas ruas brincando e os adultos batendo papo, vai ao encontro das memórias de Joaquim, artesão e folião na cidade. Os dois narradores vão além de um mero saudosismo, em suas lembranças me falam o que vivenciam hoje na cidade, e deixam evidentes os hábitos do presente que não lhes agradam.

A narrativa tecida por Joaquim desenhou uma cidade até o início de 1990, com fortes vínculos de amizade, vizinhança e contato visual direto entre os vizinhos proporcionado pelas cercas, diferente de hoje, quando as casas são cercadas por altos muros e os vizinhos mal se conhecem. Nessas redes de sociabilidades, sempre havia um vizinho para prestar auxílio ao outro que, por ventura, precisasse de um pouco de café, farinha, açúcar, arroz, ou até mesmo dividir algum alimento que naquele momento tinha na casa com fartura, ou ajudar em mutirões.

Nessa época, não tinha muito bairro, a cidade era menor, mais rural de que urbana, o quente da cidade mesmo era o Bairro Quebra, a rua Direita e redondezas, o centro e na beira do rio. Todo mundo conhecia todo mundo, não tinha esse negócio de droga, não tinha tanto carro. Isso tudo atrapalha a brincadeira. Hoje fico olhando, eles não têm infância não. Hoje não tem mais respeito, menino de hoje já pensa mal, responde os pais e os mais velhos. Antigamente a gente vivia o mundo da imaginação, você acreditava no que o povo falava. Falava que papai Noel ia vim de avião, todo mundo corria pra rua¹⁷³.

Assim, como já apareceu nas falas de outros entrevistados, em suas lembranças Joaquim demarca “as redondezas do Rio” como o lugar da centralidade, era por ali que os costumes norteavam a vida na cidade. Morar no Bairro Quebra para Joaquim era ao mesmo tempo estar em intenso contato com a movimentação que ocorria nos barrancos do Rio e viver próximo ao centro da cidade. Estar próximo ao centro significa “ter status”, o narrador quer demonstrar o prestígio social do bairro, como ele mesmo disse, “*é estar perto de tudo, da prefeitura, do Rio e dos comércio*”¹⁷⁴.

A sua narrativa expressa as suas experiências, o morar na cidade e o percorrer as mudanças que foram ocorrendo nas relações sociais, nos padrões culturais e nos modos de viver. Ao ser perguntado sobre os espaços das brincadeiras, as ruas do bairro Quebra

¹⁷³ Entrevista com Joaquim Messias Queiroz. São Francisco, MG, 24 out. 2007 e 05 ago. 2011.

¹⁷⁴ Entrevista com Joaquim Messias Queiroz. São Francisco, MG, 24 out. 2007 e 05 ago. 2011.

surgiram como território comum de vivências dos moradores. A expressão de alegria pôde ser vista em seu semblante quando narrou:

Eu lembro que a gente brincava de porta-bandeira, era bom demais. Eu lembro que eu dava uma volta no quarteirão para salvar o outro, aquilo era como se fosse uma copa do mundo. Dar a volta no quarteirão, passar pelo mato, pelo quintal dos outros, pelas cercas, não tinha esse negócio de muro. (...) como nas casas não tinha muro de tijolo, era só cerca de arame ou de pau, às vezes os quintais tinha só uma divisão assim... [pausa] como posso dizer..., não tinha nem cerca, a gente saía brincando passando nos quintais, saía no outro quarteirão da rua. Do quintal da minha casa dava pra vê o quintal das outras casas, via o que o vizinho tava fazendo no quintal, o que tava comendo, se o vizinho fizesse um biscoito dava pro outro. Moço, era bom o quintal ter cerca, porque ajudava a gente brincar igual eu te falei e também do quintal você já via se o seu amigo tava brincando, se ele tivesse brincando eu pulava a cerca e ia brincar também.(...) Você ficava mais de duas horas para salvar a galera, uma faixa de vinte componentes brincava de porta-bandeira¹⁷⁵.

Ao recordar as brincadeiras de rua, principalmente a de porta-bandeira brincada por crianças e adultos, o entrevistado vai trazendo as formas de apropriação dos espaços da cidade articulados com a sua cultura de classe, valores e crenças. A fala de Joaquim me fez enxergar a rua enquanto território vivido, ou seja, como uma construção diária de experiências e trocas sociais e culturais. Com esse viés, Hall nos inspira a pensar que os lugares só tem valor por causa das pessoas, por isso deve ser visto como *“ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas”*¹⁷⁶.

A brincadeira de porta-bandeira recordada por Joaquim deve ser brincada em equipe e em lugares espaçosos, pois os participantes são divididos em dois grupos, cada um com o seu campo e a sua bandeirinha. No fundo de cada campo, é colocada a bandeira ou qualquer objeto do grupo. A brincadeira consiste em invadir o território “inimigo”, roubar a bandeira e trazer para o seu campo. Mas o jogador que entrar no espaço do grupo adversário e for tocado por alguém fica “preso” e parado como uma estátua, só podendo sair se for "salvo" por alguém do seu próprio time. Ganha o grupo que capturar a bandeira adversária e voltar para o campo primeiro, sem ser tocado por alguém.

O que percebo é que, ao lembrar a brincadeira de porta-bandeira, o entrevistado se sente sujeito, mostrando os espaços, usos e as relações costumeiras do dia a dia que

¹⁷⁵ Entrevista com Joaquim Messias Queiroz. São Francisco, MG, 24 out. 2007 e 05 ago. 2011.

¹⁷⁶ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª edição. Rio de Janeiro: DP e A, 2005, p. 72.

marcavam a cidade. Brincadeiras que tinham a rua como palco e aprendidas por meio do convívio social com outras gerações, por isso carregadas de significados e características da cultura, moldando-se a partir da realidade onde são praticadas.

Refletindo sobre os enredos, notei que as vivências de algumas brincadeiras variam de tempos em tempos, fenômeno denominado pelos entrevistados como “brincadeira de época”. Até hoje elas são demarcadas por épocas do ano, oscilam de acordo com as estações (outono, verão, primavera e inverno), com os ciclos do Rio, com os períodos de chuva ou seca e também conforme os horários, tais como manhã, tarde e noite.

Vivendo na cidade e conversando com as pessoas que ali residem, descobri, por exemplo, que em épocas de chuva o contato com a terra traz inúmeras possibilidades, por isso brinca-se mais de bolinha de gude, pião, finca, amarelinha, porta-bandeira, queimada, geralmente nos finais de tarde ou início da noite. À noite as brincadeiras mais praticadas são as cantigas de roda, pique-pega, chicotinho queimado, cabra-cega, cair no poço e boca de forno.

Isso me fez entender que as formas como as brincadeiras apareceram em todas as conversas revelam que elas ainda estão presentes no viver diário repleto de costumes, valores e tradições. Imbricadas nas culturas das pessoas, apresentam particularidades regionais em termos de vocabulário, regras, recursos materiais, espaços e tempos próprios para cada vivência.

Um exemplo disso são os festejos vinculados ao calendário católico, que apareceram nas lembranças de muitos narradores, como momentos de diversão, de “passar o tempo” e como práticas sociais que se estendem para além do espaço da igreja. Tomei as festas religiosas trazidas pelas memórias dos trabalhadores como práticas sociais, pois elas nos revelaram viveres. Não podemos negar que a religiosidade compõe os modos de viver em São Francisco, pois cria relações através da participação nos rituais, como festas, novenas, terços, quermesses, onde os ensinamentos religiosos estão presentes nas conversas do dia a dia, moldando jeitos de se comportar e de orientar-se culturalmente.

É nesse sentido que Williams vê as instituições formais articuladas com a tradição, como agentes e espaços que têm o poder de normatizar, transmitir hegemonia e influenciar o processo social ativo. E as instituições como as igrejas são explicitamente incorporativas, *“exercendo poderosas e imediatas pressões sobre as condições de vida e de ganhar a vida,*

*ensinam, confirmam e, na maioria dos casos, finalmente impõem significados, valores e atividades*¹⁷⁷”.

Nesse sentido, é possível compreender o domingo como um dia diferente dos dias da semana, ou seja, o dia do descanso, da diversão e da missa, como apareceu na narrativa de Raimundo, filho de pescador e lavadeira. Contou que nesses dias veste suas melhores roupas, ouve o chamado pelo repicar dos sinos e se direciona até a igreja para assistir à missa dominical. Um costume, segundo ele, ensinado por sua mãe desde criança: *“Era uma diversão ir pra igreja, primeiro que eu ficava todo bonitin com a roupa limpinha e passadinha, e tinha missa que a gente ganhava coisa pra comer”*¹⁷⁸.

Em São Francisco, de hora em hora o sino da igreja matriz São José ainda toca, fazendo parte do cotidiano dos moradores que vivem próximo dali. Ao contrário de outros tempos, devido à expansão da cidade o som do sino já não chega aos quatro cantos da cidade. Raimundo lembrou a importância do sino, não somente no sentido religioso, mas também como um som que regulava o tempo do trabalho, sobretudo, aquele realizado no Rio. Era por meio dele, segundo o narrador, que os trabalhadores que tinha o Rio como local de trabalho situavam-se no tempo. A sua mãe lavadeira e o seu pai pescador todos os dias estavam nos barrancos do Rio e quando *“o sino badalava aí a gente já sabia que hora era aquela, a gente não tinha relógio, se era duas horas era duas badalada”*¹⁷⁹.

O tempo livre articulado ao calendário católico compreendia desde a ida às missas até as festas religiosas: dia do padroeiro da cidade São José, Semana Santa, Corpus Christi, Coração de Maria, Festa do Divino Espírito Santo, São Félix, Santo Antônio, São Pedro, São João, Santos Reis e Nossa Senhora Aparecida. Todas essas festas foram recordadas por dona Zilda, que até hoje mora próximo ao Rio e ao lado da igreja católica.

A entrevistada, com muito entusiasmo, foi narrando que, atrelado ao cotidiano do trabalho, vivenciava momentos festivos. Segundo ela, em muitas dessas festas eram promovidas quermesses com leilões de bebidas, bolos, frango assado e animais vivos, como bois, porcos ou bodes, aconteciam shows e várias barraquinhas regadas com muita comida.

Aqui tinha festa demais, hoje ainda tem, sabe, mas antes tinha mais, quase todo mês era festa pra algum santo (...) abril ou maio tem a Semana Santa, aí em maio tinha e ainda tem a coroação de Maria, junho é festa o

¹⁷⁷ WILLIAMS, Raymond. Tradições, instituições e formações. In: _____. **Marxismo e Literatura**. Rio De Janeiro: Zahar, 1979, p. 121.

¹⁷⁸ Entrevista com Raimundo Ferreira. São Francisco, MG, 18 out. 2007 e 15 jul. 2011.

¹⁷⁹ Entrevista com Raimundo Ferreira. São Francisco, MG, 18 out. 2007 e 15 jul. 2011.

mês todo, São João, São Pedro, Santo Antônio, na procissão do corpo de Cristo enfeitava as ruas. Hum, tinha as barraquinhas, leilão, bingo e até um forrozim¹⁸⁰.

Também dessa forma o calendário religioso apareceu no enredo tecido por Marcos, como atividades relacionadas às culturas e ao tempo do festar. O narrador rememorou que as famílias dos bairros ou da rua se reuniam em casa de vizinhos ou amigos para rezar o terço ou fazer as novenas. Enquanto os adultos rezavam, as crianças que acompanhavam as suas mães encontravam com outras crianças e logo surgia um repertório vasto de brincadeiras. Marcos nos contou sobre a sua participação nesses festejos.

Em São Francisco sempre foi tradição festas religiosas, a procissão da Semana Santa e inúmeras outras festas sempre aconteceu. E, é claro, as crianças sempre envolvidas. Nas comemorações da Semana Santa tinha a brincadeira da cinza, se você fosse passar na rua, tinha o pessoal todo com a cinza na mão, se passasse te davam um banho de cinza. Havia a queima do Judas. No São João, tinha o traque, a quadrilha de criança e adulto. Eu me lembro que lá no [Bairro] Quebra, era nove dias de noiteiros, todos os dias crianças participavam porque tinha o biscoito, o suco. Qual criança que não gosta? Eu mesmo não perdia, sem falar que antes em toda casa tinha uma fogueira no São João¹⁸¹.

Vivendo em São Francisco por alguns anos, entendi que alguns desses hábitos ocorridos nas décadas de 1970 e 1980 lembrados por Marcos ainda se fazem presentes na cidade. Nos meses de junho e julho presenciei quadrilhas e encenação de “casamento da roça” nas escolas estaduais e municipais da cidade e em alguns bairros, como no bairro Aparecida, Quebra, Bandeirantes, Sagrada Família, em especial no Bairro Santo Antônio, onde há as chamadas “barraquinhas”, que oferecem um variado cardápio de comidas, tais como espetinhos de carne assada, milho, bolos, tapiocas, quentão, canjica e caldos.

As festas de São João persistem como uma “tradição” da cidade, no entanto nem sempre as fogueiras estão presentes. Por meio dos diálogos com Marcos e Zilda entendi que as intervenções urbanas, como o calçamento e o asfaltamento das ruas, contribuíram para a diminuição do acendimento das fogueiras. Pois, segundo Marcos, *“é proibido acender fogueira em cima do asfalto, por isso é difícil ver fogueira aqui, mas tem gente*

¹⁸⁰ Entrevista com Zilda Pereira. São Francisco, MG, 04 jun. 2012.

¹⁸¹ Entrevista com Marcos Santos Soares. São Francisco, MG, 18 out. 2007 e 02 ago. 2011.

*que já é acostumado a fazer, então joga terra no asfalto, depois coloca os pau, aí não estraga o calçamento*¹⁸²”.

O que percebo é que há novas formas de se relacionar com e apropriar-se dos espaços da cidade, e que os costumes, como, por exemplo, o de acender a fogueira no São João, ainda são vivenciados na dinâmica cotidiana e resistem às novas imposições sobre os usos dos espaços públicos. É por isso que a cultura popular deve ser vista como uma arena de disputas, pois se situa e se constitui no campo da resistência, e em oposição à cultura hegemônica. Ao mesmo tempo, os costumes dos trabalhadores interagem com a cultura dominante, embora não se confundam.

É importante ficar claro que a permanência dos costumes não significa que eles sejam uma tradição estática, pois são movidos e influenciados por todo o contexto social. Sendo assim, fugindo do olhar dos folcloristas sobre a cultura popular, percebo aqui os costumes e tradições dos trabalhadores da cidade de São Francisco como práticas vivas impregnadas de códigos sociais.

Nesse sentido, identifiquei nas narrativas a Quaresma e a Semana Santa como um desses códigos sociais, visto que, durante o período citado, os mais velhos recomendavam às crianças que brincassem menos, alguns chegando até mesmo a proibir certos tipos de brincadeiras e traquinagens. Esses dias e feriados religiosos são reconhecidos na cidade como “dia santo”, quando é proibido trabalhar, brincar e “atentar”, configurando pecado para aqueles que não obedecem.

Sendo assim, trago para o texto o enredo da cabeleireira Geralda, que recordou alguns costumes presentes em seu cotidiano desde a infância. No período da Quaresma, em especial durante a Semana Santa, podiam acontecer “coisas sobrenaturais”, como o aparecimento do lobisomem e da mula sem cabeça para aquelas crianças que praticassem muitas travessuras, lembrou Geralda. O medo das lendas e mitos, da maneira como aparece na fala de Geralda, pode ser interpretado como recurso da cultura da classe trabalhadora usado com as crianças para manter as suas tradições. Isso é interessante, pois demonstra uma educação familiar moldada nos costumes e valores, exemplificada aqui na fala de Geralda:

Era um período de tristeza e respeito por tudo que Jesus passou por nós, né. Tinha que dedicar mais às rezas, novena, terço, as procissões. Mãe

¹⁸² Entrevista com Marcos Santos Soares. São Francisco, MG, 18 out. 2007 e 02 ago. 2011.

mesmo não deixava a gente brincar subindo nas árvores, correndo, gritando e nem cantando nos dias santo, ela falava que fazia mal¹⁸³.

Chamou-me a atenção, nas lembranças de Geralda, quando eu lhe perguntei em quais lugares ela brincava, ela ter dito que, além da rua, do bairro e do quintal, “às vezes, aconteciam brincadeiras até durante os velórios”. Ao dizer isso, a entrevistada percebeu a minha fisionomia de surpreso, para não dizer espantado, e com muito senso de humor se pôs logo a explicar:

Eduardo: *Em velório! É sério!...*

Geralda: [risos e com a mão no rosto] Calma, moço! Não é assim, só ter um velório a criançada corria para brincar lá perto do morto não. Não era assim. Vou te explicar porque eu lembrei disso. Olha eu... eu [muitos risos]

Eduardo: *Conta, fiquei curioso para saber.*

Geralda: Tá. Eu tinha muito medo de fantasmas, e quando morria uma pessoa, vixe!, aí parecia que o medo aumentava mais ainda. Era só ter velório que pai e mãe ia, todo mundo naquela época era conhecido, e eu demorava para pegar no sono, então, o que eu fazia, ia com eles para os velórios. Entendeu?

Eduardo: *Hum! Entendi, mas e as brincadeiras nos velórios?*

Geralda: Ah! As brincadeiras? Assim, oh, outras crianças também ia para a casa do morto, lá a gente começava conversando enquanto comia uns biscoitinho e tomava chá porque dava pros povo que ia ver o defunto. Então, a gente afastava só um pouquinho da casa do morto, ia pro meio da rua e brincava de pega ou de roda, fodor, guardar o anel, morto vivo, o que mais, hum... [pausa] de chicotinho queimado, bodim, tinha um tanto de brincadeira boa¹⁸⁴.

Geralda, ao explicar o fato, deixa à mostra que a “morte” também significa um momento de reforçar a coletividade, pois é cercada de rituais e costumes. Ainda resiste na cidade o ritual do velório descrito pela narradora em outros tempos, onde o morto é velado em sua residência ou de familiares, agregando muitos conhecidos não só para rezar e prestar homenagens ao defunto; o velório transforma-se em um local de encontros para rever os amigos e parentes, pôr a conversa em dia, programar visitas, contar histórias ou piadas. Isso, é claro, regado com muito café, biscoitos e, em alguns casos, também da cachaça, como lembrou Geralda:

¹⁸³ Entrevista com Geralda Ribeiro dos Santos. São Francisco, MG, 15 fev. 2012.

¹⁸⁴ Entrevista com Geralda Ribeiro dos Santos. São Francisco, MG, 15 fev. 2012.

Às vezes, nem parecia que era velório, crianças brincando, adultos batendo papo e contando piada, as muié fazendo aquela panelada de comida pros parentes do defunto que vinha de fora, tinha até um negócio de beber o defunto [risos], era cachaça ou licor de jenipapo. Hoje mudou muito¹⁸⁵.

Essas práticas eram recorrentes até as empresas de serviços funerários se instalarem na cidade. Antes disso, era comum os vizinhos e parentes do defunto dar o último banho, cortar os cabelos, as unhas, vestir um bom traje e, caso fosse homem, também aparar a barba. Geralmente os caixões eram feitos pelos carpinteiros da cidade. Além disso, antes do sepultamento, o morto passava pela Igreja Católica e em seguida, carregado pelos que acompanhavam o cortejo, era levado ao cemitério. A partir desse momento, muitos membros da família, em especial as viúvas, aderiam ao luto usando roupas pretas. “(...) *E antes as viúvas, depois que o marido morria, só andavam de preto, falava que luto era assim. Já pensou vestir só roupa preta nesse calorzão danado daqui?*”¹⁸⁶.

As práticas sociais imbricadas nos costumes continuaram aparecendo na narrativa de Geralda. Ao lembrar suas idas à beira do Rio, veio em sua memória a Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes. Geralda recordou que, enquanto criança, todos os anos acompanhava a procissão. Essa não era vista para a narradora como um momento de oração, e sim de diversão. Ao ser questionada sobre o por quê da lembrança dessa procissão, Geralda respondeu:

Não sei, mas eu tenho boas lembranças dessa procissão e de outras coisas também que aconteciam na cidade no meu tempo de criança e adolescente que não acontecem mais hoje em dia. Mudou muita coisa aqui. Essa procissão era assim: saía da igreja, ia até o cais, aí nós entrava na balsa ou nos barcos e a procissão acontecia dentro do Rio. Pra mim aquilo não era uma reza, era como se eu tivesse passeando, um dia diferente, sabe, eu ia toda bonitinha com a melhor roupa, mas voltava pra casa um trapo, subia nas pedras do cais, não sossegava no barco. Eu sei que não é, mas pra mim era igual uma brincadeira divertida¹⁸⁷.

A partir da maneira como Geralda lembra a procissão, entende-se que ela era seguida por muitas crianças da cidade, onde muitos as viam como uma atividade lúdica, talvez pelo motivo de ocorrer dentro e nas proximidades do Rio. Logo depois da celebração da missa em agradecimento a Santa Nossa Senhora dos Navegantes, muitos

¹⁸⁵ Entrevista com Geralda Ribeiro dos Santos. São Francisco, MG, 15 fev. 2012.

¹⁸⁶ Entrevista com Geralda Ribeiro dos Santos. São Francisco, MG, 15 fev. 2012.

¹⁸⁷ Entrevista com Geralda Ribeiro dos Santos. São Francisco, MG, 15 fev. 2012.

trabalhadores permaneciam no cais, confraternizando, conversando, bebendo ou banhando, ou seja, compartilhando os mesmos valores e práticas. A procissão de Nossa Senhora dos Navegantes era organizada pela comunidade com o apoio da igreja católica, porém, geralmente, acontecia no mês de novembro como parte das comemorações do aniversário de emancipação da cidade.

Nesse sentido, Joaquim, também recordou da procissão fluvial como um “tempo” onde os usos do Rio eram feitos de diferentes formas. Em sua fala trouxe a realidade do presente diferenciada da do tempo passado, na qual as lembranças do lugar caracterizam experiências sociais que demarcam o espaço.

No Rio acontecia muita coisa, brincava, namorava, tinha festa, hoje que não acontece quase nada. Antigamente, tinha muita atividade boa no Rio e nos bairros da cidade. Tinha a procissão dos Navegantes, era no Rio, também não tem mais, ia muita gente, pobre, rico, mas dentro do Rio ficava mais os pobres. Tinha a corrida das canoas, agora não tem. Tinha a queima do Judas, queimava o Judas na beira do Rio, sabe, porque dentro do Judas tinha bomba. Hoje aqui não tem mais atividade assim não, moço¹⁸⁸.

O que percebo, apesar de a procissão não ser mais realizada, é que os significados dessa prática estão nas lembranças dos que a praticavam. Nela se reuniam muitas pessoas, principalmente trabalhadores que viviam do Rio, assim era uma prática que envolvia fé, trabalho, famílias e alegrias. O entrevistado me fez entender que o rito da procissão acontecia por terra e pelas águas, dessa maneira, a imagem da santa saía da igreja, era conduzida até o cais e, ao chegar ao Rio, era recebida pelos pescadores com flores e barcos enfeitados. Em seu enredo Joaquim nos contou que a Santa era homenageada por proteger os pescadores, navegantes e moradores dos perigos que o Rio oferece e também como uma forma de agradecer pelo sustento de muitas famílias, por meio do Rio.

Nesse aspecto, as narrativas dos sujeitos evidenciam que os moradores de São Francisco sempre tiveram muito respeito pelo “Velho Chico”, ou ele é visto como o amigo que dá o sustento ou como o inimigo que destrói vidas, o que talvez seja o motivo da adesão de muitos moradores aos festejos em honra a Nossa Senhora dos Navegantes. Noutros registros, o Jornal SF, em 1970, retratou a procissão como um evento do

¹⁸⁸ Entrevista com Joaquim Messias Queiroz. São Francisco, MG, 24 out. 2007 e 05 ago. 2011.

calendário religioso da cidade, que reunia uma multidão de pessoas no cais, uns para pedir proteção e outros para agradecer¹⁸⁹.

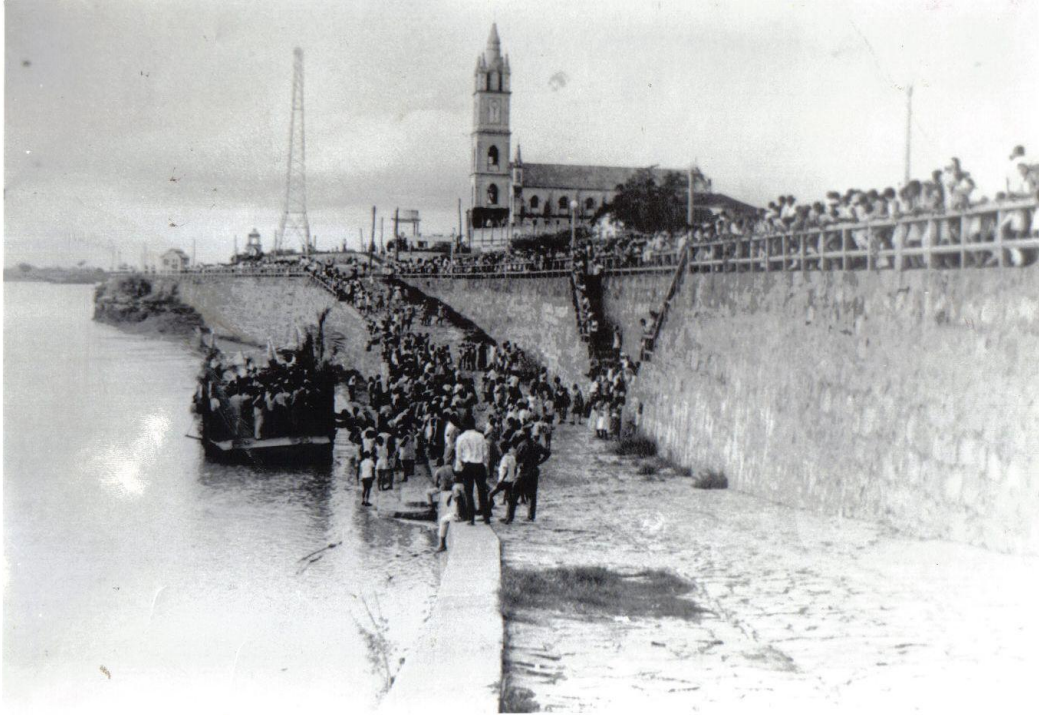
Na fotografia seguinte é possível perceber o grande número de crianças e adultos presentes, homens carregando o andor todo enfeitado com a Santa em direção ao cais e acompanhados pela banda de músicos.



Procissão de N. S. dos Navegantes

Fotografia 9: Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes. São Francisco, anos 1970.
Fonte: Arquivo ONG Preservar.

¹⁸⁹ “A imagem da protetora dos navegantes foi colocada na lancha Serrano, cercada pelos jovens das Cruzadas Juvenil e Infantil, escoteiros e grande número de fiéis, deu várias voltas no rio São Francisco acompanhada de embarcações menores. Estendendo nas balaústras do cais uma multidão de fiéis seguia admirada a majestosa procissão pelo rio”. Ver em: Procissão lembra o passado. **SF, O Jornal de São Francisco**. São Francisco, Ano X, N. 415, domingo, 15 novembro 1970.



Fotografia 10: Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes. A foto mostra adultos e crianças no cais da cidade. São Francisco, anos 1970.

Fonte: Arquivo ONG Preservar

Nessas fotografias se percebe que a cidade de São Francisco cresceu em torno do Rio de mesmo nome e da igreja católica. Por meio das fotografias e das narrativas dos sujeitos posso dizer que em São Francisco, até o final dos anos 1980, o Rio era como se fosse uma extensão da casa ou quintal dos moradores. Era nas proximidades do Rio que os viveres pulsavam de maneira mais intensa, era local de comércio, de chegadas e partidas, de diversões, trabalho e, como se vê nas fotografias, era também espaço de professar a fé.

As imagens do cais e a fala de Joaquim me chamaram a atenção para o fato de que, quando se compara o presente com o passado da cidade, o que se nota é que os moradores vão perdendo os vínculos constituídos com as águas do Rio que atravessam tanto o urbano como o rural de São Francisco. Como pôde ser visto no primeiro capítulo, com a diminuição da movimentação nas beiradas do Rio, principalmente com o declínio da navegação a vapor no final da década de 1980 e as inúmeras intervenções, como a construção do aterro, percebe-se que, na medida em que a vida comercial, social e de trabalho que envolvia as águas do São Francisco foram perdendo suas referências e renegadas a segundo plano, não somente a procissão como outras práticas deixaram de existir, é claro, no espaço físico, pois continuam vivas nas lembranças daqueles que a experimentaram.

Sendo assim, Joaquim, ao dizer que no Rio, nos bairros, ou seja, na cidade, “acontecia muita coisa e hoje não acontece quase nada”, nos faz entender que a cidade passou por intervenções e disputas não somente em seu espaço, mas também nos valores, costumes, perspectivas e comportamentos dos seus moradores. Nesse aspecto, entendo que os costumes marcam a experiência social e disputas de territórios na cidade. Refletindo com as narrativas, fui descobrindo que os entrevistados estavam querendo me dizer que as mudanças não têm sido algo tranquilo, que os viveres estão constantemente sob tensão.

Thompson aponta os costumes como um campo aberto à disputa e à transformação, ou seja, um espaço de conflitos, no qual cada grupo social defende seus próprios interesses¹⁹⁰. Para além da materialidade do espaço – Rio - os entrevistados como o Joaquim e o Raimundo expressam formas individuais e compartilhadas de se apropriar das beiradas do Rio, o que se dá atribuindo significados.

É igual eu te falei, a gente ia mais no Rio, sei lá. O movimentão da cidade tava era lá, chegava lá nos barranco do Rio encontrava um, encontrava outro, jogava a conversa fora, sabia das novidades, enquanto isso as muié lavava roupa ou as panela, aquele movimento de barco, sabia que antes lá tinha uma procissão, era bonita demais, sabe. (...) Hoje você vai lá tem os bar, os povo bebendo cerveja¹⁹¹.

A nova face da beira do Rio, diferente de como foi lembrando por Raimundo, agora é composta por outros aspectos, outros hábitos e usos tais como projetos com ênfase no turismo. Os barrancos foram substituídos por escadas de cimento, o acesso às margens não é mais de terra e lama, e sim de asfalto, a orla e o cais foram “revitalizados”, o antigo porto do Bairro Quebra se transformou em Praça do Pescador rodeada de pontos de consumo, feita pelo poder municipal, não pensando nos moradores que por ali permanecem, residem ou trabalham, mas nos visitantes.

Desse modo, as conversas com Raimundo foram expressando os usos da cidade em disputa, desvendando as mudanças comportamentais que vão adquirindo com as intervenções realizadas na cidade. Demonstrando que os costumes são constantemente reformulados a partir da experiência que se vive, entrando em confronto com as práticas novas da classe dominante.

¹⁹⁰ THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. Op. Cit. p. 17

¹⁹¹ Entrevista com Raimundo Ferreira. São Francisco, MG, 18 out. 2007 e 15 jul. 2011.

Para além dos festejos, as evidências foram me mostrando outras práticas ocorridas na orla fluvial. O Rio foi se delineando como território de sociabilidades que não se encontram mais presentes no cotidiano dos moradores da cidade. Nos enredos outras práticas foram lembradas, como a corrida de canoas, que superlotava o cais do porto todos os anos. Essa prática surgiu nas lembranças de Pedro, 49 anos, que trabalha de vigilante, como uma disputa que entusiasmava todos os moradores da cidade. *“O dia a dia da cidade sempre tinha o Rio, na beira dele sempre acontecia alguma coisa, tinha a disputa com as canoas (...) a gente ia ver na maior animação”*¹⁹².

Segundo Pedro, muitos canoeiros da cidade, com as suas variadas e enfeitadas canoas, participavam das corridas. Com o passar dos anos a corrida, que era organizada pelos barqueiros e pescadores nos anos de 1970, passou a ser promovida pela Prefeitura Municipal e pela União Operária, ocorrendo nos aniversários da cidade e, às vezes, fazendo parte das comemorações do dia do trabalhador¹⁹³. Ao recordar a corrida de canoas, que não é mais realizada na cidade, Pedro traz os sentidos atribuídos aos viveres e costumes relacionados ao Rio.

Eduardo: *Pedro, como era essa corrida de canoas?*

Pedro: Engraçado, né, moço eu lembrei da corrida e acabou vindo uma coisa na minha cabeça.

Eduardo: *É! O quê?*

Pedro: Não, sabe o que é? É que antes eu frequentava mais o Rio, acho, eu acho que nem eu sei por que, mas acho é porque tinha mais coisa lá como a corrida, os canoeiros, as lavadeira, era canoeiro chegando do outro lado, da roça, né, com peixe, melancia, milho. No dia da corrida mesmo, começava soltando foguete, era engraçado, de repente o cais enchia de gente, a corrida saía lá do Peixe-Vivo. Hoje, não tem mais essa corrida não, devia voltar, a cidade tá precisando dessas coisas¹⁹⁴.

Percebo que os sentidos das mudanças são construídos por Pedro quando se refere ao passado/presente. Nas décadas de 1970, 1980 e 1990, no cais da cidade, como foi lembrado pelos sujeitos, aconteciam gincanas¹⁹⁵, corridas, festas e concursos que reuniam

¹⁹² Entrevista com Pedro Oliveira dos Reis. São Francisco, MG, 15 jan. 2012.

¹⁹³ Em 1975, segundo o Jornal SF, a corrida de canoas contou com mais de 30 concorrentes. O vencedor daquele ano recebeu um prêmio de Cr\$ 1.000,00, já o segundo colocado foi premiado com Cr\$ 500,00 e o terceiro com Cr\$ 200,00. Os outros participantes receberam uma camisa como prêmio de consolação. Corrida de Canoas – 98º aniversário da cidade. **SF, O Jornal de São Francisco**, São Francisco, Ano XV, N. 746, Quarta-feira, 05 nov. 1975, p. 08.

¹⁹⁴ Entrevista com Pedro Oliveira dos Reis. São Francisco, MG, 15 jan. 2012.

¹⁹⁵ Durante o 94º aniversário de emancipação da cidade ocorreu uma dessas gincanas, intitulada de olimpíadas. O jornal SF, noticiou o regulamento, no qual constava que cada equipe deveria ser composta por

muitas crianças e adultos. Em minhas pesquisas nos jornais do arquivo da ONG PRESERVAR encontrei várias matérias de jornal a respeito das práticas sociais ocorridas nesse espaço da cidade¹⁹⁶.

Nesse sentido, a cidade mapeada na memória de dona Zilda é vista como o lugar de sociabilidades, de brincadeiras e festejos, sejam eles laicos ou religiosos. Ela traz o rezar e o festar articulados aos momentos livres dedicados à diversão, no entanto é à brincadeira de rua, a do Boi, que dona Zilda dá maior atenção, como pode ser percebido em sua fala:

São Francisco antes tinha muita festa e brincadeiras divertida que participava homens, mulher, as crianças e velhos sem confusão nenhuma. No São João mesmo aqui em minha rua [Rua Direita- Bairro Quebra] era cheia de bandeirola, quadrilha, fogueira, antes do calçamento tinha muita fogueira. Bom também é a brincadeira do Boi de Reis Nossa! É bom demais.

Eduardo: *Dona Zilda, me conta um pouco sobre isso.*

Dona Zilda: Sobre a festa do boi?

Eduardo: *Sim. Como era? O que acontece nela.*

Dona Zilda: É assim: tem o boi, as catarina, a mula, os vaqueiros e outros, sabe, todo mundo vestido com umas roupas diferente, tem as pessoas que canta, as que dança. Aí sai pelas ruas da cidade com muita música e alegria cantando para o boi, por onde o boi vai passando as

10 membros. O jornal também publicou as provas que os participantes deveriam providenciar para o dia da disputa. Todas as provas da gincana no ano de 1971 estavam relacionadas com o rio, com o artesanato e a cultura dos trabalhadores da cidade. As provas, como mostra o Jornal, eram as seguintes: - Trazer uma carranca de barco no tamanho natural, original ou reprodução. - Trazer o pescador mais velho e que ainda exerça a profissão. - Trazer cinco lavadeiras autênticas com trouxas à cabeça. - Apresentar um número folclórico da região. - Trazer, cada equipe, um gato dentro de um pote. - Trazer, cada equipe, uma roda de fiar e demonstrar ao público seu uso. - Trazer uma rendeira original, com apetrechos (almofadas e bilros) para que a mesma demonstre ao público como utilizar o primitivo objeto. Olimpíada – 94º aniversário da cidade. Ver em: **SF, O Jornal de São Francisco**, São Francisco, Ano XI, N. 459, domingo, 24 out. 1971, p. 05.

¹⁹⁶ A idealização e organização do concurso “Pipa Alegre”, em 1983, foi da Prefeitura Municipal de São Francisco, como parte das comemorações da Semana da Pátria, no mês de setembro, e acontecia em frente ao Peixe-Vivo. Conforme o regulamento do concurso publicado no jornal, os participantes, anteriormente, teriam que confeccionar a sua pipa, de preferência com a ajuda dos pais. A prova tinha duração de 1 hora e 30 minutos, sendo que a pipa não poderia cair até completar a prova. Para cada item do regulamento duas pessoas eram designadas para julgar, pois era premiada uma pipa para cada um dos seis itens do concurso; mais uma prêmio geral dado à melhor pipa em todos os critérios. Segundo o jornal, os ganhadores receberam a premiação no dia 07 de setembro pelas autoridades locais, após o desfile cívico das escolas. Os concorrentes eram classificados conforme o tempo de permanência da pipa no ar, a altura alcançada, as manobras realizadas, o seu tamanho, a originalidade na confecção e a participação familiar, como pode ser observado no regulamento do concurso abaixo: Tempo de permanência no ar (1h 30 min. durante os quais a pipa deverá estar no ar independente da manobra) – 5 pts. Altura alcançada pela pipa (aos 45 min. a contar do sinal inicial para colocar a pipa no ar; será observada a pipa mais alta) – 5 pts. Manobras realizadas no ar (após a avaliação do item 2 e, durante os 45 min. restantes, será observada a habilidade dos participantes em executar diferentes manobras sem que a pipa caia) – 5 pts. Tamanho da pipa (tendo como referência a área da pipa) – 5 pts. Originalidade na confecção (qto. a cores, enfeites, motivos, etc) – 5 pts. Participação familiar (será observada a colaboração dos componentes da família durante a avaliação de todos os itens) – 5 pts.¹⁹⁶ Ver em: Pipa Alegre. Ver em: **SF, O Jornal de São Francisco**, São Francisco, Ano XXI, N. 1096, domingo, 21 ag. 1983, p. 1.

peças vão saindo de suas casas para vê, outros para acompanhar. Aqui tem alguns Boi, mais os mais assim antigo e animado era o de Adão. Tem o de Messias do Quebra e do moço lá do Sagrada Família, que eu esqueci o nome. Oh! E já tem um tempão que tem o boi aqui, mudou um pouquinho, mas todo janeiro tem¹⁹⁷.

Percebi na fala da narradora que ora o Boi é apresentado como brincadeira, ora como festa ou folia, mas sempre com o mesmo significado: diversão. Entretanto, antes de qualquer coisa, entendo a brincadeira do Boi como uma produção social, oral e popular praticada por trabalhadores diversos: pescadores, canoeiros, balseiros, areeiros, pedreiros, carpinteiros, artesãos e trabalhadores rurais entre outros.

Quando dona Zilda fala da permanência da prática de brincar o Boi em alguns bairros, como o Sagrada Família, nos leva à pesquisa de Valmiro Silva. O autor, ao abordar o viver no bairro por intermédio das memórias de seus moradores, nos faz entender que esse território foi formado por pessoas oriundas do meio rural e das adjacências do Rio, predominantemente as do bairro Quebra, por terem perdido suas moradias devido à enchente de 1979.

Dessa maneira, segundo Valmiro, “*grande parte dos moradores que passaram a habitar o bairro Sagrada Família moravam no bairro Quebra, conforme constatado em muitas entrevistas*”¹⁹⁸. Com isso, acredito que muitas pessoas que aprenderam a brincadeira do Boi no bairro Quebra acabaram levando essa prática para o seu novo lugar de moradia, nesse caso, para o Bairro Sagrada Família.

Em 2006, quando ainda estava cursando a graduação, a universidade entrou em greve, então, acostumado a passar todo o mês de janeiro em férias na casa dos meus pais na cidade de Manga, naquele ano tive que ficar todo o mês de janeiro em São Francisco para cumprir a carga horária. Foi então que, pela primeira vez, presenciei a brincadeira, pois ela ocorre todos os anos durante o referido mês. Os vários personagens presentes na história são humanos e animais e toda a brincadeira gira em torno da morte e ressurreição do boi.

Recordo que estava no campus da Unimontes, quando, de repente, o som de instrumentos e vozes invadiu a sala de aula. Alguém falou: “*é o Boi passando na rua*” e, com a licença da professora, todos saímos por alguns minutos para assistir os brincantes.

¹⁹⁷ Entrevista com Zilda Pereira. São Francisco, MG, 04 jun. 2012.

¹⁹⁸ SILVA, Valmiro Ferreira. **Moradores do bairro, moradores da cidade**: reconstruindo vivências. Bairro Sagrada Família. São Francisco, MG. Op. Cit. p. 140.

Chamou-me a atenção o fato de que em São Francisco a Folia do Boi¹⁹⁹ é uma prática que envolve brincadeiras, diversão, artesanatos, cantigas e danças.

Enquanto em alguns lugares do Brasil essa prática tem uma relação estreita com a religiosidade, tendo os seus ritos e cantos voltados para o culto aos santos católicos ou entidades espirituais, na cidade pesquisada os entrevistados, como dona Zilda, deixaram subentendido que, mesmo ocorrendo no chamado ciclo natalino, do mês de dezembro até o dia 6 de janeiro, dia de Santos Reis, o Boi de Reis se estende por todo o mês de janeiro e é vivido somente como uma brincadeira e as músicas e as danças contam a história do Boi²⁰⁰ e dos personagens envolvidos no enredo. Diferentemente das folias de São Gonçalo e Terno de Reis, que estão diretamente envolvidas com o calendário católico.

Dona Zilda, lembrou ainda os personagens principais, segundo ela presentes na brincadeira: são a Mulinha de Ouro, o Bicho Tamanduá, os Vaqueiros, as Catarina e o Boi.

Pra imitar a Mulinha, as pessoas ficam vestidas como se fosse a mulinha mesmo, ou então o burrinho, e dançam no meio do povo. Tem também, deixa eu ver... o Bicho Tamanduá, uma pessoa veste tipo uma capa, parecendo tipo assim umas folha, capim, eles são engraçados porque eles tenta pegar os vaqueiros, e aí, quando pega, fica rolando com alguns no chão. (...) Os Vaqueiros representam o pai Francisco, o marido da grávida que queria comer o Boi; pra ser a Catarina os homens vestem de mulher²⁰¹.

Nos relatos sobre a confecção do personagem central, foi Pedro que contou como o Boi é feito:

O Boi é feito de madeira e depois é coberto de pano. Primeiro faz a estrutura do corpo e depois a cabeça e encaixa no corpo. Tem vez que a cabeça é feita com o próprio crânio do animal, aí pega e enfeita ela todinha. Na brincadeira a pessoa entra embaixo da armação do boi, aí,

¹⁹⁹ Em todo o Brasil e ao longo das cidades banhadas pelo Rio São Francisco essa brincadeira ganha significados diversos e recebe outros nomes, tais como Boi de Janeiro, Festa do Boi, Reisado do Boi ou Bumba-Meu-Boi.

²⁰⁰ Lendo algumas pesquisas sobre essa temática notei que em outras regiões essa prática social apresenta enredos variados, no entanto a história contada e transmitida em São Francisco se inicia quando a mãe Catarina fica grávida e só tem um desejo: comer a língua do boi. Francisco, seu marido, era vaqueiro de uma fazenda e resolve matar o boi de estimação de seu patrão. No momento em que Francisco matava o boi, seu patrão, o fazendeiro, aparece furioso, e quer seu boi vivo outra vez, custe o que custar. Então, sai todo mundo à procura de um médico ou curandeiro para ressuscitar o boi. E, assim que ele é ressuscitado, começam as brincadeiras ao redor dele e entram em cena os inúmeros personagens.

²⁰¹ Entrevista com Zilda Pereira. São Francisco, MG, 04 jun. 2012.

meu fio, o boi ganha vida e aí é só alegria, ele vai imitando os movimento do animal. É um costume que tem todo ano aqui²⁰².

Na folia do Boi, como rememorou Pedro, os protagonistas são os moradores, por isso a brincadeira conta com a presença de trabalhadores diversos. O tempo dedicado para vivenciar e preparar o Boi é disputado com os horários de trabalho. Por meio da fala de Pedro, interpreto o brincar o Boi como uma tradição viva que se constitui na experiência social à medida que essa pluralidade de sujeitos constrói redes de sociabilidades, reafirma os laços comunitários, familiares, de vizinhança e amizades.

O que percebo é que, ao se reunirem em torno do Boi, esses trabalhadores esbanjam criatividade, sabedoria popular, cantos e vestes coloridas. Como vimos na narrativa de Pedro, são os moradores/brincantes que confeccionam o Boi e as roupas dos outros personagens, os instrumentos também, em sua maioria são feitos de forma artesanal por eles próprios. Pedro traz em seu enredo a vivência comunitária de brincar o Boi, os saberes aprendidos com outras pessoas, ou seja, momentos que compunham os seus viveres e as sociabilidades.

Depois de tudo tá preparado para a folia, o Boi começa sair pelas ruas indo de casa em casa, passando pelos bairros da cidade. Quando a gente chama o Boi, ele vem todo alegre, cantando, rodando, dançando e dando muita chifrada e correndo atrás das pessoas, assustando as crianças... [risos] Os vaqueiros oferecem o Boi, daí eles dão o preço, aí a pessoa compra e à noite passa na casa. (...) O boi visita as casas que chamaram ele e as casa que não chamaram também, ele é atrevido. Na casa onde brinca o Boi, a gente fala que comprou o Boi²⁰³.

Por meio da fala de Pedro pude entender que antes o Boi percorria as casas para as quais era convidado, ou então aparecia aleatoriamente de surpresa, promovendo interação social nesses espaços. Ele nos conta que as pessoas “compravam o Boi”, ou seja, pagavam para acontecer a apresentação da brincadeira na porta de sua residência. Esse pagamento se dava de diversas maneiras, a dinheiro, com bebidas, comidas ou biscoitos.

A entrevista foi para Pedro uma oportunidade de lembrar as práticas sociais e da cidade na temporalidade de suas memórias. Sendo assim, trouxe em suas lembranças que o Boi e seus brincantes, por onde passavam, atraíam uma multidão de moradores, que alegremente o saudavam e, como retribuição, os brincantes cantavam e dançavam de forma

²⁰² Entrevista com Pedro Oliveira dos Reis. São Francisco, MG, 15 jan. 2012.

²⁰³ Entrevista com Pedro Oliveira dos Reis. São Francisco, MG, 15 jan. 2012.

incansável. Entretanto, hoje não é mais tão comum os brincantes se apropriarem de dezenas de ruas da cidade através da brincadeira, se limitando a brincar em alguns espaços previamente delimitados, como uma rua qualquer ou nas praças dos bairros.

Ainda assim, é possível encontrar grupos de Bois que saem pelas ruas da cidade seguidos por dezenas de brincantes, adultos e crianças. Esses grupos tomam as ruas do centro e seguem em direção ao seu bairro de origem, passando pelas casas até a madrugada. Com isso, Pedro vai demonstrando que, por meio desta brincadeira, eles criam redes de contatos com toda “a cidade”.

Nessa direção compreendo, através do diálogo constituído com Pedro e com os outros entrevistados, que essa brincadeira, por acontecer todos os anos na cidade, permeada de permanências e rupturas, pode ser entendida como uma tradição viva, portanto seletiva, que articula passado e presente. Não podemos esquecer que as tradições se alteram, mas preservam elementos importantes que representam a ponte entre o passado e presente, o que nos faz pensar que o termo tradição, da maneira como foi colocado pelos entrevistados, não sugere, fundamentalmente, uma recusa à mudança.

Nesse aspecto, Williams me inspirou a pensar: se a brincadeira do Boi é uma tradição, isso não significa que ela seja imune às mudanças, ela se desenvolve de acordo com o meio social, o que não lhe retira nenhum valor, pelo contrário, só reforça o caráter dinâmico da cultura. No entanto, seguindo os apontamentos do autor, entendo que toda tradição é seletiva, pois *“numa cultura particular, certos significados e práticas são escolhidos para ênfase e certos outros significados e práticas são postos de lado, ou negligenciados”*²⁰⁴.

Nesse sentido, o narrador lembrou que, ao iniciar a brincadeira, os brincantes ficavam na porta do dono da residência que comprou o Boi, cantando, dançando e batendo nas “caixas”, uma espécie de tambor. Enquanto isso, o Boi aguarda a certa distância, à espera do chamado. Segundo os enredos, a chamada do Boi para entrar na brincadeira se dá por meio de uma música cantada pelos brincantes, na verdade uma resposta para aqueles que ousaram dizer que o Boi não sairia naquele ano.

Todo mundo me dizia
Que esse boi não saía
Meu boi está na rua
Com prazer e alegria

²⁰⁴ WILLIAMS, Raymond. **Tradições, instituições e formações**. Op. Cit. p. 119

Saiu, saiu daqui agora
Lá vem meu boi moreno
Neste instante nesta hora

Levanta, boi
Vem comer capim
Ei dona da casa
Tenha dó de mim

Segunda-feira
Sábado e domingo choveu
Na porta de ...
Foi que meu boi morreu

Ei boi... Ei boi...
Levanta meu boi
Ei boi... Ei boi...
Abra roda meu boi

Ei boi... Ei boi...
Afacera meu boi
Ei boi... Ei boi...
Amaia meu boi
Ei boi... Ei boi...
Vai saindo meu boi²⁰⁵

Chamou-me a atenção uma prática costumeira que se mantém presente em São Francisco: as crianças são as primeiras a anunciar a chegada do período da brincadeira do Boi. Isto é, a presença das crianças também é uma prática que compõe o festejo, sendo que aqueles que vivem na cidade, já sabem que no mês de dezembro começam as batucadas nas latas, as confecções de caretas e do boizinho de papelão e pano. Essa brincadeira é protagonizada apenas por crianças da cidade, sendo chamada de Boi Mirim ou Boizinho de Lata.

Em 2011 a presenciei e vi que dezenas de boizinhos invadem a cidade, ocupam as ruas e as praças. Essa “imitação” do que os adultos faziam/fazem é retratada por Joaquim como um costume antigo de São Francisco. Joaquim, hoje dono e mestre do Boi do Bairro Quebra, apresentou a brincadeira como um costume vivenciado desde criança.

Brincar o Boi é uma maravilha, é uma alegria imensa. Sabe, eu brincava com o boi desde pequeno, saía atrás do boi com um tanto de criança. A gente via os adultos fazendo e cantando pro Boi, aí a gente, tudo

²⁰⁵ Disponível em: joanavesdemello.blogspot.com. Acesso em: 20 de jun. 2012.

criançona, ainda queria fazer igual eles. Pegava aquelas lata vazia de leite ninho, sabe, ficava batendo nas ruas, amarrava a blusa no rosto igual uma máscara ou então fazia máscara de papelão²⁰⁶.

A memória de Joaquim se produz com a história vivida, as suas lembranças me fazem entender que a participação na brincadeira ocorre pela observação e imitação dos adultos iniciados desde a infância. Joaquim trouxe em suas recordações que muitas crianças, principalmente as do Bairro Quebra, ou seja, aquelas que viviam próximas às margens do Rio, se aglomeravam para assistir a brincadeira, e isso acabava despertando o interesse de se tornar um componente do grupo.

Nesse caminhar, Joaquim, assim como outras pessoas de São Francisco, que começaram brincando com o Boi de Lata com os amigos, familiares e vizinhos, até os dias de hoje repetem os costumes e situações vivenciados enquanto crianças. Joaquim é um dos fundadores do grupo Boi do Quebra, um dos mais antigos da cidade.

São Francisco era muito bom, com as brincadeiras a gente tinha assim verdadeiros amigos, respeitava os mais velhos, queria fazer as coisas que os mais velhos fazia. As coisas boa, sabe [risos], por exemplo, o Boi, eu e os colega daquela época aprendeu foi brincando, fazendo nosso boizinho e saindo zoando nas ruas. Naquela época nem calçamento tinha, era só o terraõ. Quando cresci, pra não deixar essa coisa bonita [brincadeira do Boi] morrer é que resolvi fazer o Grupo do Boi lá do bairro. Sabe, aqui na cidade tinha muita coisa bonita, tão acabando tudo e vindo coisa nova, outras tão diferente²⁰⁷.

Destaco em sua narrativa o costume de ter brincado o Boi desde criança na década de 1970, que o motivou a fundar um grupo com adultos que, em sua maioria, também na infância foram brincantes. Joaquim acredita que foram as crianças com os seus “Boizinhos de Lata” que garantiram a permanência desse costume em São Francisco, pois, com o passar dos anos, era cada vez mais raro encontrar brincantes adultos do boi.

Perseguindo a visão do narrador, os saberes que se constituem enquanto brincadeira se tornam uma ação de aprendizagem, na qual os adultos disseminam os seus conhecimentos para os mais novos, provocando o prosseguimento não só da brincadeira, mas também de experiências sociais de viver e de se inserir nos diversos espaços da cidade. Em sua fala, a brincadeira aparece como sinônimo não só de diversão, mas também

²⁰⁶ Entrevista com Joaquim Messias Queiroz. São Francisco, MG, 24 out. 2007 e 05 ago. 2011.

²⁰⁷ Entrevista com Joaquim Messias Queiroz. São Francisco, MG, 24 out. 2007 e 05 ago. 2011.

de amizades e de códigos de conduta permeados de valores morais, éticos e afetivos que são aprendidos, constituídos e modificados.

Ao falar da brincadeira, Joaquim me mostrou a apropriação dos espaços da cidade de acordo com os seus valores e referências. Penso que é por meio dos costumes e tradições que os sujeitos comuns – trabalhadores – agem no cotidiano, permeado de interesses, portanto de relações conflitantes, visto que eles têm seus costumes de maneira diferenciada do poder dominante. Assim, na rua, nos espaços, nas normas de sociabilidades com hábitos e costumes é que os viveres vão sendo construídos e ao mesmo tempo modificados, muitas vezes, pelas intervenções sancionadas.

Nesse sentido, ao longo do tempo, a brincadeira, tradicionalmente, identificada com os modos de vida da classe trabalhadora, por ocorrer nos bairros pobres, passou por variações e transformou em espetáculo. Importante esclarecer que as pessoas com as quais conversei sobre esse assunto não a veem como um espetáculo, e sim como um costume presente em seus modos de viver. *“Brincar o Boi já faz parte da minha vida e da cidade também, eu sei que com ajuda ou não da prefeitura o Boi sai alegrando o povo não importa onde²⁰⁸”*.

A continuação do Boi de Reis em São Francisco se deve aos donos do Boi e aos brincantes, no entanto, hoje, a brincadeira é organizada pelos “movimentos culturais da cidade” e pela Prefeitura, através da secretária de Turismo, Cultura e Esporte, que, desde o ano de 2011, vem organizando o festival de Boi de Reis com os seguintes objetivos, segundo o seu regulamento:

(...) incentivar, valorizar e difundir uma das mais populares manifestações culturais do município e região. Objetiva, ainda, divulgar essa manifestação cultural imaterial inventariada pelo município no ano de 2009 e fomentar o surgimento de novos grupos de Bois de Reis, para resguardar essa tradição²⁰⁹.

No segundo festival, ocorrido no dia 07 de janeiro de 2012, participaram 10 grupos de bois de Reis formados nos vários bairros da cidade. Foram eles: o Boi da Aparecida, do Sobradinho, do Quebra, da Aparecida de Paulo Roberto, do São Lucas, do Sagrada Família, do Bandeirantes, do centro e o Boi da associação Resgatando Vidas.

²⁰⁸ Entrevista com Joaquim Messias Queiroz. São Francisco, MG, 24 out. 2007 e 05 ago. 2011.

²⁰⁹ SÃO FRANCISCO. Regulamento do II Festival de Boi de Reis de São Francisco, MG. Edição 2012. Secretaria Municipal de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer.

A apropriação da brincadeira pela Prefeitura causou modificações, pois, antes espontânea e com muitos improvisos, agora deve seguir as regras impostas no regulamento do festival. Ao cruzarmos as memórias e histórias dos moradores sobre a brincadeira com a imagem abaixo, compreendemos que o Boi antes era seguido pelas ruas por dezenas de brincantes, sem hora estipulada para começar e terminar. Com o festival, os rituais que envolvem a brincadeira são descontextualizados, sem a dimensão comunitária, são espetacularizados e apresentados em 30 minutos em uma espécie de anfiteatro montado a céu aberto na Avenida JK. Na imagem seguinte podemos ver o Boi com armação de madeira coberto com um pano preto e branco.



Fotografia 11: Em primeiro plano o boi e, ao fundo, a arquibancada montada para receber o público do II Festival de Boi de Reis.

Fonte: joanavesdemello.blogspot.com

Com essas mudanças, os brincantes vão se reorganizando para se adequarem a esse novo espaço festivo montado para ser assistido e não participado, sendo que já estavam acostumados a brincar o Boi nos espaços e territórios de suas vivências, ou seja, nas ruas do bairro onde moram ou trabalham formando redes sociais. Por meio das narrativas foi possível entender que os espaços visitados pelos brincantes do Boi se davam pela adesão e

legitimidade das normas construídas entre eles mesmos. Os brincantes passaram a ter costumes que em tempos passados não se faziam presentes nas vivências da brincadeira, como lembrou dona Zilda.

Se você pensar direitinho, aquela tradição da brincadeira continua, mas tem algumas mudanças, né. Eu vi lá no último festival que tem uns bicho que antes não tinha, né, antes cantava era no gogó, a gente nem sabia o que era microfone, hoje canta no microfone pros jurado entender a letra, né. Importante é que tem a folia, tem o Boi, né²¹⁰.

O festival limitou o número de brincantes para cada grupo, no máximo 30 componentes, portanto o que antes eram normas acordadas e controladas entre e pelos brincantes, com o festival passam a ser instituídas como regulamento que define e seleciona quem pode ou não participar, o que deve e o que não deve ser feito. Os grupos recebem uma ajuda de custo para a confecção do boi e das roupas e contam com equipamentos de sonorização no local do evento, onde ocorrem as apresentações, inclusive microfones sem fio para ressaltar as letras das músicas cantadas. Alguns grupos incorporaram no enredo novos personagens, vários instrumentos passaram a ser usados, como o tarol, surdo e bumbo, produzindo som tal como uma escola de samba.

Os grupos apresentados são submetidos a uma banca julgadora e, no ano de 2012, o melhor Boi faturou R\$ 400,00, tendo que apresentar os seguintes critérios de pontuação:

- I- Boi mais bem representado e confeccionado com pelo menos dois personagens tradicionais (mulinha de ouro, bicho tamanduá, onça ou cavalo de pau);
- II- Maior organização dos participantes e obediência a este Regulamento;
- III- O grupo de boi de reis que tiver três ou mais caixas tradicionais, que apresentar melhor ritmo das caixas e melhor cantoria de forma que a letra fique audível, receberá pontuação extra no valor de três pontos²¹¹.

Não podemos negar a importância do Festival, entretanto o que se nota é um olhar dos seus organizadores para a brincadeira do Boi como algo que precisa ser preservado. Nessa perspectiva, o Festival e os seus organizadores reafirmam a brincadeira como

²¹⁰ Entrevista com Zilda Pereira. São Francisco, MG, 04 jun., 2012.

²¹¹ SÃO FRANCISCO. Regulamento do II Festival de Boi de Reis de São Francisco, MG. Edição 2012. Secretaria Municipal de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer.

folclore, algo exótico e contemplativo, no sentido de gerar pensamentos ajustados aos valores e práticas hegemônicas²¹².

Não a veem como uma experiência humana, portanto social, que exprime os viveres criativos dos ribeirinhos da cidade, mas somente e exclusivamente como uma “manifestação cultural”. Esse costume dinâmico da vida social dos moradores, permeado por experiências individuais e compartilhadas, é transformado em tradição imutável e atração pelo poder público municipal, no intuito de atender aos seus interesses: o de projetar a imagem da cidade.

Nesse aspecto, a brincadeira permanece nos viveres dos trabalhadores da cidade de São Francisco, portanto ganha significados plurais, na medida em que outras referências, significados e experiências vão sendo incorporados a sua dinâmica. No entanto, como nos narrou Denilde, o que importa é que todo ano, “*no mês de janeiro, encontramos na cidade as crianças brincando o Boi de Lata como antigamente e o grupo dos adultos apresentando o seu Boi de Reis pro povo de fora conhecer e tirar foto*”²¹³.

Mesmo apontando as mudanças, aos poucos fui compreendendo que os entrevistados falam da brincadeira não no sentido como está sendo praticada “hoje”, mas, sim, como era vivida “antes” do chamado festival de Boi. Eles só mencionaram o referido festival porque eu lhes perguntei sobre o assunto. Lembram-se da brincadeira ou folia do Boi no sentido de que nada era imposto, as normas de condutas não eram escritas, mas sempre estavam sendo reformuladas pelos participantes. Nesse sentido, amparado nas reflexões de Thompson, posso dizer que a preservação de valores e costumes por parte dos trabalhadores assume um caráter de resistência²¹⁴.

Enfim, problematizar as memórias dos trabalhadores foi compreender os viveres na cidade de São Francisco em sua dinâmica de transformação, identificando mudanças e permanências. Com o ir e vir de suas memórias, aos narrarem suas lembranças, fui entendendo que muitas de suas experiências permanecem em seus viveres e outras foram modificadas, porém não esquecidas. Nesse ponto, Yara Aun Houry contribui para pensar que a memória ativa o tempo e traz versões do passado permeadas de disputas nas dimensões sociais.

²¹² HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. ”. In: _____ . **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Op. Cit. p. 247-293.

²¹³ Entrevista com Denilde Alves Souza. São Francisco, MG, 23 out. 2007 e 07 jan. 2011.

²¹⁴ THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Op. Cit. p. 19.

Ao lidarmos com a memória como campo de disputas e instrumento de poder, ao explorarmos modos como memória e história se cruzam e interagem nas problemáticas sociais sobre as quais nos debruçamos, vamos observando como memórias se instituem e circulam, como são apropriadas e se transformam na experiência social vivida. No exercício da investigação histórica por meio do diálogo com pessoas, observamos, de maneira especial, modos como lidam com o passado e como este continua a interpelar o presente enquanto valores e referências²¹⁵.

Assim, compreendo que as imagens da cidade que aparecem nas memórias dos trabalhadores entrevistados trazem as experiências vividas, sociabilidades, tensões e mudanças em suas maneiras de viver a/na cidade. A análise dos enredos me fez perceber que, conforme o tempo presente e a realidade construída, as pessoas não vivem de forma estática e a cidade não é um cenário fixo, pois é construída e reinventada pelas pessoas nas suas múltiplas temporalidades e territórios.

²¹⁵ KHOURY, Yara Aun. **Muitas memórias outras histórias**: cultura e sujeito na história. Op. Cit. p. 118.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Imaginamos que a história é a experiência humana e que esta experiência, possa ser contraditória, não tem um sentido único, homogêneo, linear, nem um único significado. Dessa forma, fazer história como conhecimento e como vivência é recuperar a ação dos diferentes grupos que nela atuam, procurando entender porque o processo tomou um dado rumo e não outro; significa resgatar as injunções que permitiram a concretização de uma possibilidade e não de outras. (...) A partir daí, pensar a produção do conhecimento histórico como aquele que é capaz de apreender e incorporar essa experiência vivida, é fazer retornar homens e mulheres não como sujeitos passivos e individualizados, mas como pessoas que vivem situações e relações sociais determinadas, com necessidades e interesses e com antagonismos.

Maria do Pilar; Maria do Rosário e Yara khoury

O objetivo desta dissertação de mestrado foi o de apreender alguns sentidos e significados que os trabalhadores atribuem ao Rio e as suas experiências vividas na cidade de São Francisco, região norte do Estado de Minas Gerais. Foi também propósito enfatizar aspectos dos viveres diários desses sujeitos, tais como as suas práticas sociais, sociabilidades, festejos, brincadeiras, tradições, hábitos e costumes. O intuito foi evidenciar uma perspectiva que procura enxergar o caráter ativo dos moradores, destacando os seus modos de divertir, de trabalhar, de morar, relacionar, de aprender e de viver enfim, todas as dimensões de suas culturas.

Dessa forma, para a realização da pesquisa optei por usar fontes orais, advindas das entrevistas com os sujeitos que partilham uma história em comum: vivem em São Francisco. Também foi preciso recorrer aos jornais locais, fotografias e livros de memorialistas.

Ao iniciar o mestrado estava muito focado e preocupado em pesquisar somente as brincadeiras e, deixava em segundo plano o processo de vivências que os narradores me falavam. À medida que comecei a cursar as disciplinas da Linha de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais e com as sessões de orientação, passei a atentar e lançar novas perguntas as fontes. A partir daí, o principal foco de preocupação deslocou das brincadeiras para as pessoas e suas vivências em São Francisco, isto é, os trabalhadores entrevistados foram tornando-se sujeitos da pesquisa.

Em suas entrevistas fui notando pontos em comum e divergentes, as narrativas dos moradores, repletas de memórias apontavam outras direções que a pesquisa não pensava

em seguir possibilitando a abertura de caminhos novos para a reflexão. Então, foi necessário mudar minha maneira de pensar estando mais aberto as questões que a me eram apresentadas.

Nesse sentido, os entrevistados de um jeito ou de outro trouxeram em suas memórias, histórias em que o Rio São Francisco estava presente, aos poucos fui entendendo que o Rio e a cidade estão imbricados em seus modos de vida. Isso me provocou curiosidades, e a problemática da pesquisa tomou novos rumos, pois seria impossível falar de viveres dos sujeitos em São Francisco, sem dar destaque ao Rio como um fio condutor para desvendar as suas práticas sociais.

Os trabalhadores compõem um grupo social que não tem as suas histórias evidenciadas nos registros sociais que narram à história da cidade de São Francisco. Nos livros dos memorialistas, na imprensa, nas festividades cívicas, nos espaços e monumentos espalhados pela cidade os viveres dos moradores comuns são negligenciados, essas pessoas não aparecem como construtores da cidade. No entanto, não podemos esquecer que *“faz parte do exercício do poder ocultar a diferença, a contradição, decidindo o que deve ser lembrado, como deve ser lembrado em contrapartida, o que deve ser esquecido”*²¹⁶.

Desse modo, através de um olhar político²¹⁷ sobre o presente procurei pensar a cidade na temporalidade das memórias de seus moradores. Com o movimento das narrativas foi possível chegar a outras histórias, nas quais esses sujeitos aparecem como produtores da cidade e atribuem sentidos e significados aos lugares de suas vivências - o Rio, as ruas, praças, o bairro e a casa – como territórios de sociabilidades, práticas e relações sociais diversas e complexas em convívio e tensão.

Sendo assim, são os múltiplos usos desses moradores que tecem os lugares, moldam os espaços, formam os territórios e constroem a cidade com as suas experiências, ações e relações sociais. São Francisco foi trazida pelas lembranças nas vivências da diversão e do trabalho, dos usos que constituem os costumes e tradições, com isso, os entrevistados foram recompondo não só as mudanças ocorridas na cidade a partir dos anos de 1970, mas também nos seus viveres.

Quero ainda ressaltar que outras possibilidades poderiam ainda ser exploradas a partir deste tema, muito ainda merece e deve ser pesquisado. No entanto, Thompson com o seu método da lógica histórica de investigação, traz certo acalento para as minhas

²¹⁶ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, M^a do rosário da Cunha; KHOURY, Yara Aun. **A Pesquisa em História**. Op. Cit. p. 27.

²¹⁷ SARLO, Beatriz. **Paisagens Imaginárias**. São Paulo: EDUSP, 1997.

angústias e impotências, ao lembrar que o trabalho do historiador é provisório, incompleto e limitado, e esse trabalho expressa o momento em que foi produzido. E o historiador em sua pesquisa não consegue abarcar todos os aspectos pretendidos.

O conhecimento histórico é pela sua natureza, (a) provisório e incompleto (mas não, por isso inverídico), (b) seletivo, (mas não, por isso inverídico), (c) limitado e definido por perguntas feitas às evidências (e os conceitos que informam estas perguntas), e, portanto, só ‘verdadeiro’ dentro do campo assim definido²¹⁸.

Busquei nessa pesquisa não uma conclusão do tema pesquisado, mas uma contribuição para futuros trabalhos, um estímulo para novos debates e reflexões acerca das **“Histórias, Memórias e Viveres dos Trabalhadores em São Francisco/MG”**.

²¹⁸ THOMPSON, E. P. Intervalo: A lógica histórica. In: _____. **A Miséria da Teoria:** ou planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 49.

FONTES

1- Entrevistas:

Alice Cardoso da Cruz

Nasceu na zona rural de São Francisco em 1966. Mas passou sua infância na zona urbana da cidade. Atualmente é funcionária pública. Entrevista concedida a Eduardo Rodrigues da Silva nos dias 08/10/2007 e 05/08/2011.

Antônio Batista da Silva

Nasceu em São Francisco no ano de 1943. Exercia a profissão de mecânico, hoje é aposentado e reside no asilo da cidade. Entrevista concedida a Eduardo Rodrigues da Silva no dia 18/10/2007.

Ana Souza

Nasceu em 1945 na cidade de São Francisco. Foi lavadeira, empregada doméstica e cozinheira. Atualmente é aposentada. Entrevista concedida a Eduardo Rodrigues da Silva nos dias 10/10/2007 e 16/02/2012.

Denilde Souza Alves

Nasceu na zona rural de São Francisco em 1960, quando criança veio morar na cidade para estudar. Atualmente é professora e pedagoga. Entrevista concedida a Eduardo Rodrigues da Silva nos dias 23/10/2007 e 07/01/2011.

Eliza Delfino Martins

Nasceu em 1953 em São Francisco, filha de balseiro e costureira. Era funcionária pública, atualmente exerce a profissão de assistente social. Entrevista concedida a Eduardo Rodrigues da Silva nos dias 04/10/2007 e 14/02/2012.

Geralda Ribeiro dos Santos

È cabelereira, possui 48 anos nasceu e sempre viveu em São Francisco. Entrevista concedida a Eduardo Rodrigues da Silva no dia 15/02/2012.

Joaquim Messias Rodrigues de Queiroz

Nasceu em São Francisco em 1960. Atualmente é artesão e folião do Boi na cidade. Entrevista concedida a Eduardo Rodrigues da Silva nos dias 24/10/ 2007 e 05/08/2011 .

José Souza.

Nasceu na área rural de São Francisco, tem 64 anos é pequeno agricultor e aposentado. Entrevista concedida a Eduardo Rodrigues da Silva no dia 16/01/2012.

Marcos Santos Soares

Nasceu em São Francisco, no ano de 1973. Filho de pequeno comerciante e doceira, é formado em administração de empresas. Entrevista concedida a Eduardo Rodrigues da Silva nos dias 18/10/2007 e 02/08/2011.

Maria Helena Rodrigues Santos

Nasceu em São Francisco em 1963. Atualmente é dona de casa, filha de lavadeira. Entrevista concedida a Eduardo Rodrigues da Silva nos dias 01/10/2007 e 15/02/2012.

Pedro Oliveira dos Reis.

Possui 49 anos, nasceu em São Francisco, e trabalha como vigilante de um supermercado. Entrevista concedida a Eduardo Rodrigues da Silva no dia 15/02/2012.

Raimundo Ferreira

Nasceu em Januária em 1957. Com seis meses de idade mudou-se para São Francisco com sua família, é filho de lavadeira e pescador. Atualmente é pedreiro. Entrevista concedida a Eduardo Rodrigues da Silva no dia 18/10/2007 e 15/07/2011.

Rosa Maria.

Nasceu em 1962 na cidade de Pirapora, MG, aos seis anos de idade mudou-se juntamente com a sua família para a cidade de São Francisco. Entrevista concedida a Eduardo Rodrigues da Silva no dia 04/08/2011.

Sebastião F. de Souza

Nasceu em São Francisco em 1975, na cidade de São Francisco. Exerce a profissão e pescador e pintor. Entrevista concedida a Eduardo Rodrigues da Silva no dia 03/08/2011.

Zilda Pereira

É auxiliar de escola, tem 62 anos. Entrevista concedida a Eduardo Rodrigues da Silva no dia 04/06/2012.

2- Imprensa:

SF, O Jornal de São Francisco. São Francisco, Ano XV, N. 748, domingo, 23 nov. 1975.

SF, O Jornal de São Francisco. São Francisco, Ano XX, N. 936, domingo, 13 agost. 1977.

SF, O Jornal de São Francisco. São Francisco, MG, Domingo, XVII, 28 agost.1977

SF, O Jornal de São Francisco. São Francisco, Ano XX, N. 936, domingo, 13 jan. 1980.

SF, O Jornal de São Francisco. São Francisco, MG, ano XX, n. 916, domingo 23 nov. 1980

SF, O Jornal de São Francisco. São Francisco, MG, ano XIX , n 950, Domingo, 1980,

SF, O Jornal de São Francisco. São Francisco, MG, ano XX , n 960, Domingo, 1980,
SF, O Jornal de São Francisco. São Francisco, MG, ano XXI, n. 1.162, Quarta-feira, 31 jul.
1985
SF, O Jornal de São Francisco. São Francisco, MG, ano XXI , n 1.186, Quarta-feira, 1986,
SF, O Jornal de São Francisco, São Francisco, MG, ano XXXII , n 1268, Domingo, 1992.
Nosso Tempo. São Francisco, MG, ano II, n. 64, jul. 1998.

3- Obras de Memorialistas:

NETO, João Botelho. **Jornal de Ontem**. São Francisco MG: Edição do autor. 2005.
NETO, João Botelho. **Imagens Sertanejas**. São Francisco, MG: Edição do autor,
BRAZ, Brasileiro. **São Francisco nos Caminhos da História**. Belo Horizonte: Lemi.
1977.

4- Fotografias:

Núcleo de Pesquisa e Preservação do Patrimônio Cultural de São Francisco MG, (ONG
PRESERVAR). São Francisco, MG.

5- Legislações:

SÃO FRANCISCO – MG. Lei n. 624/77 Autoriza doação de importância para a
publicação do Livro São Francisco nos Caminhos da História. 1977.
SÃO FRANCISCO. Regulamento do II Festival de Boi de Reis de São Francisco, MG.
Edição 2012. Secretaria Municipal de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer.

6- Mapa:

Mapa urbano de São Francisco com destaque para a região habitada até o ano de 1980.

7- Arquivo:

Núcleo de Pesquisa e Preservação do Patrimônio Cultural de São Francisco MG, (ONG
PRESERVAR). São Francisco, MG.

8- Diversos:

Censos Demográficos 1970, 1980, 1991. Contagem da População de Minas Gerais. ONG PRESERVAR.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Censo 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO. **Revista Nossa História:** São Francisco. São Francisco, ano 1, n.1, maio de 2003.

SECRETÁRIA MUNICIPAL DE TURISMO, CULTURA, ESPORTE E LAZER. **Cartilha São Francisco:** Quando minha história conta a história de todos. 3º Jornada Mineira do Patrimônio Cultural. São Francisco, 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo Roberto; MACIEL, Laura Antunes; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). **Outras histórias, memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D'Água, 2006.

BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. Sobre História: imprensa e memória. In: MACIEL, Laura Antunes, ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). **Outras Histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

BATISTA, Elicardo Heber Almeida. “**Povos**” de Santana: condições de vida e mobilidade espacial no norte de Minas Gerais. (Dissertação de Mestrado) 131 fls. (Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2010.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: _____ **Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, v.1, p. 197-221.

BENJAMIN, Walter. “Pequena história da fotografia”. In: _____ **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. - (Obras escolhidas), pág. 91-107.

BRAZ, Brasileiro. **São Francisco nos Caminhos da História**. Belo Horizonte: Lemi, 1977.

BRITES, Olga. Retratos de Infância, Infância, História e Fotografia: São Paulo nos anos de 1930. In: ALMEIDA, Paulo Roberto; MACIEL, Laura Antunes; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). **Outras histórias, memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D'Água, 2006, p. 194-217.

CALVO, Célia Rocha. **Muitas memórias e histórias de uma cidade: experiências e lembranças de viveres urbanos**. Uberlândia 1938-1990. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

CALVO, Célia Rocha; CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco; ALMEIDA, Paulo Roberto de. Trabalho e Movimentos Sociais: memórias e produção historiográfica. In: CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco; MACHADO, Maria Clara Tomaz. (orgs) **História: narrativas plurais, múltiplas linguagens**. Uberlândia: EDUFU, 2005, p. 11-38.

CALVO, Célia Rocha. Muitas Memórias, Outras Histórias de um Cidade. Lembranças e experiências de viveres urbanos em Uberlândia. In: FENELON, Déa e outros (org.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004, p. 155-172.

CALVO, Celia Rocha. Narrativas Oraís, Fontes para Investigação Histórica: culturas, memórias e territórios da cidade. **Revista História e Perspectiva**. Uberlândia: EDUFU, v. 42, jan./jun.2010, p. 11-29.

CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. Trabalhadores e Movimentos Sociais: debates na produção contemporânea. In: BOSI, Antônio; VARUSSA, Rinaldo. **Trabalho e Trabalhadores na Contemporaneidade: Diálogos Historiográficos**. Cascavel: Edunioeste, 2011, p. 99-115.

CARDOSO, Heloísa Helena. Nos caminhos da História Social: os desafios das fontes orais no trabalho do historiador. **Revista História e Perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, v. 42, jan./jun.2010, p. 31-47.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. 1 ed. São Paulo: 2000.

CRUZ, Heloisa Faria; PEIXOTO, M^a do Rosário, KHOURY, Yara Aun. Introdução. In: ALMEIDA, Paulo Roberto; MACIEL, Laura Antunes; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D' Água, 2006, P. 9-21.

CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário da C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 35, dez. 2007, p. 253-270.

CRUZ, Heloísa de Faria. CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em Papel e Tinta: periodismo e vida urbana-1890-1915**. SP:EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial de São Paulo, 2000.

DINIZ, Domingos. **Rio São Francisco: Vapores & Vapozeiros**. Pirapora: Ed. Dos Autores, 2009.

FENELON, Déa Ribeiro ET all (Orgs.) **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho D' Água, 2004.

FENELON, Déa Ribeiro. (Org.) **Cidades**. São Paulo: Olhos d'água, 1999.

FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? **Revista História e Perspectivas**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, n. 6, jan/jun 1992, p. 5-23.

GRUPO MEMÓRIA POPULAR. Memória Popular: teoria, política, método. In: FENELON, Déa Ribeiro et all (Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004, p. 282-294.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10^o edição. Rio de Janeiro: DP e A, 2005.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: _____. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG/UNESCO, 2003, p. 247-293.

HOBSBAWM, Eric J. O Sentido do Passado. In: _____. **Sobre História: ensaios**. São Paulo: Companhia das letras, 2004, p. 22-35.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. (Orgs.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura**. Aspectos da vida da classe trabalhadora. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Vetores estruturantes da dimensão socioeconômica da bacia hidrográfica do rio São Francisco**. 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/diagnostico.shtm>. Acesso em: 20 abril 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo 2010**. Disponível em : <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?>. Acesso em: 04 fev. 2012.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. 5 ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LE GOFF, Jacque. **História e Memória**. 4 ed. Campinas: Unicamp, 1996.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACIEL, Laura Antunes, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury.(Orgs.). **Outras Histórias**: memórias e linguagens. São Paulo : Olho d'Água, 2006.

MACIEL, Laura Antunes. “De ‘o povo não sabe ler’ a uma história dos trabalhadores da palavra”. In: MACIEL, Laura Antunes, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury.(Orgs.). **Outras Histórias**: memórias e linguagens. São Paulo : Olho d'Água, 2006, p. 273-298.

NETO, João Botelho. **Jornal de Ontem**. São Francisco, MG: Edição do Autor, 2005.

NETO, João Botelho. **Imagens Sertanejas**. São Francisco, MG: Edição do autor.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, dezembro de 1993, p. 07-28 .

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2.ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. **Revista Projeto História**, São Paulo, PUC, 2001, p.79-103.

KHOURY, Yara Aun. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: ALMEIDA, Paulo Roberto; MACIEL, Laura Antunes; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). **Outras histórias**: memórias e linguagens. São Paulo: Olho D' Água, 2006, p.22-43.

KHOURY, Yara Aun. Muitas Memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto, KHOURY, Yara Aun (Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d' Água, 2005, p. 116-138.

OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins. **O Processo de desenvolvimento de Montes Claros-MG, sob a orientação da SUDENE**. São Paulo, FFLCH/USP, 1996. (Dissertação de Mestrado).

PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In: **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania/ DPH**. – São Paulo: DPH, 1992, p. 25-28.

PEREIRA, Laurindo Mékie. Os Trabalhadores e a Ideologia Regionalista Norte-Mineira: Ensaios contra hegemônicos. **Anais do XVII Encontro Regional de História: conhecer, pesquisar e ensinar História**. Uberlândia, 2010.

PORTELLI, Alessandro. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Revista Projeto História**. São Paulo, 15, abr. 1997, p. 13-36.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**. São Paulo, n. 14, fev. 1997, p. 25-39.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p 103-130.

PORTELLI, Alessandro. O Momento da Minha Vida: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Dea Ribeiro, MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto, KHOURY, Yara Aun (Orgs.) (et. all.) **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d' Água, 2004, p. 296-313.

PORTELLI, Alessandro. **Roda de Conversa sobre “Memórias, Globalização e História oral”**, realizada pela disciplina Estudos Alternativos em Trabalho e Movimentos Sociais e a Linha de Pesquisa em Trabalho e Movimentos Sociais do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, ocorrida dia 21 de setembro de 2011.

PUNTES, J. A; GAVIDA, J. L. M. Historiografia: Construção de novas tendências teóricas. In: PORTO, Gilson Júnior. **História do Tempo Presente**. Bauru: EDUSC, 2007, p. 297-309.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO. **Revista Nossa História: São Francisco**. São Francisco, ano 1, n.1, maio de 2003.

RODRIGUES, Rejane Meireles Amaral. **Antônio Dó: um bandido social das margens do Rio São Francisco (1910-1929)**. (Dissertação de Mestrado) Instituto de História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, 2004, p.33.

ROLNIK, Rachel. “História Urbana: história da cidade?”.**Revista Cidade & História**, n. 12, 1994.

RONCAYOLO, Marcel. Cidade. In: **Enciclopédia Einaudi**. Região, v8. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986, p.396-487.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão Veredas**. 2 ed. Rio De Janeiro 1991.

SAMUEL, Raphael. História local e História oral. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH; Marco Zero, V. 9, n.º 19, set. 1989 / fev. 1990, p. 219-243.

SARLO, Beatriz. **Paisagens Imaginárias**. São Paulo: EDUSP, 1997.

SECRETÁRIA MUNICIPAL DE TURISMO, CULTURA, ESPORTE E LAZER. **Cartilha São Francisco: Quando minha história conta a história de todos**. 3º Jornada Mineira do Patrimônio Cultural. São Francisco, 2011.

SILVA, Eduardo Rodrigues. **Brincadeiras Infantis em São Francisco/MG: Transformações e Memórias**. (Monografia), Universidade Estadual de Montes Claros – Campus São Francisco. 2008.

SILVA, Valmiro Ferreira; BRITO, Saulo Jackson; SOUZA, Harilson Ferreira (Orgs.). **São Francisco em Perspectiva**. Montes Claros: Unimontes, 2010.

SILVA, Valmiro Ferreira. **Moradores do Bairro, Moradores da Cidade: Reconstruindo vivências**. Bairro Sagrada Família. São Francisco, MG. (Dissertação de Mestrado) Instituto de História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, 2012.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P. Intervalo: A lógica histórica. In:_____. **A Miséria da Teoria: ou planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 47-61.

THOMPSON, E. P. O Termo Ausente. In:_____. **A Miséria da Teoria: ou planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 180-200.

THOMPSON, E. P. Prefácio. In: _____. **A formação da classe operária inglesa**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. Vol. 1. p. 9-14.

THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária**. 2 ed. Rio De Janeiro: Paz e Terra, 1988.

THOMPSON, E. P. Folclore, Antropologia e História Social. In:_____. **As peculiaridades dos ingleses**. Campinas. Ed. Unicamp, 2001, p. 227-267.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação história oral e memórias. **Revista Projeto História**. São Paulo. nº 15, abril de 1997, 51-84.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio De Janeiro: Zahar, 1979.

WILLIAMS, Raymond. Dominante, Residual e emergente. In:_____. **Marxismo e Literatura**. Rio De Janeiro: Zahar, 1979, p. 124- 129.

WILLIAMS, Raymond. Hegemonia. In:_____. **Marxismo e Literatura**. Rio De Janeiro: Zahar, 1979, p. 111-117.

WILLIAMS, Raymond. Tradições, instituições e formações. In:_____. **Marxismo e Literatura**. Rio De Janeiro: Zahar, 1979, p. 118-123.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade:** na história e na literatura. Tradução de Paulo Henrique Britto. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, M^a do rosário da Cunha; KHOURY, Yara Aun. **A Pesquisa em História**. 4 ed. São Paulo: editora Ática, 2005.